

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO: MESTRADO

**TRANSFORMAÇÃO CORPORAL E REPRESENTAÇÃO
SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA**

PAULA FERNANDA RIBEIRO DA MATTA

CAMPINAS - SÃO PAULO

AGOSTO DE 1996

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO - MESTRADO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**TRANSFORMAÇÃO CORPORAL E
REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA**

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
**PAULA FERNANDA RIBEIRO
DA MATTA** e aprovada pela
Comissão Julgadora da Faculdade
de Educação Física da Unicamp em
29 de Agosto de 1996.

Data:

10 de dezembro de 1996

Assinatura:

Paula Fernanda Ribeiro da Matta

CAMPINAS - SÃO PAULO
1996



9305485

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	UNICAMP
V.	M429t
TOTAL	30362
PROG.	281197
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PRECO.	R\$ 11,00
DATA	22/05/1977
N.º CDU	

CM-00099122-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF - UNICAMP

Matta, Paula Fernanda Ribeiro da
M429t Transformação corporal e representação social na adolescência /
Paula Fernanda Ribeiro da Matta. -- Campinas, SP : [s. n], 1996.

Orientador: Maria Beatriz Rocha Ferreira
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física.

1. Educação Física-estudo e ensino. 2. Mulher-história. 3. Mulheres-condições sociais. I. Ferreira, Maria Beatriz Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO: MESTRADO

TRANSFORMAÇÃO CORPORAL E REPRESENTAÇÃO
SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

Redação Final da dissertação de mestrado apresentada como exigência da comissão examinadora para obtenção do título de mestre em Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira.

BANCA
EXAMINADORA:

maria beatriz rocha ferreira

Prof. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira

Antônia Dalla Pria Bankoff

Prof. Dra. Antônia Dalla Pria Bankoff

ABrunhs

Prof. Dra. Heloisa Turini Brunhs

Edison Duarte

Prof. Dr. Edison Duarte

Silvana Venâncio

Prof. Dra. Silvana Venâncio

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, pela atenciosa orientação na execução deste trabalho.

À Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pelo incentivo na realização desse curso.

À Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pelo apoio e confiança depositados.

Ao Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada (DEAFA), à Secretaria de Pós-Graduação, ao Laboratório de Antropologia Bio-Cultural da FEF-UNICAMP, pelo auxílio, dedicação e carinho na realização do trabalho.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia (CNPQ) e ao Fundo de Apoio ao Ensino e a Pesquisa (FAEP), pela ajuda financeira recebida durante o curso.

A meus Pais, Familiares e Amigos pelo carinhoso incentivo com que me acompanharam.

À mulher em busca de um despertar.

“(....) no feminino, assim como no masculino, o corpo é experiência histórica. Quando as mulheres se voltam para o passado e se reconhecem na cultura feminina não é ao feminino como essência que se referem, mas ao feminino como experiência”.(Rosiska Darcy Oliveira, 1992, p.15)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

<i>A PESQUISADORA E O TRILHAR ACADÊMICO</i>	1
---	---

CAPÍTULO I

<i>A MULHER NO CONTEXTO HISTÓRICO</i>	6
---------------------------------------	---

1.1- SÉCULOS XII A XV - INFERIORIDADE E SANTIFICAÇÃO	8
---	----------

1.1.1- O CONTEXTO	8
-------------------	---

1.1.2- MODELOS E REPRESENTAÇÃO: A TRÍADE RELIGIOSA	9
--	---

1.1.3- INVESTIGAÇÃO DA NATUREZA FEMININA: A CIÊNCIA	11
---	----

1.2- SÉCULOS XVI A XVIII - A HEROÍNA SUBSERVIENTE	17
--	-----------

1.2.1- O CONTEXTO	17
-------------------	----

1.2.2- MODELO E REPRESENTAÇÃO	18
-------------------------------	----

1.2.3- O DISCURSO LITERÁRIO, A DANÇA E O TEATRO	30
---	----

1.3- SÉCULO XIX - O DESVELAR EM CENA	
---	--

1.3.1- CONTEXTO	33
-----------------	----

1.3.2- MODELOS E REPRESENTAÇÃO	36
--------------------------------	----

1.3.3- REFORMAS E MODERNIDADES	41
--------------------------------	----

1.4- SÉCULO XX - EM BUSCA DA VISIBILIDADE

1.4.1- CONTEXTO	49
1.4.2- MODELOS E REPRESENTAÇÃO	51
1.4.3- MODELOS CULTURAIS - CULTURA DE MASSAS	57

1.5- SÉCULOS XIX E XX - MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: O EXEMPLO DA MULHER NA ATIVIDADE MOTORA

1.5.1- A MULHER E AS OLIMPÍADAS	63
1.5.2- A MULHER E O ESPORTE	65

CAPÍTULO II

ADOLESCÊNCIA/PUBERDADE: RITOS E TRANSFORMAÇÕES

1.1- ASPECTOS HISTÓRICOS	71
2.2- DIFERENÇAS: ADOLESCÊNCIA/PUBERDADE	74
2.3- RITOS DE PASSAGEM	75
2.4- TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS	79
2.4.1- VARIAÇÕES INDIVIDUAIS	83
2.4.2- ATIVIDADE MOTORA	84
2.5- O PROCESSO, O COMPORTAMENTO SOCIAL E A IDENTIDADE FEMININA	85
2.5.1- A INDIVIDUALIZAÇÃO E PROCESSO SOCIAL	85
2.5.2- O COMPORTAMENTO SOCIAL	87
2.5.3- A IDENTIDADE FEMININA	90
2.6- O ADOLESCENTE E O GRUPO	92

CAPÍTULO III

3.1- OBJETO E OBJETIVO DA PESQUISA	99
3.2- DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	100
3.3- ATIVIDADE MOTORA	103

CAPÍTULO IV

MÉTODO - OS CAMINHOS PERCORRIDOS

4.1- DESCRIÇÃO	104
4.2- CONTATOS INICIAIS COM A ESCOLA	106
4.3- AMOSTRAGEM DA POPULAÇÃO ESTUDADA	106
4.4- MONTAGEM DOS INSTRUMENTOS DE COLETA	110
4.4.1- DETERMINAÇÃO DO NÍVEL MATURACIONAL SEXUAL	110
4.4.2- CONFIGURAÇÃO CORPORAL: O MODELO DA FIGURA HUMANA	111
4.4.3- ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	113

CAPÍTULO V

RESULTADOS

5.1 - DADOS DA ESCOLA	115
5.2 - DADOS PESSOAIS	116
5.3 - INFORMAÇÕES E OPINIÕES SOBRE O CORPO	118
5.3.1- CORPO REAL	118
5.3.2- CORPO IDEAL	121
5.3.3- COMPORTAMENTO E INFLUÊNCIAS	123
5.3.3.1- A IDENTIFICAÇÃO COM A FIGURA HUMANA X DESCRIÇÃO DO CORPO	128
5.3.3.2 - O TESTE E O RETESTE DA TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DA FIGURA HUMANA	132
5.4 - INFORMAÇÕES E OPINIÕES SOBRE AS ATIVIDADES MOTORAS	134
5.4.1- HISTÓRICO VIVENCIAL NAS ATIVIDADES MOTORAS NA ESCOLA E FORA DA ESCOLA	
5.4.2- SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DA ATIVIDADE MOTORA	136
5.4.3- INFLUÊNCIAS	140
5.5 - ESTÁGIOS MATURACIONAIS	145
5.5.1- MENARCA	145
5.5.2-ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS SEXUAIS SECUNDÁRIAS	148

CAPÍTULO VI

<i>DISCUSSÃO</i>	150
6.1- CORPO REAL E CORPO IDEAL	151
6.2- ATIVIDADES MOTORAS	156

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS 163

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 171

ANEXOS 179

Resumo

O estímulo pelo assunto desenvolvido nesta dissertação de mestrado surge na infância. Na atuação profissional pude perceber a variedade de significados das atividades motoras determinadas culturalmente, e relacionadas com a diferenciação sexual, portanto, através da prática do magistério de Educação Física, e dos questionamentos pessoais desde a infância, pude realizar esta pesquisa, a fim de melhor compreender estes significados e especialmente sobre o sexo feminino.

O referencial teórico desta dissertação visa compreender o comportamento de dominação e a prática da atividade motora feminina, e interpretar o fenômeno da adolescência numa abrangência biocultural.

Pretendemos argumentar sobre a questão da mulher-adolescente-corpo e atividade motora, e a contribuição da disciplina Educação Física Escolar para a representação social da prática motora em geral na adolescência.

A Educação Física e Esportes no âmbito educacional tende a produzir e reproduzir modelos de corpos e de comportamentos femininos determinados culturalmente através de movimentos estereotipados dentro e fora das escolas.

Considerando o quadro evolutivo feminino, nota-se que a mulher está vivenciando mais e mais a prática motora fora da escola e explorando comportamentos em novos campos de atuação, favorecendo novas representações femininas.

Summary

The will about the subject studied in this master thesis started in the childhood. As Physical Education Teacher I realized the varied of cultural meanings underlying the motor activity and its relationship with gender. So, influenced by my own worries since the childhood, I developed this research to better understand these meanings, specially about the female sex.

The theoretical reference presented in this thesis try to understand the behavior of dominance and practice in the female motor activity and to interpret the phenomenon of adolescence under a biocultural approach.

We intend to discuss the issues of body-adolescence-women and motor activity, as well as the contribution of Physical Education at School to the social representation of the motor practice in general for the adolescence.

Physical Education and Sports in the Educational Area tend to produce or to reproduce ideal models of bodies and the female behavior which are culturally determinate through the stereotype movements in and outside of school.

Considering the female behavior evolutionary framework, one can observe that the women is practicing more and more the motor activity outside of school and exploring new behaviors, favoring new female representation.

INTRODUÇÃO

A Pesquisadora e o Trilhar Acadêmico

O interesse pelo assunto tratado nesta dissertação de mestrado surgiu na infância, na convivência familiar e entre amigos. As interpretações contraditórias e complexas que compõem os papéis e funções sociais exercidas por pais e mães na vida cotidiana, e na vivência das representações sociais transmitidas pelo contexto social influenciaram sobremaneira o interesse pelo tema. O curso de licenciatura em Educação Física favoreceu um ambiente propício para o estudo em questão, pois as participações, vivências, interesses e preocupações nas conversas com professores e amigos refletiam ainda mais a insatisfação pessoal e uma tendência ao aprofundamento das discussões sobre a transformação corporal, atividade motora e representação social na adolescência.

A partir da formação profissional, licenciada em Educação Física, tornei-me professora responsável por crianças e adolescentes em escolas públicas. A atividade profissional foi fundamentada na intenção de proporcionar um ambiente escolar, no qual pudesse tentar suprimir determinadas carências de diferenciação sexual, quanto à aprendizagem do conteúdo programático da disciplina Educação Física. Pude constatar a variedade de significados das atividades motoras nos diversos contextos sociais, através da prática no magistério de Educação Física como também pelos questionamentos pessoais desde a infância e adolescência, a busca de

melhor compreender estes significados motivou-me a realizar esta pesquisa, especificamente sobre o sexo feminino. Espero que este trabalho possa contribuir para o conteúdo da Educação Física na escola, assim como clarificar uma nova forma metodológica de estudo sobre o universo da adolescente.

A história da Educação Física nos remete à discriminação e à inferioridade da mulher. A motricidade humana feminina é considerada inferior, tanto nas questões qualitativas, quanto quantitativas, dentro da execução e organização das atividades motoras, em aulas de Educação Física. Importa-me perceber e questionar em que medida e por que as atividades motoras oferecidas na escola perpetuam esta condição para o sexo feminino.

Não critico as diferenças biológicas próprias da espécie, mas as formas de reducionismo preconceituoso e discriminatório, muitas vezes implícitas nas práticas pedagógicas dos professores e da sociedade de maneira geral. A prática da atividade motora feminina encontra também problemas resultantes de comparações feitas com o modelo masculino. A mulher apresenta características próprias, como por exemplo aspectos anátomo-fisiológicos, que a diferenciam na exteriorização do movimento. A atividade motora praticada na escola se diferencia muito daquela atividade motora praticada pelas adolescentes fora da escola. No contexto social amplo, verifica-se uma maior variedade de opções que vão mais de encontro com as necessidades individuais de movimento. A mulher, na prática social, estabelece uma maior liberdade nos padrões de movimentos, gestos, vestuário, etc.

Percebe-se um contrasenso quando comparamos este quadro com as atividades motoras oferecidas em aulas de Educação Física: uma inadequação na transmissão dos conteúdos programáticos da Educação Física, que não representa o que é vivenciado e observado socialmente. O referencial teórico desta dissertação, portanto, aborda uma retrospectiva histórica, quanto à concepção de mulheres, o fenômeno da adolescência e motricidade, numa perspectiva biocultural.

O *capítulo I* apresenta uma visão histórica sobre a mulher, retratando o contexto patriarcal, as permanências e mudanças, a subjetividade, a submissão, os comportamentos e os relacionamentos dos séculos XII ao XX, no ocidente ou mais especificamente na França, Inglaterra e Estados Unidos, países que receberam grande influência cristã. É uma valiosa experiência de vida e sabedoria para as demais gerações, possibilitando uma tentativa de melhor compreender este comportamento de dominação feminina e não incorrer nos mesmos erros na evolução das relações entre os sexos. O capítulo I não pretende cobrir toda a extensão histórica até os dias atuais, devido à dimensão do problema relacionado com o corpo feminino e com as relações de gênero.

O material utilizado para estudo dos aspectos históricos baseou-se na *Coleção História das Mulheres* (1996), composta por assuntos sobre a mulher, analisados por diversos campos da Ciência.

No *capítulo II*, intitulado “Adolescência/Puberdade: ritos e transformações”, procuramos interpretar o fenômeno adolescência numa abrangência biocultural, fornecendo uma visão histórica até a realidade atual. O material utilizado para o estudo integra várias contribuições da Ciência nos campos da antropologia, sociologia, história, psicologia.

No *capítulo III*, abordamos o objeto e objetivos da pesquisa, assim como a delimitação do problema.

O *capítulo IV* fornece o processo de elaboração, seus caminhos e descaminhos na construção do projeto de dissertação de mestrado.

O *capítulo V* envolve a população e a descrição da escola e das adolescentes, como também informações relativas ao questionário e às tabelas de auto-avaliação.

O *capítulo VI* associa elementos da história de nossas antepassadas com atuais experiências vivenciadas pelas adolescentes, obtidos através da pesquisa de campo. Pretendemos argumentar sobre a questão da mulher-adolescente-corpo e atividade motora, e a contribuição da disciplina Educação Física escolar para a representação social da adolescente relacionada com a prática motora em geral.

No capítulo VII, as considerações finais são constituídas por questões sobre a Mulher-Corpo e Modelos de Representação, sobre a Mulher e, a

Atividade Motora e a Concepção de Mulher. Contém também referências bibliográficas e anexos.

CAPÍTULO I

A Mulher no contexto histórico

O capítulo I foi elaborado a partir de estudos baseados na *Coleção Histórias de Mulheres* (1996), que apresenta uma coletânea de assuntos sobre a mulher, retratados por diversos campos da Ciência. Esta coleção sintetiza um conjunto de estudos sistematizados por época e pesquisadores de diversas áreas e nacionalidades européias. Os tópicos referem-se a pesquisadores desta coletânea, assim como a outros, relacionados ao assunto.

A opção por tal coleção tornou-se necessária devido às dificuldades encontradas em relacionar assuntos sobre “o corpo”, com a especificidade do tema relacionado ao corpo feminino, em especial numa visão multidisciplinar. Nesta parte histórica, enfocamos os principais fatos que influenciaram a história da mulher no contexto social do século XII ao XX, sem a pretensão de ser um trabalho de História.

Levando-se em consideração a compreensão de que somos uma construção social da diferença entre os sexos, Mauss (1974, p.221-222) propõe-nos que “*observações gerais sobre a diferença de atitudes dos corpos em movimento em relação aos objetos em movimento nos dois sexos deveriam ser pesquisadas com a parceria de Ciências vizinhas*”. De certa maneira e em alguns momentos, encontramos-nos diante de modelos e regras

de condicionamentos do passado. Entendemos que os diversos tópicos e elaborações das concepções de mulheres possam vir a servir de reflexões e comparações dos comportamentos e hábitos sociais, revelando suas autopercepções e as percepções das mulheres no mundo de nossas antepassadas.

Os discursos que fundamentam as concepções de mulheres são em sua maioria masculinos. Nessa época, as mulheres quase não tinham acesso aos meios de expressão, a não ser àqueles que normalmente eram permitidos e estavam presentes, por exigência das suas tarefas domésticas cotidianas. Grieco (1994, p 71) argumenta que *“o viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, como pelas suas mais específicas definições de gênero”*. Desta forma, percebemos que a “atitude cultural” das mulheres tem forte tendência de ser deixada à sombra da História e das “definições de gênero”, construídas em boa parte pela visão masculina. Podemos perceber que tais modelos de dominação são mantidos por homens e mulheres, estas os consideram como legítimos. A não conscientização do processo de dominação perpetua tais circunstâncias, pois as mulheres no seu cotidiano transmitem os ensinamentos a sua família e às pessoas que convivem ao seu redor. Segundo Bruhns apud Romero (1995): *“embora as concepções relativas à mulher façam parte de um modelo de dominação, são concomitantemente interiorizadas pelas mulheres”*. Esta não é uma abordagem feminista, mas é apenas delineada à luz dos processos históricos.

1.1- Séculos XII e XV - Inferioridade e Santificação

1.1.1- O Contexto

Entre os séculos XII e XV, clérigos, homens da religião e igreja tinham uma fundamental influência na construção social da mulher. Conforme ressalta Dalarun (1994, p. 29) *“tem a obrigação de pensar a humanidade, a sociedade e a igreja, de orientar às mulheres no plano da salvação, de atribuir também às mulheres o seu lugar nesta divina economia”*. Além disto, adicionava-se aos homens da religião o poder da escrita, a transmissão dos conhecimentos e a comunicação do que as mulheres deveriam pensar.

O discurso medieval sobre as mulheres refletia suas dúvidas, incertezas e fantasmas que rodeavam as interpretações das mesmas. A palavra masculina impunha suas concepções e imagens, remetidas por homens “castos”, que recusavam a sua convivência; eram homens cujo estatuto eclesiástico delineava celibato e “castidade”.

No século XIII, a “idade natural” cedia à “idade social”. No mundo medieval, infância e adolescência uniam-se numa única etapa: a virgindade. Este período da vida era considerado transitório, incompleto, preparatório para a fase de reprodução.

1.1.2- Modelos e Representação: A Tríade Religiosa

Os modelos religiosos e domésticos propostos pelos clérigos em sua concepção feminina, referiam-se às virtudes da obediência, da temperança e da castidade, a guarda do silêncio, da imobilidade e da reserva. A **tríade sagrada** orientava a interpretação feita pelos clérigos da singularidade teológica da feminilidade, sendo representada por Eva, Maria e Madalena (Dalarun,1994).

No momento de ser banida do Éden, recebia do homem o seu nome - e tornou-se **Eva** - “*a mãe de todos os seres vivos*” (Dalarun, 1994, p. 35). Eva foi o primeiro modelo feminino que reuniu todos os indivíduos do seu sexo, constituindo o conjunto de elementos negativos e indutora da desobediência de Adão: personificava a tentação, a sedução, a inimiga, a “porta do diabo”. A figura de **Eva**, em vez de ser apagada, foi compensada pela da **Virgem Mãe**, e **Maria Madalena**.

Com a figura da virgem Maria consagra-se também o tempo de “Nossa Senhora”, no qual Maria foi única, sem exemplo, pois era virgem e mãe ao mesmo tempo. Era necessário conceber a idéia de que Cristo havia sido gerado na pele de uma mulher pura. Desta forma, a santificação de Maria, não foi senão um processo de purificação que possibilitava uma reparação do pecado original em benefício da mãe do Salvador. O fato de

nascerem filhos prodigiosos facilitava a concepção de uma vida santa até para as mulheres casadas. Estas santificações e purificações estavam respaldadas em quatro dogmas da Igreja: a maternidade divina, a virgindade, a figura da Imaculada Conceição e a Assunção.

Com a preeminência do purgatório, do resgate das faltas cometidas desde a concepção, o modelo de mulher propagado pela Igreja foi o de “**Maria Madalena Penitente**”, consolidando o lugar do arrependimento, da esperança e do temor, através da confissão das faltas e da disposição pela reabilitação. Nesta orientação parece que as mulheres, por meio do exemplo de Madalena, deveriam resgatar-se duas vezes, por duas faltas graves: serem pecadoras e serem mulheres. Haja visto que o perfil de Madalena, no papel de progenitora da salvação, segundo Dalarun (1994, p. 50) nos remete ao seguinte discurso:

“Isto se fez para que a mulher que trouxe a morte ao mundo não permanecesse no opróbrio; pela mão da mulher a morte, mas pela sua boca o anúncio da ressurreição. Tal como Maria sempre virgem nos abre a porta do paraíso, do qual nos excluiu a maldição de Eva, também o sexo feminino se desembaraçou do seu opróbrio por Madalena”.

1.1.3- Investigação da Natureza Feminina: A Ciência

Frugoni (1994) relata que as fontes iconográficas profanas ou religiosas nas modelações das imagens da mulher pertenciam, na sua maioria, ao universo religioso. Estas imagens caracterizavam os modelos conceptuais descritos anteriormente.

Eva, a protagonista culpada da união carnal, papel ativo do pecado, marcava, desse modo, o seu destino, e o de suas descendentes - de esposa e de mãe.

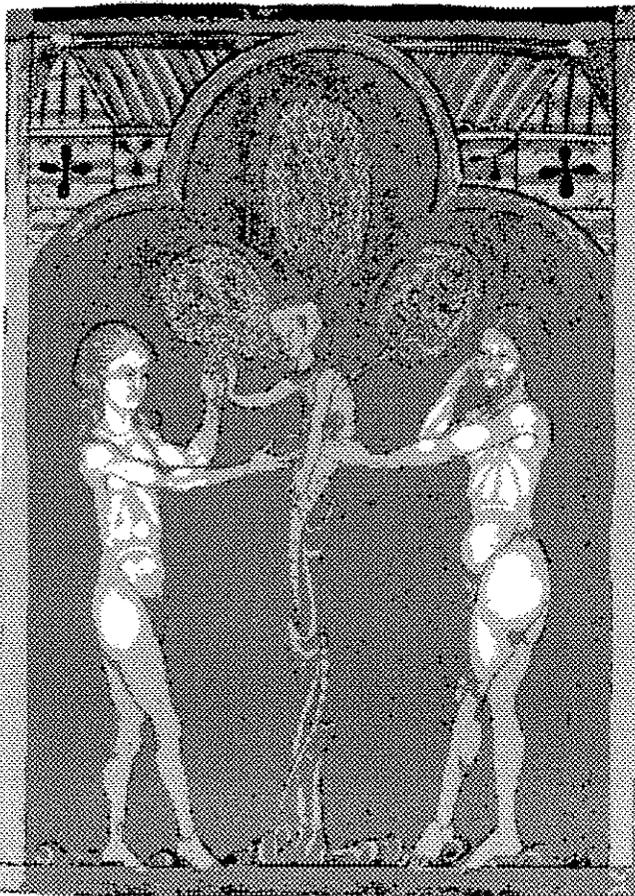


Fig. 1. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Frugoni, 1994, p. 472) em *"A mulher nas imagens, a mulher imaginada"*. Figura *"A tentação de Adão e Eva."*

A virgem Maria, tornou-se um instrumento de redenção. Ela foi o inverso de Eva. Maria deu à luz o filho, mantendo-se virgem. E por ser a única do seu sexo no qual o corpo não conheceu a união do matrimônio, pode estar próxima da Divindade. Constituiu um significado, o qual cada mulher deveria procurar alcançar. Com a proposta que negava acima de tudo o corpo feminino e suas funções, relacionava-se com o Divino. Sua figura é controversa entre a religião católica e protestante, devido à sua virgindade após o nascimento de Jesus Cristo.



Fig. 2. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Frugoni, 1994, p. 472) em “*A mulher nas imagens, a mulher imaginada*”. Gravura de “*O casamento de Maria.*”

Madalena foi o símbolo da mulher redimida, arrependida, que considerava a vida terrena como um mundo de expiação, regenerando-se com penitências e solidão. Os cabelos compridos são um símbolo tradicional da sedução feminina e, com eles, Maria Madalena secou os pés de Jesus. Na figura 3, ainda vestida com luxuosos trajes de pecadora, recebe um desconhecido enviado de Deus; à esquerda, solta os cabelos, que lhe chegam aos pés, nas águas do Jordão, no caminho da purificação.



Fig. 3- Adaptado da Coleção História das Mulheres (Frugoni, 1994, p. 474) em “*A mulher nas imagens, a mulher imaginada*”. Gravura retratando “*Madalena penitente.*”

1.1.3.1- Medicina e Ciência

Na Idade Média, na França, os órgãos genitais da mulher recebiam o nome de “*natureza*”. A denominação foi aplicada sobretudo à fêmea mulher, expressando a ligação do ser feminino à matéria. A descrição anatômica deveria respeitar o princípio da finalidade, evocar sua função principal: a procriação.

As primeiras dissecções (1100-1150) constituíam novas e interessantes contribuições. Através da Anatomia de Cophon, ou Anatomia do porco, faziam-se os primeiros discursos, uma vez que se considerava o porco inteiramente semelhante ao homem. Sucediavam-se duas descrições anatômicas da mulher ao esquema de dissecções do porco. Na terceira dissecção, os métodos foram executados em cadáveres humanos.

Na época medieval, pensava-se que a matriz (colo do útero) fosse a forma inversa do pênis. Os ovários foram retratados como testículos femininos. Os textos árabes descreviam a matriz como semelhante a uma bexiga, com dois prolongamentos laterais que se estendiam até as virilhas (Dalarun,1994). O sangue menstrual, o líquido que alimentava o embrião,

poderia exercer uma ação particularmente nociva sobre os que rodeavam a mulher menstruada.

As obras de medicina e as ciências transmitiam, na maioria das vezes, uma visão negativa do sexo feminino. O naturalista do Renascimento utilizava como metodologia a observação e a referência do corpo masculino:

“A idéia que se faz da mulher e do seu perfil nos próprios fatos científicos irá da descrição de um corpo feminino com mau funcionamento, a de ‘cópia defeituosa do corpo do homem’, de natureza frágil, sujeita às convulsões e às desordens do útero” (Farge, Davis, 1994, p 299).

Laqueur (1990) relata que mais ou menos no final do século XVIII, a natureza sexual humana mudou. Cita um antropólogo moral, Moreau (1803 apud Laqueur, 1990, p.05) que diz: *“Todas as partes do corpo da mulher são diferentes das do homem, e os papéis de gênero são baseados nessas divergências biológicas”*. O argumento de Laqueur é que neste período, o sexo ou o corpo, deveriam ser entendido como epifenômeno, enquanto o gênero visualizado como uma categoria cultural, era o primeiro, o real.

A visão e imagem do corpo pela medicina e ciência atravessavam um intenso quadro epidêmico entre os séculos XVI e XVIII, quando apareciam

doenças contagiosas, como sífilis e peste. A disseminação destas ocorriam devido à falta de higiene na utilização das casas de banho, que mascaravam locais de prostituição para o público. A partir da aparição de epidemias, o hábito do banho desaparecia, agravando ainda mais a situação.

Entretanto, já no final do século XVIII, surgiu a exaltação da saúde através do regresso do banho como atitude terapêutica na promoção de benefícios, como: circulação de humores, robustez muscular, estimulação do funcionamento orgânico, vigor, qualidades tonificantes vindas da água. Entre os séculos XVI e XVIII, o corpo recebeu muita influência cristã na construção do seu conhecimento pela ciência e da medicina, assim como de todo o contexto social que circundava a organização humana, nos burgos ou nas cidades. O estudo do corpo contou com melindres religiosos e receios morais.

1.2- SÉCULOS XVI a XVIII - A Heroína Subserviente

Buscamos salientar as raízes da dominação, que suportavam as relações entre os sexos no passado remoto, “*donde viemos*”...

1.2.1- O Contexto

Nos séculos XVI-XVIII, encontramos um intenso clima de instabilidade sócio-política e de deteriorização dos quadros de referências. O modelo eclesiástico no qual o Estado se apoiava, sobretudo no século XVII, no mercantilismo econômico, dividia-se em redes de espiritualidade, organizando socialmente novas práticas de crenças.

Na Europa do século XVI, verificava-se um determinado puritanismo e vergonha diante do corpo de natureza efêmera, perigosa, com inúmeras fraquezas, diante de sua aparência e de sua sexualidade, que posteriormente viriam a ser celebrados pelo culto à beleza e pela redescoberta do nu (Grieco, 1994).

No decorrer destes três séculos, profundas alterações econômicas (tais como epidemias, guerras e fome), políticas, culturais (passagem da vida rural para a vida urbana) e religiosas (confronto entre protestantes e católicos), modificavam as relações entre os sexos. Estas alterações, por conseguinte,

vão modificar o estatuto da mulher, redefinindo sua relação para com o mundo (Farge, Davis, 1994).

A evolução nos hábitos e gostos refletiam mudanças na concepção e aparência do corpo feminino, manifestando um obsecado interesse pela ordem e estabilidade social, no qual as questões de gênero desempenhavam um papel fundamental.

Com o início do processo civilizatório, a partir do tratado de Erasmo de Rotterdam, *Civitate Morum Pueritium* (1530), o comportamento, a postura, o gesto, o vestuário, as expressões faciais determinavam regras também para o comportamento feminino, exteriorizando manifestações advindas do interior. Nesta representação de normas e técnicas corporais, subentende-se o controle entre as pessoas dentro da sociedade, através da diferenciação dos papéis (Elias, 1978).

1.2.2- Modelo e Representação

A arte de representar por meio de imagens permite-nos refletir seus traços contrastantes, suas diferentes leituras e suposições, a respeito do que comunicam suas legendas. A dicotomia da imagem feminina encontra-se sempre nos extremos; dificilmente encontramos um meio termo, sendo as mulheres definidas como *deusa/animal, vida/morte, eva/maria, anjo/diabo*.

Nas imagens, assim como na literatura, podemos observar que a mulher assume tanto rostos imaginários, quanto aqueles fantasiados pelos autores.

Nestas representações iconográficas, misturam-se muitos mitos, encantamentos, medos e emoções, nascidas do feminino:

“A cena pictural, literária, teatral oferece espaços de liberdade, alimenta meios para a mulher se apropriar dos papéis e funções já que o discurso das artes não tem meios, nem vontade de constranger de forma demasiado autoritária - a criação a isso obriga” (Farge, Davis, 1994 apud Borin, 1994, p.298).

As pinturas realçam a problemática de conjunto. A relação entre o mundo masculino e o mundo feminino foi reproduzida na obra de Hans Gossaert (1518) - *“A metamorfose de hermafrodita e da ninfa Salmácis”*.



Fig. 4. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Davis, 1994, p. 250) em "*A Mulher na Política*". Ilustração de "*A Metamorfose de Hermafrodita e da Ninfa Sálmacis*" (Gossaert, 1518).

No quadro de Jean Cousin (1540) - "*Eva Prima Pandora*" (Figura 5), o paradoxo entre o corpo idealizado e os perigos que ele encobre, como, o ventre e o seio, assumem um duplo papel, sentido erótico, no imaginário masculino e sentido da fecundidade e da alimentação, que se caracteriza por um discurso normativo.

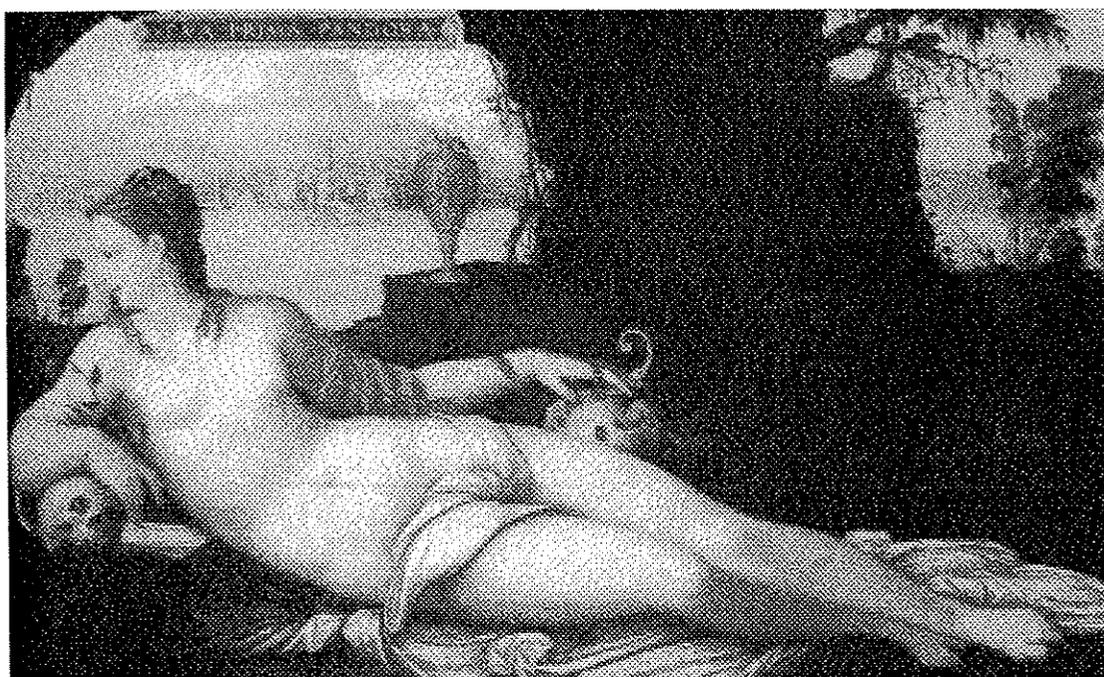


Fig. 5. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p.257) em "*Uma Pausa para a Imagem*". Figura de "*Eva Prima Pandora*" (Cousin, 1540).

Na figura 6, observa-se a duplicidade conceptual da mulher, como *mulher lua*, identificando-a com a noite, com a feitiçaria.



Fig. 6. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 257) em “Uma Pausa para a Imagem”. Figura da “Influência da Lua Sobre a Cabeça das Mulheres” (anônimo).

Na figura 7, a *mulher-diabo*, aproximando-se do anjo e do demônio, sua simultânea expressão do ser.



Fig. 7. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 266) em “*Uma Pausa para a Imagem*”. Figura de “*A Imperfeição das Mulheres*” (anônimo).

A *mulher-morte*, considerada como filha de Eva. Devido à sua vulnerabilidade à tentação, causou a morte do gênero humano (Figura 8).

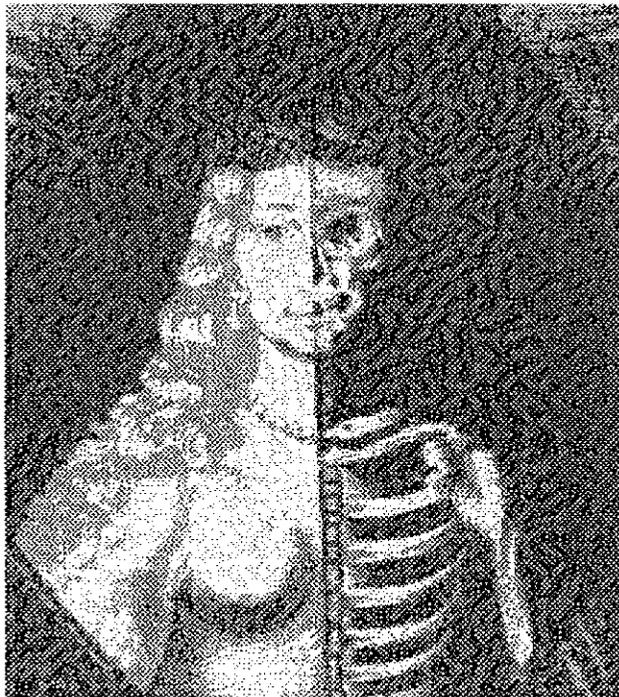


Fig. 8. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 268) em “*Uma Pausa para a Imagem*”. Gravura anônima de “*O Espelho da Vida e da Morte*”.

Diante destes enigmas de representação, a classe dominante decidia reduzir suas capacidades intelectuais, tornando-a boa porque “não tinha cabeça”. Limitavam-na a suas funções domésticas: fiandeira e guardadora de rebanhos. A fiandeira era considerada a mulher por excelência, e a roca, o símbolo da condição feminina. Esta questão sobre o cérebro feminino condicionava a partilha dos papéis sexuais, dos espaços e sua coabitação na vida cotidiana, como podemos observar na figura 9.



Fig. 9. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 272) em “Uma Pausa para a Imagem”. Gravura intitulada “Serão Familiar” (Claudine Stella, 1667).

Quando a mulher se encontrava em liberdade, ela era considerada má e perigosa, pois ameaçava a ordem e a estabilidade social, externando manifestações internas não compatíveis com a representação de normas e técnicas corporais femininas.

Era preciso reprimir o seu *excesso temperamental, verbal*, “fechar sua boca e seu sexo”. Para fechar-lhe o sexo, usavam o cinto de segurança, ou melhor dizendo, “*o cinto de castidade*”. Para fechar-lhe a boca, envolviam-na em frivolidades; promoviam uma regulamentação de sua aparência : “*a moda*”.

Estes fatos levavam-na a um conformismo, não perturbando a ordem social. No entanto, esta aparente solução procurava regulamentar seus hábitos, seus comportamentos, transformando e domesticando suas emoções, suas paixões. O reino da etiqueta será o resultado mais acabado. A figura 10 retrata a educação no século XVIII- “*Le Carnaval Perpetuel*”. Mostra a inúmera variedade de máscaras rígidas e enganadoras, femininas e masculinas, que atuavam no jogo mundano.

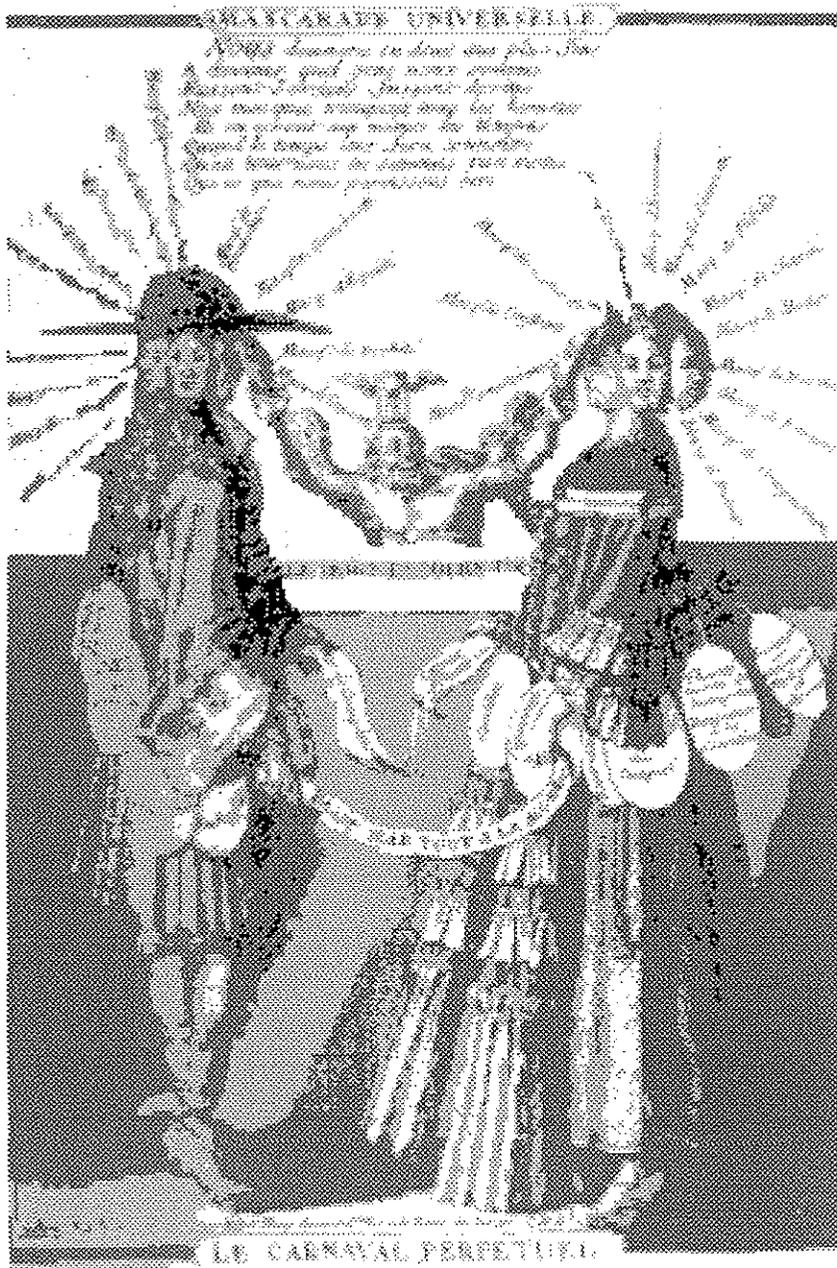


Fig. 10. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 277) em “Uma Pausa para a Imagem”. Gravura sobre a educação - século XVIII.

Aos rapazes estava destinada a leitura, a escrita, a geometria, a técnica da guerra. Às raparigas, a costura (Borin, 1994). De acordo com tal quadro social, as mulheres se encontram em situação de emergência, devido à excessiva dominação a elas imposta, sufocando sua existência.

Os objetos tradicionais dos papéis femininos desviavam-se da função: a vassoura servia para o abandono do espaço doméstico; o unguento transformava-se em bálsamo para atrair demônios; o caldeirão servia para cozer fetos e fazer sopas diabólicas. O mundo ficou “de pé para o ar”, “às avessas”. Centenas de mulheres pagavam com a vida a desordem que pensavam ter semeado. Na França, com o decreto de novembro de 1793, proibiam-se clubes e associações de mulheres, sufocando a voz feminina por um longo tempo.

A mulher encontra-se só, abandonada, retirada da vida pública, recolhida sobre si mesma (Figura 11).

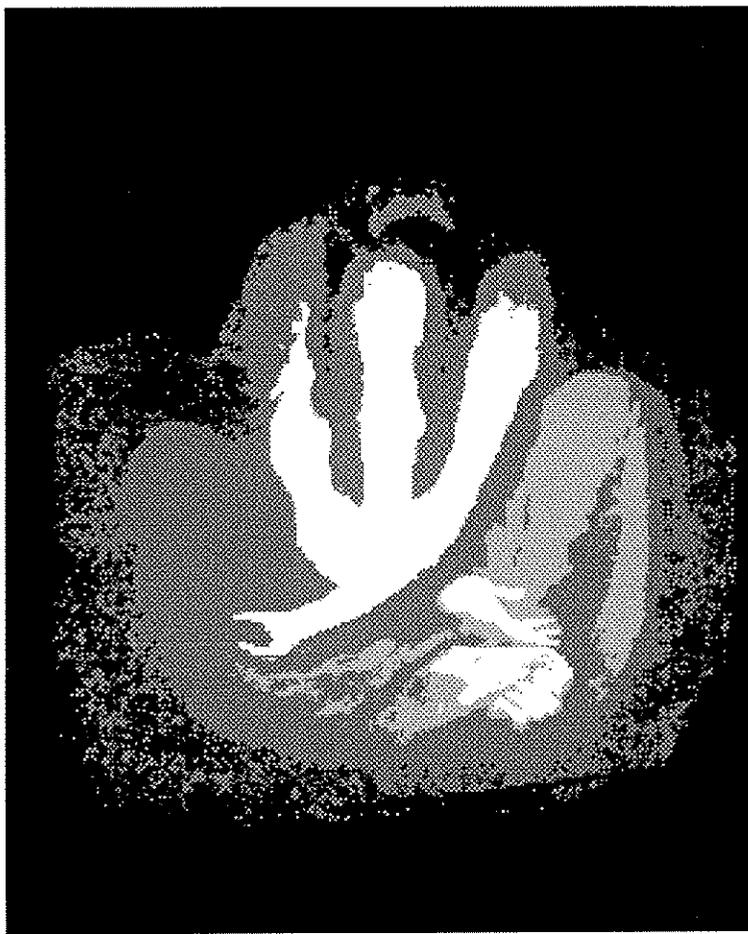


Fig. 11. Adaptado da Coleção História das Mulheres (Borin, 1994, p. 291) em *“Uma Pausa para a Imagem”*. Gravura *“Das Schweigen”* (Füssli).

1.2.3- O Discurso Literário, a Dança e o Teatro

Na França ou na Inglaterra, nos séculos XVI-XVII, encontramos “a mulher edificada”, num turbilhão de confrontos e controvérsias. Transformava-a em uma quase heroína, em sua experiência de mulher vislumbrava-se uma total realização do ser.

No discurso protestante, mais igualitário e exigente, ela representava o *alter-ego* do marido, associando-a à gestão do patrimônio, ao culto doméstico, ao casamento dos filhos. A honra familiar era seu destino, razão pela qual foi criada. No discurso católico, espelhava-se a doçura, compaixão e o amor materno nas virtudes inatas do sexo feminino. *A Honneste Femme* personificava a mulher casada, viúva ou religiosa, e ela nunca deveria se emancipar da tutela masculina.

Com a “mulher sonhada”, na França do século XVII, e a “mulher pretexto”, “*aquilo que se chama amar, é apenas falar, falar; falar de amor*” (Desaive, 1994, p. 310). Conferia à mulher os primeiros papéis, exaltava sua beleza, sua paixão, sobretudo na Ópera, como se paixões só pudessem ser vividas por procuração. Os gêneros literários “nobres” - teologia, filosofia, história e direito - ignoravam as mulheres ou lembravam-nas de seus deveres.

As tragédias, comédias, e as óperas faziam exatamente o contrário e exaltavam as paixões, conferindo às mulheres seus primeiros papéis (Desaive,1994).

Na dança, a linguagem do corpo permitia à mulher exprimir-se de igual para igual com o homem, e em perfeita complementaridade. As mulheres acompanhavam os homens em todos os exercícios físicos que praticavam. O baile era uma ocasião na qual ela podia movimentar-se com graça, vivacidade, desde a classe rica até a pobre: “(...)Elas só podem libertar seu espírito através do romance ou da devoção, e o seu corpo apenas através da dança” (Desaive, 1994, p. 335).

A identificação do teatro com a casa de prostituição corporizava aspectos sexualmente estimulantes e ameaçadores, implicando num juízo negativo das relações humanas e suas identidades, em termos teatrais (Nicholson, 1994).

O teatro colocava a mulher num primeiro plano, com todos seus aspectos negativos e positivos, frequentemente ambivalentes. Por vezes, as personagens e papéis femininos desmentiam os modelos de inferioridade, de subserviência que supunham representar. Dentre os papéis normativos, encontrávamos *a donzela virgem, a esposa casta e a viúva abstinente*. Nos papéis transgressores, tínhamos *a mulher alcoviteira, a prostituta, a cortesã e a mulher adúltera*.

Nota-se que os papéis dão prioridade à sexualidade e ao corpo feminino, precisamente aquelas forças que mais ameaçavam a dominação patriacal (Nicholson, 1994).

A aceitação das mulheres atrizes e dramaturgas na Itália, França, e Espanha coincidia com a profissionalização do teatro nestes países. Como indústria do espetáculo, as atrizes remuneração menor do que seus colegas masculinos. Raramente atingiam aquela condição social literária privilegiada, que alguns atores conseguiam alcançar.

1.3- O SÉCULO XIX

1.3.1- CONTEXTO

Neste momento histórico encontramos um aumento significativo da população urbana, caracterizado por uma maior concentração de pessoas nas cidades. O crescimento das grandes cidades e o processo de acomodação de pessoas nos espaços urbanos careciam de planejamento territorial. O urbanismo define o modo de vida nas cidades. Diferentes partes da cidade assumem funções especializadas, por ex: galerias, ruas, mercados, indústrias, parques, etc...; e também se amplia a organização dos serviços sociais, como: saúde, trabalho, educação.

O espaço em que vive o homem, a casa, se contrapõe ao local de trabalho. Seu foco existencial se desloca para o escritório. Para o homem privado, o interior de sua residência representa o universo, esvaziado de realidade; ele constrói o seu refúgio no lar.

O ideal urbano visava proteger as grandes cidades de guerras civis, transformando-as numa perspectiva visual de longas séries de ruas e jardins: por ex: Avenue Champs Élysses, L'Arc de Triomphe de l'Étoile, L'Arc de Triomphe du Carrousel.

A maioria das galerias de Paris surgem após 1822, devido à alta do comércio têxtil e o início das construções com ferro e vidro, projetadas por arquitetos e engenheiros. A cidade metrópole já começava a refletir uma natureza pouco humana. Em lugar dos jogos de azar, a especulação na bolsa de valores.

“ Tal imagem é presentificada pela mercadoria enquanto fetiche puro e simples. Tal imagem é presentificada pelas passagens e galerias, que são tanto casa quanto rua. Tal imagem é presentificada pela prostituta, que, em hipostática união, é vendedora e mercadoria “. (Benjamin, 1985, p.39)

É a falsa aparência, isto é, aquilo que é visualizado materialmente, que de uma maneira absoluta e intransferível gera o inconsciente coletivo. Por ex. a importância de bens materiais, de vestuário, novidade que se repete, do retorno do mesmo, cujo incansável agente é a moda. É neste processo que a burguesia busca saciar sua falsa consciência.

Com a modernidade, o ser humano se tornou mais calculista em sua vida prática em função da economia do dinheiro. O ideal da ciência natural que transformava o mundo num problema aritmético, de fórmulas matemáticas, é reduzido a valores quantitativos.

“A pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força a vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana” (Simmel in Velho, 1967, pg.17).

Estes traços de comportamento deviam favorecer o indivíduo a obter maior autocontrole de seus impulsos irracionais, de forma a estabelecer a vida esquematizada por fora. Os mesmos fatores contribuíam para que o indivíduo desenvolvesse uma estrutura de alta impessoalidade e subjetividade.

Com a crescente divisão do trabalho, exigiu-se do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral, valorizando o trabalho, os bens materiais, transformando sua forma subjetiva em uma vida puramente objetiva, a produção de dinheiro.

Devido aos acontecimentos históricos presenciados neste século, como a Revolução Industrial (1890) e a Iª. Guerra Mundial (1914), as perspectivas das mulheres evoluíram. O feminismo favoreceu as mudanças relacionadas com o trabalho assalariado, a autonomia individual civil, o direito à instrução, o aparecimento coletivo das mulheres na cena política; surgiu a futura cidadã.

“MULHERES E IMAGENS”- Aparências, subsistências e representações

Na década de 1860, foram estabelecidas novas imagens no “âmbito doméstico” moderno revelando o papel da mulher como filha, mãe e esposa casta. Havia uma série de reações contrárias a estes valores, argumentando que os arquétipos femininos refletiam muito mais que os ideais de beleza, e sim, “modelos de comportamento”.

ESTEREÓTIPOS

Os três tipos de estereótipos femininos na arte são: a musa, a madona e a sedutora.

A MUSA

“A musa permaneceu o que sempre tinha sido, mais uma figura alegórica ou a corporização de uma idéia do que uma pessoa específica. Por ex. o ideal de liberdade que Frédéric Auguste Bartholdi encarnou na sua colossal Estátua da Liberdade” (Higonnet, 1996).

Delacroix, em seu quadro “A liberdade guiando o povo”(1830), representa a liberdade que conduz os homens à revolução. Ele a representa como uma mulher do povo, morena e musculosa, caminhando decidida em uma direção.



Fig.1 Adaptado da Coleção História das Mulheres (Higonnet, 1996, p. 296) em *Mulheres e Imagens*. Obra “*A liberdade guiando o povo*” de Eugène Delacroix, 1830.

A MADONA

“As madonas eram consideradas mulheres com uma feminilidade normal, ordenada e tranquilizadora, de vida familiar regrada. Eram representadas como admiráveis, virtuosas, felizes ou recompensadas” (Higonnet, 1996).

Cassatt, em seu quadro “ O Banho “ (1891), retrata uma mãe burguesa com a sua filha mantendo a tradição, o vínculo com a maternidade, assinala também o declínio de temas religiosos na arte.

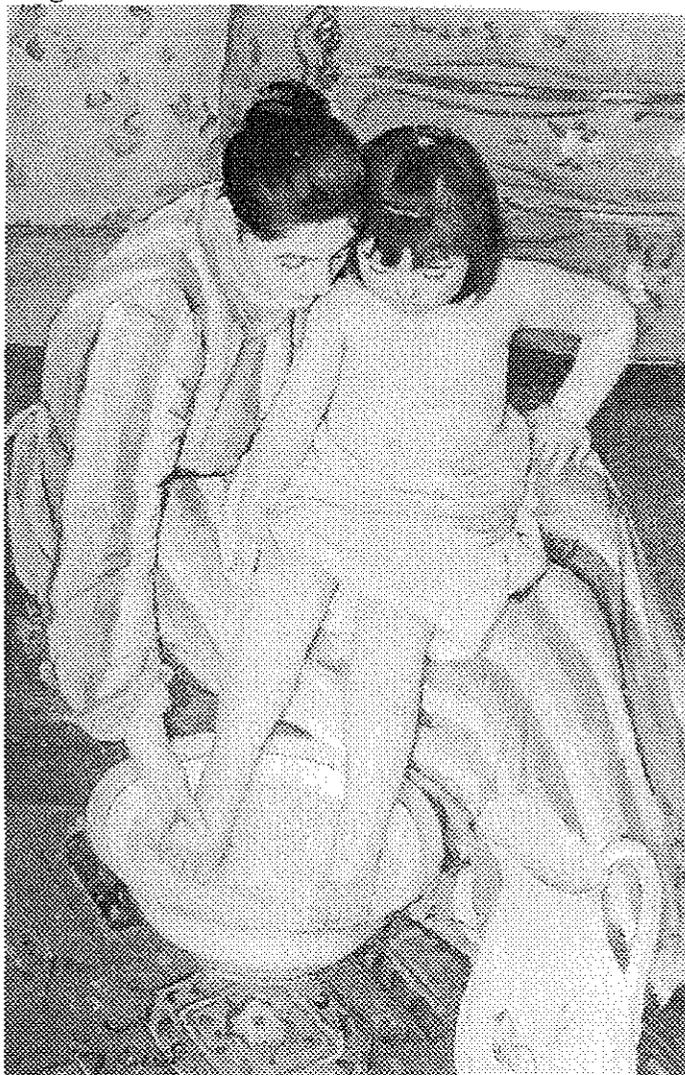


Fig.2 Adaptado da Coleção História das Mulheres (Higonnet, 1996, p.295) em “Mulheres e Imagens”. Obra “O Banho” de Mary Cassatt, 1892.

A SEDUTORA

As sedutoras eram consideradas mulheres com feminilidade desviante e perigosa. Eram representadas por prostitutas, ativistas e a maior parte das mulheres trabalhadoras, assim como mulheres de cor; consideradas ridículas, depravadas, miseráveis ou castigadas.

No “fin-de-siècle”, o estético foi de extrema sexualidade, trouxe à tona os medos latentes do poder sexual das mulheres. Em “Judith” (1901) de Klimt, o corpo feminino representa a luxúria e a riqueza, ao mesmo tempo atrai e repele.



Fig.3- Adaptado da Coleção das Mulheres(Higonnet, 1996,p.294) em “Mulheres e Imagens”. Obra de “Judite” de Gustav Klimt, 1901.

A maior parte das imagens das artes visuais pretendiam ser realistas. O realismo garantia a validade universal dos pontos de vista, confirmando e valorizando a visão que esta arte tinha de si mesma. Com a oportunidade de entrarem para o mundo da arte, as mulheres tiveram acesso aos meios de uma representação visual de si próprias.

No entanto, não era fácil imaginar uma identidade feminina; *“tinham apenas experiências femininas culturalmente determinadas que incluíam as motivações da sua própria invisibilidade”* (Higonnet, 1996).

Naquela época, os elementos intrínsecos da feminilidade eram a segurança e prazeres femininos e, ao desafiar outros aspectos dessa feminilidade, era impossível não revelar estes elementos. A grande parte das mulheres que se aventuraram na carreira artística pertenciam à burguesia e, portanto, eram as que mais tinham a perder, em termos de classe social ao melhorar o destino das questões de gênero. Mas, mesmo assim, deram um passo importante, pois modificaram a definição do conceito de si próprias, em relação à cultura visual, produzindo-a.

“Os atributos da feminilidade eram diametralmente opostos aos do Gênio; uma mulher que aspirasse à grandeza artística era suspeita de trair o seu destino doméstico. Os valores da atividade, da imaginação, da produção e da sexualidade masculina estavam estreitamente ligados entre si e opunham-se aos valores igualmente inseparáveis da passividade, da imitação, da reprodução e da

sexualidade feminina. Os homens criavam obras de arte originais; as mulheres recriavam-se a si próprias nos seus filhos” (Higonnet, 1996).

Segundo Higonnet, podemos analisar que na prática a idéia do gênio da arte funcionava como um sistema de separação de sexos. Este diferenciava a feminilidade da masculinidade como identidades culturais binárias, fundadas nas diferenças sexuais biológicas.

Praticamente, todas as raparigas burguesas aprendiam a tocar piano ou violino, a cantar, desenhar ou pintar aquarelas, pois eram consideradas habilidades que refinavam a sensibilidade feminina e as tornavam socialmente atraentes.

1.3.3- REFORMAS - MODERNIDADES

No final do século, na Europa e Estados Unidos, aspirações econômicas e artísticas provocaram debates sobre a admissão das mulheres nas instituições masculinas. As mais proeminentes pintoras da Bélgica, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e outros países foram estudar em Paris, o centro de arte do mundo.

A arte se tornou parte integrante dos programas educacionais nas escolas públicas. Surgiram novos postos de ensino para mulheres. Foi incluída a “seção feminina” na “Union Centrale des Arts Décoratifs”.

As primeiras universidades femininas foram fundadas nos Estados Unidos e Inglaterra. Grupos organizados de mulheres assumiram o controle das imagens para criar uma identidade política pública de si mesmas.

O trabalho feminino não poderia ser compreendido separado da família, que se constituía no núcleo do estatuto da trabalhadora. O trabalho assalariado era regulado pelo casamento e pelo número e idade dos filhos. As modalidades femininas de trabalho não chegaram a ser muito alteradas com a industrialização que investiu na casa e multiplicou as oportunidades do trabalho doméstico.

Com o uso das técnicas contraceptivas, as mulheres não tinham interesse em espaçar os nascimentos, preferiram antecipar o término da maternidade, pois queriam conquistar mais tempo livre para outras atividades pessoais de suas vidas. Como consequência, as relações familiares modificam-se, tornando-a mais disponível para o prazer e as intimidades do casal, como também o cuidado com as crianças.

“ A representação dos sentimentos maternos são também alterados. A função genital recua em proveito da função educativa: a mãe de poucos filhos está mais presente junto de cada um deles, mais atenta, mais terna; o idílio mãe-filho é vivido com tranquilidade “ (Knibiehler, 1996).

A partir de então, questiona-se: - A mulher que amamenta é uma mãe ou uma fêmea? Afinal como considerar a parte do instinto animal e a do sentimento humano no seu comportamento? Estes questionamentos trazem

como novidade, “a ama de leite”, ou seja, uma serviçal que amamenta, é um corpo bem tratado e domesticado. O aleitamento ao seio posteriormente, torna-se exclusivo da mãe, como valorização afetiva da terna mamãe.

Com a higienização de Pasteur, os médicos iniciam uma paciente educação das mães com relação aos bebês. Estes ensinam o número e horário das refeições, esterilização dos mamadeiras e tetinas, ritual do toalete e dos banhos, tempo de sono, uso do termômetro, e consultas aos bebês nas clínicas médicas e a criação da carteira de saúde (1869).

A saúde das mulheres melhora, a esperança de vida alonga-se, a idade madura torna-se mais alegre.

O parto coloca o corpo das mulheres no centro das questões de Estado. Na medida em que a fecundidade diminui, devido aos abortos e às condições de saúde e higiene, a reprodutora torna-se objeto de cuidados.

Os cuidados médicos no controle da gravidez, no controle das infecções com o aperfeiçoamento de antissepsia, auxiliaram em parte a solução do problema da mortalidade infantil. Os médicos supunham uma causa biológica, mas não levavam em conta as condições de vida de suas pacientes nem as questões sociais que influenciavam na debilidade orgânica: casas privadas de sol, locais de trabalho insalubres, falta de exercícios, serviços pesados nas fábricas e nas oficinas.

Nos campos ou na oficina familiar, a mulher é considerada como a auxiliar do homem, mas em contrapartida, pouco é auxiliada nas suas próprias tarefas.

SEXUALIDADE

Mais do que em qualquer época anterior, o nu na arte era sinônimo de nu feminino. Os corpos eram normalmente pintados de forma submissa, distante, em outros tempos, de outras culturas; escravas satisfeitas, odaliscas sedutoras, deusas; estavam envoltas em mitos. Também as mulheres trabalhadoras foram erotizadas, mulheres nos seus ofícios de chapelaria de senhoras, operadoras de centrais telefônicas, entre outros.

Era difícil de encontrar corpos femininos que não proporcionassem prazer visual aos homens. A criatividade do artista transformava tudo o que observava em devaneios eróticos.

“ Tudo que traduz a sensibilidade e delicadeza é valorizado: uma pele fina onde afloram as ramificações nervosas, carnes aveludadas para embalar a criança ou o doente, um esqueleto pouco desenvolvido, mãos e pés pequenos. Mas também tudo o que traduz as funções da reprodutora: ancas redondas, seios generosos, tecidos bem nutridos “
(Knibiehler, 1996).

Mais tarde, o advento da fotografia, fez desaparecer a idealização das artes maiores e forneceu imagens explícitas da sexualidade.

Os princípios de uma boa higiene exigiam exercícios ao ar livre. Aos poucos, viam-se surgir nos pensionatos de adolescentes (1880), exercícios de ginástica com auxílio de máquinas e aparelhos. Os banhos de mar aceleraram o processo de libertação do corpo feminino.

Na Alemanha e na Inglaterra, iniciou-se a prática da ginástica feminina com muito entusiasmo. A competição suscitou violentas hostilidades e lamentações com alegação de perda da graciosidade, de incapacidade para os movimentos e com o temor do desenvolvimento muscular excessivo e danoso para a futura procriadora. No entanto, a natação e o tênis conquistaram as classes mais abastadas. Foram promovidos nos meios populares, o ciclismo, a corrida, o salto e o atletismo. Mesmo com a resistência de Pierre de Coubertin, as mulheres participaram dos jogos olímpicos a partir de 1912.

A representação da mulher ciclista na **figura abaixo** simboliza a luta pela libertação do corpo. Demonstra um dos objetivos dos grupos feministas, que recomendavam a prática do desporto.



Fig.4 Adaptado da Coleção História das Mulheres (Käppeli, 1996, p.568) em “ *Cenas Feministas*”. Ilustração de “ *The Ladies' Standards Magazine*, 1894.

Com a feminilização da religião no Século XIX, a Igreja Católica leva as mulheres para a política por meio das ligas religiosas, tentando reforçar um modelo familiar perfeitamente conservador. Na religião protestante foi muito mais progressista em reformas, considerava uma igualdade relativa entre os sexos, criticava a injustiça e a licenciosidade da nova sociedade urbana.

Os ideais sociais do protestantismo enriqueceram as raízes do feminismo com o individualismo da razão, e com o individualismo religioso aplicado aos dois sexos.

Duas representações da mulher apoiaram as feministas do Século XIX: uma corrente igualitarista, baseada simplesmente no humano, a uma corrente, postulando o eterno feminino. Interessante notar a postura igualitarista, sendo que a mulher é diferente do homem. Encontramos entre as feministas um conflito do geral para o particular. Devem prevalecer as qualidades do gênero humano ou as do sexo feminino, tendo em vista uma legislação social?

CONSUMO

Neste século, as roupas masculinas e femininas tornaram-se bem diferenciadas. A aparência passou a ter o poder de exprimir a essência dos propósitos. A imagem passou a traduzir a conformidade ou a subversão. O vestido de noiva-branco, exprimia a inocência das adolescentes; são brancos também os vestidos da primeira comunhão e os de baile.

“ A indústria do vestuário é por excelência feminina, desenvolveu a primeira consciência econômica das mulheres “ (Higonnet,1996).

O figurino da moda introduziu a mulher na publicidade. A imagem e a informação comercial vendiam seus produtos, idealizados por sexo e por classe. Os anúncios redefiniam a feminilidade em termos de aparência, vestuário, cosméticos, objetos e acessórios. Daquela condição de produtora,

trabalhando em casa, a mulher passou também a ser consumidora. As frases publicitárias dos produtos de consumo buscavam unir a questão do gênero à função ou à atividade por elas desenvolvidas.

“ Estas novas auto-imagens eram mercadorias, acessíveis a todas as mulheres por um determinado preço, e talvez as mulheres que as tomavam como espelho se transformassem elas próprias em mercadorias “ (Higonnet, 1996).

Para algumas mulheres, foi possível separar a vida privada da vida profissional , transformando esta última em vantagem. Mas outras foram por ela derrotadas. Por exemplo, Camille Claudel (França, 1864-1943), só teve seu mérito reconhecido após sua morte.

1.4- O SÉCULO XX - A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

1.4.1- CONTEXTO

O século XX eclode com a I Guerra Mundial e a Revolução Russa, as quais geram atenções com as questões militares e nacionalistas. Os arquétipos femininos são representados por uma geração de novas imagens de mulheres que entraram para o mundo do trabalho.

A II Guerra Mundial retoma muitas das tendências da I Guerra Mundial, ressuscitando os arquétipos tradicionais, nas finalidades de propaganda. De maneira que conjugavam imagens de mulheres encarnando os valores do lar e da nação - pelos quais a guerra era travada, com imagens de mulheres recentemente admitidas na força de trabalho industrial.

Nesse clima de instabilidade e possibilidade de mudanças, as mulheres usaram sua imagem para fazer sentir na esfera pública sua presença física e suas reivindicações.

As mulheres continuavam a se concentrar nas áreas do vestuário, do mobiliário, do têxtil, do design gráfico e da decoração, tradicionalmente a elas concedidas. Dinamismo, mobilidade e eficiência fazem parte dos novos valores a que as mulheres almejam. Embora possa transparecer que estas contribuições tenham significados superficiais, elas possibilitaram mudanças significativas

quanto à simplificação do vestuário e das tarefas domésticas, o que modificou drasticamente a vida cotidiana das mulheres.

Dando continuidade ao fenômeno de massificação da cultura, inserida no desenvolvimento das sociedades de consumo, iniciada no século anterior, ocorreram redefinições quanto à fronteira público-privada, no que diz respeito diretamente às mulheres.

A uniformização da aparência feminina, a transformação proposta é ao mesmo tempo exterior e interior. O saber maquiar-se significa propiciar encontros consigo mesma ou uma alienação. Tal preocupação com a aparência chegou as mulheres negras, mesmo que o sucesso dependesse de cabelos alisados e de pele aclarada.

Com mais tempo disponível, puderam cuidar melhor de si mesmas, tornando-se mais atraentes aos homens, educando melhor seus filhos e obtendo uma melhor aceitação social.

“ Identificando a feminilidade com objetos, a publicidade encoraja as mulheres a identificarem-se elas próprias com os objetos”
(Higonnet, 1996).

O mercado tende a se diferenciar em classes e idades, visando cuidadosamente as diversas fatias do mercado.

As questões relacionadas com a classe social e com a raça continuaram a influenciar as representações de sexos. A cultura de massa e a alta classe buscaram estabelecer valores femininos universais, mas também diferenciaram as mulheres. Com a utilização da maquiagem e de cabelos estilizados, a mulher branca assemelha-se a uma máscara, identificando-se por exemplo, com uma escultura africana, mas não completamente, pois esta forma de arte contrasta com uma sofisticação da cultura européia.

“O surrealismo permitiu que as mulheres rejeitassem as coisas tal como elas eram, ou pareciam ser, e representassem outras realidades para exprimir as sua próprias experiências ou fantasias”(Higonnet, 1996).

1.4.2-MULHERES - IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

Com as pressões econômicas e culturais da II Guerra Mundial e a representação do pós-guerra, a sociedade remodelou a feminilidade de diversas maneiras. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, defendia um modelo extremo: dever cívico, produtividade, responsabilidade coletiva e visibilidade política.

No outro pólo, estava o modelo americano - Estados Unidos apregoava o âmbito doméstico, maternal, individualista e consumista. Imagens associavam a mulher às tarefas domésticas e aos filhos, enquanto o marido é identificado como aquele que proporciona à família o dinheiro e os bens de consumo.

O século XX acrescentou o cinema à cultura visual. Isto desempenhou um papel importante na definição dos sexos dentro da cultura de massas. Nos anos 20 e 30, saem dos estúdios de Hollywood, imagens femininas de grande carisma, precursoras das reivindicações de independência das mulheres.

O vedetismo foi a principal corrente de transmissão de modelos no período entre as duas guerras. É interessante recordar que neste período, apesar da predominância do modelo americano, a cultura de massas para publicidade utiliza como referência o modelo da mulher francesa. O cinema clássico representa as mulheres como um prazer visual e como objetos de um olhar masculino. As mulheres-atrizes, como Marilyn Monroe, constituíram-se em ícones da sexualidade, imagens estáticas, cujo fascínio se aloja nas fantasias que são projetadas sobre ela.

Nos filmes de Hollywood, com seus finais “felizes”, as mulheres se enquadram numa ordem patriarcal, ou seja, a do herói. Quando se desviam da ordem natural, há um castigo adequado ou uma morte nobre.

Nos anos 30 e 40, produziram-se filmes para audiências femininas chamados “filmes de mulher”; por exemplo, a comédia “A costela de Adão” (1949), histórias de horror como “Rebeca” (1940), melodramas maternais como “Stella Dallas”

(1925 e 1937), etc.... Representam mulheres como personagens passivas e patéticas, e apelam para o sofrimento empático das espectadoras.

A tensão mantida no filme de mulher entre auto-negação e auto-afirmação revela as contradições com que as mulheres tinham de viver e que adotar. Estas representações cinematográficas alternam a submissão aos quadros ideológicos disciplinares, e o prazer do poder momentâneo, da realização e da diferença.

Constatou-se, em 1976, nos Estados Unidos, que cerca de 20 milhões de pessoas assistiam à televisão durante o dia, quatro quintos das quais eram mulheres. Os programas preferidos dos espectadores em idades compreendidas entre os dezoito e os cinquenta anos eram as telenovelas. Estas espelhavam as situações que as mulheres viviam, forneciam válvulas de escape para a sua imaginação e integravam o horário cotidiano das donas de casa.

Nos programas dos anos 80, Milly Buonanno, numa análise dos programas italianos, verificou que os programas de carácter informativo cultural na Itália, como nos Estados Unidos, desvalorizavam e distorciam a figura feminina em relação à masculina. Os programas de *fiction alimentam os processos de diferenciação dos percursos femininos, propondo modos variados e legítimos de ser mulher, abrindo espaço a uma transformação dos velhos papéis e estereótipos* (Passerini, 1996).

As revistas femininas estimulavam a mulher a cuidar de si própria, a melhorar a sua aparência física, a exprimir a sua individualidade, a gerenciar seu lar. As imagens e palavras defendiam os valores relativos à aparência, à heterossexualidade

e à família. Por outro lado, dentro de limites seguros, estimulavam sua realização pessoal e mudanças.

“Ser o modelo feminino para estas imagens ser o mais glorificado entre os bens de consumo. Simultaneamente objeto da adulação das mulheres e de exploração comercial, os modelos reforçam e ao mesmo tempo servem os padrões de beleza. Serena, concentrada, sem marca de qualquer experiência emocional ou intelectual, o modelo profissional veicula os ideais da moda que governam as aparências e proclamam a sua importância” (Higonnet, 1996).

Em 1967, surge o “Twiggy”. Retrata um corpo feminino aos dezessete anos de idade, com um aspecto frágil e abandonado, tão vulnerável que atraía sexualmente. A mulher que desejasse exercer seu poder de atração deveria negar sua capacidade de iniciativa, sua força ou sua autonomia.

A maioria das mulheres que se espelhassem neste modelo de corpo, só poderiam aproximar-se deste ideal, por meio de uma autodisciplina alimentar extrema. *A magreza torna-se o ideal feminino contemporâneo.* Uma imagem corporal esbelta tornava-se a obsessão das mulheres em todo o mundo ocidental.

“Sem ser sexualmente disponível, maternal, quais as outras opções possíveis?”

“E as mulheres de cor, pobres, idosas ou as deficientes poderiam representar-se sem cair nos estereótipos negativos?”

As mulheres de cor encontravam um problema ainda maior: lidar com representações utilizadas por mulheres de classe média branca. Em tempos passados as mesmas representações haviam sido utilizadas para humilhar, ignorar ou reprimir as outras raças.

Poucas mulheres haviam praticado o auto-retrato. As mulheres começam a produzir imagens de si próprias e a questionar imagens que delas tinham sido feitas.

O problema mais difícil na auto-representação das mulheres talvez seja o corpo, pois é na exaltação da beleza do corpo que encontramos o receio de representá-lo como objeto sexual.

Todas as tentativas de renovação da representação do corpo feminino tem que enfrentar os hábitos visuais profundamente arraigados e o temor de resvalar o erotismo feminino em pornografia. Portanto, as tentativas de representação do corpo, têm procurado evitar identificar diretamente o corpo, procurando compor e associar as suas energias com elementos (água, terra, fogo, etc..). Essa tem sido uma das soluções encontradas.

A partir dos anos 70, desloca-se a atenção para o problema da *construção social da identidade*. *“Sustentavam elas (artistas, historiadoras feministas, críticas) que conceitos como autoria, originalidade e obra-prima não são*

fundamentos da criatividade mas consequências dos processos culturais pelos quais a feminilidade e a masculinidade são preservados “ (Higonnet, 1996).

Como é que poderíamos repensar a História da cultura visual sem a referência dos quadros conceituais tradicionais? Que gêneros de produção visual poderiam ser excluídos ?

Existem dois pontos de atuação que devem ser evitados: uma *posição existencialista*, que procura definir uma sensibilidade ou estética comum a todas as mulheres, e uma *estratégia desconstrutivista*, tão relativista que impediria qualquer ação política. No entanto, teoria e prática devem trabalhar juntas, para que possamos mudar a forma de compreender o passado e, simultaneamente, dar sentido ao presente.

“ Para criar novas imagens de si próprias, as mulheres tiveram de aprender a adotar e cultivar novas atitudes para consigo próprias, para com os seus corpos e para com o seu lugar na sociedade. Nunca na História mudaram de forma tão radical e tão rápida as imagens de mulheres feitas por mulheres” (Higonnet, 1996).

1.4.3-MODELOS CULTURAIS - CULTURA DE MASSAS

A figura feminina aparece verdadeiramente na cultura de massas contemporânea quando é representada como *sujeito potencial e objeto*. Utilizaram-se estímulos e sugestões vinculados, problemas políticos e sociais, como também estereótipos tradicionais da cultura ocidental.

No período pós-guerra, articularam-se novas propostas de modelos femininos incluindo a *nova dona de casa* e a *mulher emancipada*, como sujeitos potenciais para o consumo de produtos.

A feminilização das sociedades e a emancipação da mulher incluiu o acesso às carreiras masculinas, no trabalho e na política, e um acentuado aumento em frequência e iniciativa no domínio privado.

Neste momento, vê-se a cultura de massas como uma “chave mestra” nesta mutação, valendo-se como lugar de afirmação dos valores definidos como puramente femininos: individualidade, bem-estar, amor, e também como amplificador de imagens de mulheres sedutoras. A famosa Rita Hayworth, na figura abaixo, representava a reunificação de termos tradicionalmente inconciliáveis: *a vamp* (a mulher sedutora que atrai os homens por interesse) e *a virgem*.



Sedutora imagem de Rita Hayworth interpretando "*Gilda*" - adaptado Coleção História das Mulheres V, p.280.

Como observamos, a cultura de massas cria e se apodera da ambivalência da imagem feminina. A supremacia da imagem feminina na publicidade nos remete para a mulher referida como potencial sujeito e como possível objeto.

Os produtos da cultura de massas devem ser analisados com a expansão e comercialização dos tempos livres, de que as mulheres são as pioneiras (EUA), ou através das Histórias de cinema, que consentem aos espectadores e espectadoras oscilarem quanto às identificações masculinas ou femininas, em relação aos personagens propostos.

“Trata-se de caracterizar o modo como ela reformula a subordinação das mulheres, graças também aos seus novos comportamentos e modos de pensar; em adição, o caráter positivo, propondo um conjunto de atitudes que os espectadores podem assumir em relação às mulheres. O gênero sexual não é em tal caso determinado mecanicamente, mas pelas atitudes culturais das pessoas reais”(Passerini, 1996).

Percebemos neste momento, que aparece uma certa flexibilidade nas formas de autodeterminação das pessoas, mesmo que limitadas por condicionamentos e pressões, e que nenhum juízo fere indiscriminadamente a cultura de massas. É importante notar até que ponto as respostas das pessoas dependem do gênero sexual, e não de um conjunto de fatores em que o sexo se conjuga, como: classe, raça e geração.

A análise deve ser circunstanciada em períodos e lugares pelos quais possam ter sido influenciados. Percebemos, no decorrer deste levantamento histórico, que o contexto, de tempos em tempos, influencia as idéias dominantes de masculino e feminino, e que portanto, *o futuro da cultura de massas, depende das escolhas de homens e mulheres na redefinição da combinação entre feminino e masculino corporizada por cada indivíduo* (Passerini,1996).

A nova dona de casa é aquela que racionaliza o trabalho doméstico em tempo e em rendimento. É delimitada como complementar ao homem na produção extra-

doméstica, na qual encontramos os mesmos processos de uniformização e de parcerização. A nova dona de casa deve ser tanto consumidora como administradora da casa, ficando sob sua responsabilidade o controle do consumo, a atividade de organizar e planificar compras, e projetos domésticos de longa duração.

Com o shopping center, organiza-se um novo espaço público para as mulheres: um lugar de recreação e de sociabilidade, e não apenas de consumo. Estabelece-se uma cultura empresarial, a cultura burguesa urbana (de clientes a diretores), a cultura das classes trabalhadoras (as vendedoras) e a cultura das mulheres, donas de casa (classes média e alta), com uma tendência de expansão a todas as classes, devido às pressões de mercado.

A maior ou menor capacidade de inserção do consumo numa comunidade deve-se ao fato de analisarmos o contexto histórico e geográfico das mudanças culturais, para analisá-las apropriadamente.

Com esta retrospectiva histórica, podemos verificar como tem sido longo e complexo o processo de emancipação da mulher. Nunca, como nos dias atuais, parece abrir-se a possibilidade de sermos sujeitos num sentido pleno.

ESPORTE - CONSUMO DE MASSA

Aproveitando o momento atual, muito se comenta á respeito de esporte, em especial sobre as Olimpíadas de Atlanta. Poucos eventos conseguem atrair a atenção de tantas pessoas no mundo inteiro. O esporte se transformou em uma indústria colossal com interesses voltados para os setores políticos, econômicos, publicitários, etc... Fornece-nos uma visão elitista de esporte de competição, o que não invalida o espetáculo.

Com a amplitude de ação que o esporte gerou, ele se fragmentou em multifuncionalidades (educativo, competitivo, marketing, científico, político, etc..) tornando-se centro de muitos interesses, quer entre estudiosos quer entre grandes empresários.

Em uma sociedade, na qual o homem não é valorizado por ser homem, e sim pelo que produz, a prática desportiva auxilia o homem a se desenvolver, a se relacionar com o próximo, com o meio, consigo próprio. Auxilia-o em sua adaptação social.

Quando praticante de algum esporte, o indivíduo adquire noções reais, em que entram em jogo, pessoas, valorizações, hierarquias, antagonismos, toda uma realidade que contribui para a integração do ser humano. O homem é um ser cultural, vive dentro de uma sociedade, que torna imprescindível adaptar-se à cultura.

A abrangência de fatores importantes relacionados com esporte é imensa. O esporte possui uma função social dentro da realidade brasileira, na qual parte da população pratica atividade motora e esporte-nas ruas, em terrenos baldios, nas escolas, nos centros educacionais, etc..

A função educativa se apresenta como um meio dentro da Educação Física. Ela ajuda na formação, no desenvolvimento do ser humano, proporcionando-lhe saúde, aptidão, qualidades motoras, possibilidades de comunicação, criatividade. Enquanto esporte de alto nível, a Educação Física aparece como um instrumental, ao lado de outros conhecimentos, funções e tecnologias, possuindo um fim em si mesmo.

1.5- Séculos XIX e XX - Movimento e Transformação: O Exemplo da Mulher na Atividade Motora

1.5.1- A Mulher e as Olimpíadas

Os primeiros jogos olímpicos da época moderna foram realizados em Atenas em 1896, somente com participação masculina. O então educador e restaurador dos jogos olímpicos, “Barão de Coubertain” (1863-1937), presidiu o Comitê Olímpico Internacional (COI) até 1925, deixando clara sua posição contrária à participação de mulheres nos jogos olímpicos. Compartilhava da opinião dominante e fundamentada por teorias científicas (políticas, biológicas, sociais) que supunham a não compatibilização entre a prática de esportes e a condição feminina (Soares, 1988).

Em Paris (1900) teve início a ínfima participação feminina restrita apenas a duas modalidades esportivas: o golfe e o tênis. Nas olimpíadas seguintes, em 1904, em St. Louis, 1906, em Atenas, 1908, em Londres, 1912, em Estocolmo, ocorreu uma diminuição ainda maior na participação feminina. A partir de 1924, em Paris, foi sendo alcançado um maior número de participantes e de modalidades esportivas, consolidando vitórias, com maior participação social feminina.

Em Berlim (1936), apesar da ideologia nazista sobre a condição feminina - “à cozinha, à igreja e às crianças” -, o número de atletas inscritas pela delegação alemã superou em muito a participação nas olimpíadas anteriores. A relevância se dava devido ao fato da comprovação da supremacia ariana; isto foi considerado mais importante do que a questão relativa à inferioridade da mulher.

Com isso, as mulheres reuniram mais uma forma de resistência e começavam a participar de eventos exclusivamente femininos, difundidos por muitos países e com grande popularidade. Após a segunda grande guerra, a participação feminina aumentou, chegando a alcançar vinte por cento do total de atletas participantes, nos jogos olímpicos de Los Angeles (1984).

“Dos 13 países de Atenas, em 1896, cresceram para 172 nos jogos de Barcelona, Espanha, em 1992. Os 311 atletas de Atenas, apenas homens; em Barcelona se transformaram em 13.898, entre eles, 4.000 mulheres. As meras 122 medalhas de Atenas subiram, em Barcelona, para 1.691. Os US 100 mil de Georgius Averoff (em Atenas), fermentaram até o faturamento de US 1 bilhão em Barcelona”(Lancellotti, 1996, p. 6).

Apesar desta evolução, evidenciamos desproporção no número de participantes dos jogos, dirigentes, técnicos entre homens e mulheres no setor esportivo. Soares (1988, p. 37) afirma-nos que: *“A ausência das mulheres nas olimpíadas se deveu, em parte, à auto-exclusão e pela resistência dos homens”*.

Os Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), podem ser chamados de “Jogos da Mulher”. Nunca a participação feminina em uma Olimpíada terá sido tão alta, cerca de 35% dos atletas presentes são mulheres. A estréia da participação das mulheres no futebol e atletismo com o salto triplo (Fontenelle, 1996, p.4-5).

1.5.2- A mulher e o Esporte

O esporte formal tem sido o meio e o fim nas propostas curriculares de ensino da Educação Física, no segundo grau. A socialização para papéis sociais, no tocante às atividades esportivas, começa logo cedo. A dicotomia entre os sexos, a possibilidade de interação com as atividades esportivas, são evidentes.

Na sociedade atual, o esporte tem forte influência de poder na socialização dos indivíduos, através dos meios de comunicação, de repressão (regras e limites), de manipulação(fantasia do espetáculo), de compensação

(sucesso ou fracasso), adaptando e auxiliando o indivíduo nas normas de condicionamento social.

Entretanto, as sociedades esportivas são organizadas em função de homens e não de mulheres. Segundo Pereira (1984, p. 06):

“ (...) criados e desenvolvidos longe dos afazeres domésticos, os esportes representam uma ação de características masculinas, (...) a mulher que estiver participando de programas esportivos, se quiser obter resultados, estará também buscando esses predicativos masculinos e será notada como uma invasora do campo de atividades dos homens, ela tenderá a ser estigmatizada como não-feminina. Isto porque a mulher não é orientada para o êxito em nossa cultura. Espera-se dela em vez de agressividade, passividade; em vez de orientação para o êxito, compreensão, tolerância e recato; em vez de perseverança ao enfrentar o risco, prudência.”

Apesar dessas dificuldades relativas aos fatores genéticos, culturais e técnicos, as mulheres sempre ofereceram resistência às decisões masculinas, na participação em jogos competitivos. Muitas barreiras tiveram que ser superadas, e não foram poucas. Toscano (1974 apud Pereira, 1984) diz que

este estado discriminatório é um reflexo da dominação sócio-político-cultural e econômica sofrida pela mulher num plano geral, mas apresenta pontos diversos, de acordo com o momento histórico e da sociedade em questão.

Os questionamentos mais comuns e presentes na história da participação das mulheres em atividades esportivas até hoje são :

Qual é a natureza dos esportes mais adequados às mulheres?

Quais são as variáveis determinantes na especificidade da atividade física para homens e mulheres?

De acordo com a afirmação de Greve (1984, p. 43), para estas questões, ela indica :

“ (...) a não existência de razão alguma plausível que possa excluir as mulheres na participação ativa de qualquer atividade física. Ao contrário, um estudo feito com atletas mostra que seu auto-conceito é elevadíssimo, sendo muito mais seguras e independentes, não considerando, de modo algum, a degradação do ideal feminino.”

Com o passar dos tempos, estes questionamentos foram se desvendando através de estudos científicos, na superação dos recordes olímpicos femininos nas diversas modalidades esportivas, já que as diferenças atuais entre sexos estão abaixo de 10% nos recordes mundiais. Apenas no Atletismo a evolução tem sido mais lenta. Soares (1984, p.43), de um modo geral, define :

“As diferenças genéticas entre os sexos são superáveis pelo aumento do número de participantes, da dedicação ao treinamento, da qualidade do equipamento, do nível técnico e do grau de organização e de apoio dado por diferentes estados nacionais aos esportes. Tendo como base a população total, é possível que as diferenças de treinamento contribuam muito mais para as diferenças de desempenho que as diferenças genéticas entre os sexos.”

Quais os motivos que separam esta crescente participação da mulher nos jogos competitivos, da sua representação em órgãos decisórios, da sua atuação como dirigentes, técnicas?

Guardadas as devidas proporções, os assuntos relacionados com esportes são específicos de homens. As mulheres quase sempre estão auxiliando ou

assistindo à sua prática. É certo que os valores esperados da mulher esportista são os mesmos esperados pelas mulheres em geral. A função social exercida e os valores culturais transmitidos são os definidores da identidade feminina, como afirma Greve (1984). Devemos crer que as características esportivas, econômicas e sociais possuem um caráter masculino, competitivo, de êxito e de rendimentos. Ainda nos dias atuais, quando comparadas as diferenças entre sexos, considerando o quadro evolutivo feminino, estas se tornam extremamente desiguais e incompreensíveis.

No campo esportivo, existe uma crescente participação da mulher em esportes competitivos. Outrora, nem se pensava em participação feminina. Caso contrário, as mulheres seriam altamente estigmatizadas e marginalizadas pela sociedade. Hoje, isto se tornou “mais comum” no meio social. Há a participação de mulheres no boxe e no futebol.

Pina de Moraes (1993) analisa os condicionalismos da prática social no futebol feminino em Portugal, e considera que o modelo social imposto baseia-se em teorias médicas conservadoras, que indicam como vocação principal da mulher “a maternidade”. A prática desportiva deixou de ser uma mera questão de diversão e prazer, para passar a ser competição devidamente regulamentada. Assim, a presença feminina no terreno esportivo foi-se afirmando e aumentando. Porém, na prática, continuam os problemas resultantes da comparação feita com os modelos masculinos. Há dificuldades para as mulheres em se afirmar como portadora de estilo próprio.

A mulher apresenta aspectos anátomo-fisiológicos que a diferencia na exteriorização do estilo. Sua adesão às federações de boxe internacionais visando a campeonatos, olimpíadas, suscita indignação e surpresa. O mesmo se dá com o futebol, nos campeonatos nacionais e internacionais televisionados por satélites para o mundo todo, nos campeonatos mundiais de musculação e cultura física, em campeonatos de taekwondo. Cada vez mais, a mulher está vivenciando novos campos de atuação e comportamentos, de acordo com o contexto no qual está inserida, para seu auto-conhecimento e por suas idealizações nas representações femininas.

CAPÍTULO II

Adolescência/Puberdade: ritos e transformações

2.1- Aspectos Históricos

O período da adolescência e suas diferentes denominações foram originados na Europa, especificamente na França, Inglaterra e Alemanha em séculos passados. Fazem parte hoje da nossa concepção de adolescência, remetendo-nos aos aspectos biosociais, distinguindo-nos do contexto histórico e cultural que o sucederam. Essas denominações etárias sofreram séries de alterações e conturbações devido a uma maior organização social, maior necessidade de identidade civil, de um determinismo universal. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas também a funções sociais. Levava-se muito em consideração a imagem popular que se tinha do homem dentro da função social que desempenhava. O estudo, por exemplo, era atividade de pessoas mais velhas (Ariès, 1981).

No século XIV, a vida de nossos antepassados era uma continuidade inevitável, cíclica, inscrita na ordem geral das coisas. Poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas as idades naquela época (Ariès, 1981). As idades da vida possuíam uma correspondência sideral e a periodização das idades da vida estavam ligadas aos doze signos do zodíaco.

As idades da vida eram: a idade do brinquedo, idade da escola, idades do amor e do esporte, idades da corte e da cavalaria, idade da guerra, idades sedentárias (Àries, 1981).

No século XVI, o conhecimento da natureza limitava-se aos estudos das relações que compunham os fenômenos, um conhecimento previsto e que não se modificava. Isto também se aplicava aos conhecimentos da Biologia Humana. Em “La dissection des parties du corps humain” (1546) de Charles Estienne, ele distingue claramente os órgãos femininos dos órgãos masculinos, mostrando “(...) *através da imagem tudo o que existe no corpo da mulher, para além que se encontra no homem*” (Estienne, 1546 apud Salvadore, 1994, p. 412). No livro “De L'anatomie” “(...) *a mulher é o inverso do homem*” (Paré, 1575 apud Salvadore, 1994, p. 412).

No livro VI do “Le grand propriétaire de toutes choses”, as idades da vida correspondiam aos 7 planetas do sistema solar: a infância, pueritia, adolescência (segundo Constantino dos 14 até os 21 anos, segundo Isidoro até os 35 anos), juventude, senectude, velhice, senies (Àries, 1981). A adolescência assim se chamava por ser a idade em que a pessoa era capaz de procriar, estar em crescimento, estar apta a receber força e vitalidade.

Somente no início do século XX, por volta de 1914, pós-guerra na Alemanha, o conceito de juventude se igualaria ao conceito de adolescência. A partir de então, a consciência de adolescência se amplia, elevando-se ao ponto de um sentimento comum de oposição na frente de batalha, diante das considerações da velha geração, de ex-combatentes de

guerra. Daí em diante, com a expansão da adolescência, esta empurra para trás a infância e a imaturidade.

Percebemos que a cada época privilegia uma certa idade, e que as periodizações das idades da vida diversificam-se de acordo com o momento sócio-cultural. Portanto, a juventude parece ser mais valorizada no século XVII, a infância no século XIX e a adolescência no século XX, por sua força física, pureza, espontaneidade e alegria.

Devemos ressaltar que o processo da adolescência, inserido em períodos de duração e suas denominações, não pode ser encarado como um fenômeno comum e igual em todas as sociedades. Este se compatibiliza com o contexto histórico e cultural no qual o ser adolescente vivencia, sendo encarado segundo as expectativas sociais que o constituem em cada época.

O que pode ser considerado como fenômeno universal da natureza humana, embora sofrendo também interferências sociais, é a puberdade. Fundamenta-se como um período que geralmente marca a entrada na adolescência, relacionando-se aos rituais de passagem específicos de cada sociedade, dando sequência a sua caminhada em direção à vida adulta.

2.2- Diferenças: Adolescência/Puberdade

As definições sobre os conceitos de adolescência e puberdade encontrados no dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa - 1988, mostra-nos a “Adolescência” como sendo um período da vida humana, que sucede à infância, começando com a puberdade e caracterizando-se por uma série de mudanças corporais e psicológicas. A “puberdade” surge como o conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência.

Adolescer e pubescer por si só, significam crescer. O termo “adolescente” possui significados mais amplos que definem os indivíduos nesta fase de mudança, que não é apenas biológica e psíquica, mas também social. A puberdade, que desencadeia o processo da adolescência, é um processo predominantemente biológico, com sérias transformações corporais e com limites bem mais precisos do que os da adolescência (Doneda, 1979).

Entretanto, é preciso salientar que os parâmetros de avaliação biofísicos (crescimento e desenvolvimento) selecionados e padronizados também são manipulados e determinados socialmente.

A adolescência possui um raio de interação e de estudos mais amplos e seus componentes biopsicosociais do processo de mudança corporal tornam a definição de seus limites ainda mais difíceis, sendo constantemente modificada e influenciada pelos valores vigentes na sociedade atual.

Estabelecer limites cronológicos num evento com tantas variáveis é uma aventura fadada ao insucesso. Qualquer definição não resistirá a uma análise mais profunda (Saúde da Família -APM, 1994).

Estudos sobre a adolescência têm merecido a atenção de diversos profissionais de diferentes áreas. É importante realçar a necessidade de participação de adolescentes no estudo, colaborando com experiências e colocações no desvendamento do processo de desenvolvimento.

2.3- Ritos de Passagem na puberdade

Van Gennepe (1978, p.26) vê os ritos fazendo parte da vida social: *“a vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra”*.

A vida na sociedade ocidental é uma sucessão de etapas, mediadas por atos especiais, tais como nascimento, puberdade, casamento, maternidade, etc. Nas sociedades indígenas, os atos especiais são atos cerimoniais vinculados ao sagrado. *“Cada um desses conjuntos de cerimônias, o objeto é o mesmo, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada”* (Van Gennepe, 1978, p. 27).

separadas de seus companheiros, podendo ser a reclusão considerada um período de isolamento. Uma menina adolescente é colocada em reclusão, dentro de uma divisória na própria casa, por aproximadamente três anos contínuos, a iniciar-se da sua primeira menstruação (Gregor, 1982).

Tavares (1994), em seu estudo sobre a reclusão pubertária no **Kamayurá de Ipawu**, no Xingu, Mato Grosso, relata a importância da reclusão como momento transformador dos jovens. O autor resume os principais fatos (Tavares, 139):

“Este período significa o momento de construção do corpo e da pessoa. É a época onde ocorre o aprendizado material-cultural, através de aconselhamentos, ensino de como fazer artesanatos, beyn, esteirinha, rede, uluri, etc., e técnicas corporais de escarificações e eurítics. Em média as índias ficam um ano ininterrupto, entram na menarca e saem na festa Kwarup, onde corta-se o cabelo e termina a reclusão feminina. Podendo então contrair laços matrimoniais”.

Um outro cerimonial se passa em uma sociedade mais simples, denominada **Arapesh**, situada na Nova Guiné. O relato nos é fornecido por Mead (1979, p.107), dizendo que a primeira menstruação da menina e o cerimonial que ocorre, na maioria dos casos, acontece na casa do pai. Seus irmãos constroem uma cabana menstrual e a menina é atendida por mulheres

mais velhas, suas próprias parentas. Friccionam urtigas ardentes e mandam enrolar, em forma de tubo, uma das folhas de urtiga e introduzi-la na vulva, para assegurar o desenvolvimento de seios grandes e fortes. A menina não come nem bebe água e o jejum dura de cinco a seis dias.

Os rituais de passagem existem em qualquer grupo social e adaptam-se à sua realidade, variando na forma de vivência e na intensidade do envolvimento individual. Nos estudos de Laraia e Melo (1980 apud Monteiro, 1988, p. 118) sobre os rituais de jovens brasileiros, os autores citam uma frase de Mary Douglas que afirma: *“Como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece imediatamente em outras, tão mais fortes quanto mais intensa for a interação social”*.

Os ritos de passagem representam períodos transformadores, experiências controladas por regras pré-estabelecidas pela sociedade; estabelecem uma espécie de ponte, uma passagem para a próxima fase. Nossa sociedade, de acordo com Abramovich (1985), reúne importantes celebrações, rituais de passagem na sociedade ocidental atual, tais como: a primeira comunhão, *bar* ou *bat mitzvat*, o baile de debutantes, cerimonial de casamento, chá de panela, chá bar, chá de bebê, funeral. De acordo com estes procedimentos, o indivíduo e seu meio propiciam os ensinamentos necessários para a vida futura. O indivíduo deve ir superando a fase anterior - a infância (ritos preliminares ou de separação), durante uma fase transitória - a adolescência (ritos liminares ou de margem) e chegando à interação - adulta (ritos pós-liminares ou de agregação).

No entanto, e de alguma maneira, a agitação da vida moderna nas sociedades ocidentais tem sido um empecílio para proporcionar aos jovens momentos de preparação e reflexão para a vida adulta. Hoje em dia, são comemorados os rituais de passagem em menor proporção, uma vez que não se dá como no passado tanta importância, nem valor aos rituais de passagem. Segundo Monteiro (1988), estes rituais são preparatórios para a vida futura da mulher. Ela obedece aos rituais desde pequena: dos 3 aos 8 anos será “anjo” na festa de coroação de Nossa Senhora, aos 15 anos será “debutante” e aos 17 anos será “Glamour Girl”, entre os 18 e 20 anos se casar.

O fenômeno da puberdade na sociedade ocidental atende aos atributos sociais, fazendo parte do padrão cultural. A puberdade concebe os fatores de crescimento, desenvolvimento e maturação biológica da mulher como sendo constituintes de um fator de reprodução, tanto a nível biológico, de procriação, da sobrevivência da espécie, quanto a nível da manutenção do “status” social da mulher. A sociedade coloca os valores estéticos de uma época, os comportamentos e as padronizações “naturais” e a consequente valorização da mulher.

2.4- Transformações Corporais

Crescimento e maturação são processos que se referem a atividades estritamente biológicas e desenvolvimento tem um significado mais amplo. Crescimento, maturação e desenvolvimento interrelacionam-se da concepção à vida adulta. Na puberdade, evidenciam-se as transformações corporais. Nesta fase, os processos biológicos não seguem necessariamente o calendário cronológico, pois cada um de nós tem seu próprio ritmo de amadurecimento e crescimento.

A puberdade é uma etapa da vida em que ocorre a maior diferenciação sexual. Produzem-se mudanças nos órgãos reprodutivos, assim como nas características sexuais secundárias, no tamanho e forma do corpo, na proporção relativa entre músculo, tecido adiposo e osso, em diversas funções vitais (Tanner, 1978). Os processos biológicos de crescimento, maturação e desenvolvimento orientam as transformações corporais. O desenvolvimento dos processos biológicos incluem fatores socioculturais, tais como: comportamentos, alimentação, ambiente, etc., que, influenciados, determinam as adaptações específicas de cada indivíduo. Os três processos (crescimento, maturação e desenvolvimento), são comumente utilizados em conjunto, e até erroneamente como sinônimos. Relacionam e articulam-se sob o ponto de vista da dinâmica corporal, mas cada qual possui conceitos diferenciados.

Segundo as definições estabelecidas por Malina e Bouchard (1991), o *processo de crescimento* relaciona-se a um aumento do tamanho do corpo ou de partes específicas do corpo; o *processo de maturação* varia segundo o sistema biológico e também segundo o indivíduo. Cada qual possui seu “tempo e momento” de progressão em direção ao estado biológico maduro. O *processo de desenvolvimento* envolve dois domínios:

a) biológico: caracteriza-se pela diferenciação de células ao longo das especializações das funções, quando em vida pré-natal. Continua seu desenvolvimento após o nascimento. A influência genética é determinante na fase pré-natal.

b) comportamental: depende do ajuste ao meio cultural. De acordo com os valores, símbolos, hábitos que caracterizam a população, refletirá tendências sociais, emocionais, intelectuais, de personalidade, segundo seu contexto específico.

O primeiro estirão de crescimento ocorre no primeiro ano de vida, com o crescimento pós natal e o segundo estirão de crescimento ocorre na puberdade. A influência genética nos processos de amadurecimento é fator primordial. A passagem da criança para o estágio adulto dá-se de formas muitas vezes turbulentas, no processo de amadurecimento bio-psico-social em algumas sociedades. A cultura tem seu papel fundamental nesta etapa da vida (Rocha Ferreira, 1995).

Os relatos de Mitchell (1978) e Tanner (1978) coincidem com relação ao início do estirão de crescimento da adolescência. Este se apresenta geralmente entre os dez anos e meio e treze anos para as meninas. Elas crescem em média sete e meio centímetros ao ano. Já, segundo Malina e Bouchard (1991), os dados diferem na idade do início do estirão de crescimento que, em média, acontece entre os oito anos e meio e dez anos e meio, aproximadamente. Estas alterações talvez reflitam variações populacionais e diferentes metodologias.

As transformações corporais nesta fase ocorrem intensamente em todos os segmentos corporais, tanto no seu comprimento, no peso dos ossos, na massa muscular, na deposição de gordura corporal, no alargamento dos quadris, no aparecimento de pêlos púbicos e das mamas. O dimorfismo sexual do esqueleto concebe-se quanto aos quadris. Esta especialização pode desaparecer no decorrer da evolução.

De acordo com Tanner (1962, 1969 apud Goldberg, 1986; 1978), e Malina e Bouchard (1991), o primeiro sinal de puberdade, em média, é o surgimento do broto mamário, seguido do aparecimento inicial dos pêlos pubianos, do estirão estatural, do desenvolvimento dos pêlos pubianos encaracolados e da menarca. Verifica-se que o processo de maturação inicia-se mais cedo no sexo feminino. São considerados fatores de crescimento os seguintes: herança genética, fatores neuroendócrinos, fatores ambientais em geral, nutrição e atividade física. Há uma tendência de que os eventos pubertários, por exemplo, a idade da menarca, aconteçam mais cedo nas classes econômicas mais favorecidas. De acordo com a sequência de

aparecimento dos eventos pubertários, a menarca ocorre numa fase já avançada da puberdade. Segundo dados apresentados por Tanner (1978), sobre a população europeia (setentrional) e americana (EUA), seu princípio em média varia entre 12,8 e 13,2 anos.

Em comparação, as adolescentes terão maiores aumentos nas proporções de gordura. O depósito de gordura corpórea está ligado ao aumento de secreção de estrógeno na mulher durante a puberdade, acarretando um aumento de panículo adiposo (Tanner, 1971 apud Goldberg, 1986). A estatura tem sido um indicador de maturação mais utilizado; é um critério significativo, pois as variações de constituição e de quantidade de tecido adiposo podem resultar em grandes variações no peso. No entanto, o peso pode ser um bom indicador da dimensão metabólica orgânica.

As garotas no início do estirão de crescimento, em média, demonstram um maior crescimento nas medidas estatura e peso. Tanner (1978) mostra que uma garota adolescente normal é um pouco mais alta que os garotos depois dos onze anos de idade, em virtude do seu estirão puberal ocorrer antes que o dos garotos.

Segundo Mitchell (1978), o rápido crescimento total da adolescência raramente continua mais do que por dois ou três anos. Porém, no sentido de crescimento, a adolescência não termina, continuando o crescimento esquelético e o da massa muscular: vai bem além dos vinte e cinco aos trinta anos para massa muscular, aos trinta anos para a estatura, dos trinta aos quarenta para massa esquelética, e ao longo da vida para o volume esquelético.

2.4.1- Variações Individuais

Os processos biológicos, como já mencionados, possuem tempos e momentos diferentes para cada indivíduo, podendo diferir nas fases pré-puberal, puberal e pós-puberal. Franz Boas (apud Tanner, 1978, p. 97), classifica os indivíduos por “tempo de crescimento”, existindo os maturadores cedo, médio e tardio na população (Tanner, 1978).

As sequências de desenvolvimento das características sexuais secundárias são baseadas na média de aquisição das idades e não necessariamente ocorrem nas mesmas circunstâncias (Malina, 1988 apud Malina, Bouchard, 1991). Por esses motivos, a adolescência é considerada um período de difícil definição em termos de idade. Sob a influência de aspectos culturais, torna-se ainda mais complexo.

A idade cronológica como referência biológica não reflete os aspectos maturacionais e de desenvolvimento de um indivíduo. Para tanto, fazem-se necessários outros meios de avaliação, como maturação esquelética (idade óssea), somática (altura), sexual (características sexuais secundárias) e dental (tempo de erupção dos dentes).

2.4.2- Atividade Motora

A atividade motora é um termo recentemente utilizado como substituto de atividade física. O primeiro tem uma conotação mais ampla, denotando um enfoque biocultural, e o segundo estritamente biológico. A atividade motora transcende o paradigma tradicional, busca explicar o movimento dentro de um contexto social, impregnado de ideologia, com significado próprio de uma cultura e específico da pessoa.

Rocha Ferreira (1995, p. 12), baseada em diferentes pesquisas coloca , *“que embora todos possuam a capacidade de responder a diferentes estímulos, algumas pessoas são mais sensíveis do que outras para responder”*. Malina e Bouchard (1991) enfocam a atividade física como um dos muitos fatores que podem influenciar na melhoria da qualidade de vida, quando adequada ao crescimento, maturação e desenvolvimento.

A prática da atividade motora na adolescência é um fenômeno importante para ser estudado. O processo bio-psico-cultural pelo qual o jovem passa durante esta fase interfere na prática da atividade. O “tempo de crescimento” é um fator preponderante na escolha da atividade. Verifica-se que as garotas caracterizadas como maturadoras cedo têm melhor performance em idades mais novas; em contrapartida, as maturadoras tardias são mais constantes no jogo e possuem melhor performance em idades avançadas, sendo superiores às outras.

Malina (1988 apud Malina, Bouchard, 1991) relata que a performance, a variação motivacional e mudanças de atitudes podem interferir no gosto pela atividade física. Mudança em imagem corporal durante este período de rápido crescimento e maturação afetam a motivação, da mesma forma que interesses sociais e expectativas também se alteram.

2.5- O Processo, o Comportamento Social e a Identidade Feminina

2.5.1- A Individualização e Processo Social

No atual estágio da sociedade capitalista, com grandes investimentos em pesquisas científicas e tecnológicas, há a exigência de uma crescente e constante especialização no exercício da função profissional. Neste sentido, a adaptação dos jovens na sociedade adulta torna-se mais complexa e abrangente, com intenso controle comportamental exigido para o correto desempenho dos papéis e funções adultas. Amplia-se cada vez mais a divergência entre o comportamento adulto e o da criança. Este período de remodelação durante o crescimento torna-se difícil e demorado na obtenção do “status” adulto.

Na avaliação sugerida por Elias (1994, p. 104), constata-se que:

“quando as sociedades se tornam mais complexas e centralizadas, quando a especialização aumenta e se diversificam as carreiras oferecidas pela sociedade, a preparação necessária para o desempenho das tarefas adultas também se torna mais prolongada e complexa. Durante um período extenso e que ainda continua a se alongar, as crianças e os jovens são isolados dos círculos adultos: frequentam escola e estudam em universidades, agremiações técnicas e outras instituições especialmente organizadas para o preparo dos mesmos”.

Este quadro incide num aumento de expectativa e ansiedade, pois apesar de biologicamente maduros, os jovens encontram-se em desenvolvimento psicossocial. No passado, houve um momento em que tanto Erickson como Mead (apud Muuss, 1976, p.69) apregoaram como sendo um período de “moratória psicológica”, no qual os adolescentes podiam experimentar situações, sem maiores compromissos ou consequências.

Com o passar dos tempos, a situação modificou-se, e este período desapareceu. Desta forma, há a formação de uma vida social distinta, um mundo próprio, caracterizado pela “cultura jovem”:

“a perda de tal período de experimentação sem compromissos, durante o qual a juventude pode encontrar a si mesma, torna difícil estabelecer a identidade do ego. Como substituto da identidade psicológica, a juventude utiliza-se de símbolos dos grupos, de companheiros para estabelecer uma semi-identidade por meio de roupas especiais, linguagem própria, atitudes especiais para com o mundo”
(Mead, 1952 apud Muuss, 1976, p. 69) .

O intenso processo de adaptação social durante este período aumenta as probabilidades de fracasso, quando os jovens encontram as maiores dificuldades na obtenção de um equilíbrio individual, nas inclinações pessoais, no auto-controle e deveres sociais. Da mesma forma, as probabilidades de alcançar os seus esforços são sempre ínfimas, em relação ao número de pessoas que o buscam. Faz-se necessário ampliar seu espaço relacional, proporcionando um aumento do número de experiências e vivências destes adolescentes, promovendo um maior contato íntimo com ele mesmo, sua auto-percepção e do mundo que os cerca. Deve-se permitir uma maior variedade de expectativas e liberdade, uma combinação de liberdade com responsabilidade.

2.5.2- O Comportamento Social

Segundo Benedict (1950 apud Muuss, 1976), a mudança de um sistema de relação interpessoal, por exemplo, de dependência (criança) para outro de independência (no adulto), cria descontinuidades no processo de

crescimento. Fornece uma maneira teórica de relacionar o sistema de vida de uma determinada sociedade ao crescimento e desenvolvimento da personalidade individual. A autora vê o crescimento como um processo gradual e contínuo.

As interpretações das diversas sociedades, complexas ou menos complexas quanto à adolescência, demonstram que os problemas dos adolescentes podem ser resolvidos de diversas maneiras, em diferentes níveis de compreensão, ou até mesmo nem existir. As atitudes, valores, habilidades apreendidos na infância, devem ser esquecidos quando se tornam adultos. As maiores mudanças nas sociedades ocidentais ocorrem durante a adolescência. Benedict (1950 apud Muuss, 1976, p. 57), sintetiza três aspectos de continuidade e descontinuidade no condicionamento cultural:

- a) papel ou “status” responsável versus papel não responsável;
- b) dominação versus submissão;
- c) papéis sexuais contrastantes.

Em nossa sociedade, temos o costume de separar a diversão do trabalho. Diversão e trabalho podem ser encarados como uma mesma atividade, desde que se conceba que o trabalho também inclui uma parte de diversão, assim como a diversão também inclui uma parte de trabalho. Caso contrário, o trabalho se transforma numa estressante obrigação, ou ao contrário, a diversão passa a ser uma atitude sem consequências, de “curtição”, de irresponsabilidade. Estes contrastes confundem o discernimento da experiência produtiva para o adolescente.

Difícil é a questão da submissão e do domínio. De forma geral, durante a infância, condiciona-se a dependência da criança (tábula rasa) à família. É submetida total e irrestritamente à responsabilidade dos pais ou dos responsáveis. Mas, com a entrada na adolescência, tal comportamento familiar se modifica subitamente. Traz maiores cobranças e responsabilidades, provocando grande tensão emocional, ansiedade e insegurança.

A função sexual da criança ao adulto, determinada pela instituições sociais, altera a influência dos fatores fisiológicos. Muuss (1976, p. 59) interpreta desta forma: *“as experiências da infância são censuradas e restringidas e o sexo é considerado uma coisa feia. Até o casamento, a virgindade e a abstinência sexual são sustentadas como ideais sociais. Mas na noite de núpcias espera-se sensibilidade sexual”*. As instituições sociais e experiências culturais canalizam e alteram a influência dos fatores biológicos.

As sociedades de graduação por idade, que se processam por estágios de desenvolvimento, compartimentalizam os indivíduos em comportamentos e conhecimentos a serem adquiridos, enfatizando as descontinuidades a nível educacional.

2.5.3- A Identidade Feminina

A transformação corporal é um fenômeno que acontece com todos os indivíduos, possuindo um caráter de “fenômeno universal”. No entanto, para além dos aspectos biológicos, a adolescência encontra-se vinculada aos padrões sociais, cujas diferenças sexuais resultam em divisão de trabalho, diferentes comportamentos, papéis, valorizações e sentimentos, que cotidianamente são vivenciados em nossa sociedade.

No atual estágio de conhecimentos, torna-se impossível dizer o quanto é aprendido e o quanto é inato no comportamento humano. O condicionamento cultural sugere que desde a fase intra uterina os comportamentos já estão sendo processados e, na infância, inicia-se a imitação e o treinamento de papéis sexuais. Para exemplificar, Erickson (1972, apud Gallatin, 1986, p. 371) afirma que *“a ‘competição’ é fundamental e biologicamente masculina, enquanto que o ‘desvelo e a assistência’ são basicamente femininos”*.

A condição feminina remete circunstâncias distintas, cuja interpretação deve ser inserida na análise dos objetivos e valores dos adolescentes. Porém, quase todos os conflitos parciais da crise de identidade tais como a escolha profissional, escassez do mercado de trabalho, mão de obra jovem mais barata, especialização de funções (Gallatin, 1986), assim como os objetivos e valores de sucesso, de segurança, de realização pessoal, de conformidade e de aceitação social, parecem ser mais estreitamente

correlacionados com o sexo masculino. Com o passar da idade, a percepção de futuro para rapazes e moças torna-se tipicamente diferenciada em seus planos ocupacionais, mais realistas. Observa-se que a orientação do futuro das moças permanece vago, ou simplesmente deixam de se realizar durante a adolescência. Tais dificuldades advêm de um modelo de concepção sócio-cultural da mulher que se mantém por séculos. Mead (1952 apud Muuss, 1976, p. 68) afirma que *“a tarefa principal dos adolescentes de hoje é encarar a procura de uma identidade significativa”*.

Erickson (1972, p. 284) expõe argumentos, quando interpelado por adolescentes, desta forma:

“as jovens perguntam frequentemente se podem ter uma identidade certa de conhecerem com quem vão casar ou para quem fundarão um lar. Aceito que alguma coisa, na identidade da mulher jovem, deve se manter aberta para as peculiaridades do homem a quem se juntará e dos filhos a quem criará; acho, entretanto que a maior parte da identidade de uma jovem já está definida em sua espécie de atração e na natureza seletiva de sua busca do homem (ou homens) por quem ela deseja ser desejada”.

Devemos levar em consideração o fato de que Erickson desconhece o quadro atual da mulher, suas necessidades, seu trabalho. O fato é que, de acordo com a contextualização e participação social da mulheres, os

problemas sociais da atualidade também fazem parte do cotidiano de sua vida. A adolescente também se depara com a escolha profissional, com o mercado de trabalho, com o desemprego, com a Aids, com a desmoralização política.

2.6- O Adolescente e o Grupo

Os programas de televisão promovidos pelo SBT, “Programa livre” e “Fanzine”, na TV CULTURA, são exemplos que mostram o desejo de participação dos adolescentes. Transformam a estática e passiva mudez dos jovens telespectadores em participação ativa. Segundo o apresentador do Programa Livre, Sérgio Groisman: *“Antes os programas eram feitos para os jovens, hoje são feitos com os jovens, e ainda chegará o tempo em que eles serão feitos pelos jovens”* (Shopping News, 1993, p.07).

Este movimento de participação adolescente é geral e comum a todos os adolescentes do mundo, distinto dos momentos históricos e culturais anteriores devido às peculiaridades deste momento, em especial. Ocorreram mudanças sociais muito significativas no comportamento dos adolescentes atuais. O modelo das gerações mais velhas não serve para o futuro; o jovem sente, pressente, participa, analisa criticamente a sociedade como nos é demonstrado em suas músicas, literatura, participação política e cidadania (estatuto da criança e do adolescente, o direito ao voto), esportes, entre outros. Entretanto, é interessante observar as competências requeridas e

as preocupações dos legisladores e da sociedade em geral, que aparecem formulada assim :

Será que nossos adolescentes estão à altura ?

Qualquer resposta negativa ou positiva numa teoria de maturação natural seria inútil(Calligaris, Contardo, 1991). Este adolescente ainda não é “algo”, está a meio-caminho, ainda não se concretizou. Parece uma obra semi-acabada, faltam alguns retoques para representar aquilo que é esperado pela sociedade. A sociedade não o visualiza como um ser completo, passando por uma fase da vida repleta de dificuldades e angústias, ocasionadas também por ausência de regras sociais mais definidas e direitos e deveres.

Na adolescência, evidenciam-se diferenciações grupais, cada qual com suas semelhanças, interesses e objetivos em comum. Demonstram afinidades com seus grupos específicos diferenciando-se da fase infantil. Compartilham idéias, comportamentos, objetivos, interesses, trocam informações e consolidam uma nova perspectiva de vida. Este fato adolescente é sentido por ambos os sexos. No momento, este grupo de semelhantes buscam uma cumplicidade, compreensão e carinho dos companheiros, a fim de que possam posicionar-se diante do mundo social, assim como elaborar para si próprios, em feedback, experiências vividas. Este grupo sustenta-se como um alicerce, no qual ele pode extravasar aquilo que ele acredita ser, suas idéias, tendo o respaldo de ser aceito e receber a “permissão” de prosseguimento da sua descoberta individual.

A socióloga Helena Wendel Abramo, numa palestra no auditório da Folha de São Paulo, cujo tema era “O jovem e suas linguagens” (11/94), questiona : *Quais as causas do aparecimento destes grupos neste momento?*

De acordo com a pesquisadora, são vários os aspectos apontados:

- a) a contemporaneidade, que gera uma cultura de imagem na qual a forma predomina sobre o conteúdo;
- b) a influência da cultura americana;
- c) o peso dos meios de comunicação: os jovens dos setores de classes médias passam a ter informação a partir dos anos 70; uma maior parcela da juventude passa a ter contato com os meios de comunicação.

Tratam-se por modos de expressão e criação de estilos que são oferecidos pela indústria cultural, como por exemplo roupas, termos expressivos, caricaturizações, etc. As roupas vendidas no mercado são modificadas e determinadas pelas questões que preocupam o grupo. Cria-se um novo conjunto: é como uma bricolagem de cada constelação cultural, como se vê nos espaços dos punks, rappers, racionais, carecas, cabeludos, skatistas radicais. Estes circulam em bandos, andam pelos espaços sociais entrando em confronto com os outros atores sociais, estabelecendo uma dimensão cênica nesta movimentação e buscando passar sua mensagem.

No discurso proferido pelo psiquiatra e escritor português Daniel Sampaio, participante também da palestra promovida pela Folha de São Paulo, este ratifica os dizeres da socióloga Helena dizendo que não podemos ver o adolescente isolado (com relação à família e à comunidade). Devemos criar

possibilidades de os jovens expressarem seus pontos de vista, promover espaços para jovens. De acordo com estes pontos de vista, de favorecimento de espaços para adolescentes, existem idéias conflitantes e discussões sobre quais os procedimentos mais adequados.

Elias (1994, p. 105) contradiz as colocações de Daniel e Helena dizendo que *“na vida social desse grupo etário, é comum desenvolverem-se aptidões e interesses aos quais as funções adultas, dentro dessa estrutura, não dão margem alguma; são formas de comportamento e inclinações que os adultos têm que cercear ou reprimir”*.

Neste momento, também surgem os laços amorosos, envolvimento maiores com o sexo oposto; é o momento de experimentar as carícias do namoro, as intimidades, assuntos e interesses a dois, de entrega às paixões, ao amor. É um momento de grande extravasamento emocional, é um dar e receber estabelecendo elos cada vez mais fortes.

Segundo Money e Tucker (1975, p. 138):

“o propósito da natureza ao planejar a síndrome de apaixonar-se, foi juntar macho e fêmea humanos logo que seus órgãos estivessem maduros para a reprodução e mantê-los juntos o tempo suficiente para assegurar a geração seguinte”.

No panorama amoroso, destacamos a representação dos papéis sexuais e as determinações sociais, sendo que estes papéis se definem hoje diferentemente do que ocorria em tempos remotos de nossos antepassados ou mais recentemente de nossas mães ou avós. Como demonstra Money e Tucker (1975), com relação aos arquétipos do apaixonar-se em nossas culturas, de um lado temos o Dom Juan, que é indiscriminadamente sedutor e, do outro Penélope, a esposa sempre fiel, mantendo seus pretendentes à distância durante os longos anos de espera pela volta improvável de Odisseu.

Nos dias de hoje, verifica-se uma liberdade de ação, por parte dos adolescentes, muito mais acentuada que em tempos passados. Estes adolescentes não possuem tanta repressão em relação a seus corpos: sexualidade, idéias, comportamentos. Como dizem, “são liberados”, assumem-se mais e aventuram-se sem tanto medo. Com este maior desprendimento social e maior predisposição à exposição dos acontecimentos, colocam limites muitos de graus à frente, permitindo-se experienciar e acreditar em si mesmos.

Observando o cotidiano destes jovens, nota-se a dificuldade de relacionamento com os pais e vice-versa. A psicóloga Roseli Ismael, outra palestrante do encontro promovido pela Folha de São Paulo, considera que estas dificuldades se encontram em termos de moral e em termos de cidadania, pois a família também se encontra num processo desarmônico e desestruturado. Os pais parecem perdidos na relação com seus filhos adolescentes, não possuindo um modelo de vida futura para orientá-los, sem autoridade e com medo de serem autoritários. Neste difícil processo, o

adolescente cresce sem limites, podendo surgir momentos desastrosos como agressividade abusiva contra os pais, levando-os a uma geração de virada.

A família reflete o modelo da sociedade atual com tendência a ficar desestruturada. Reflete insegurança, e até falta de ética, ou de futuro. As escolas, as famílias, os hospitais, as indústrias, todos parecem um sistema social desgovernado. Isto é vivenciado pelos adolescentes, produz sentimentos de revolta, aumento de transgressão, como nos casos de vandalismo nos diversos segmentos sociais, tais como em festas, bailes, escolas, jogos esportivos. Mostram a insatisfação relativa às condições encontradas no quadro nacional.

Mead (1970) havia previsto o rumo que o mundo tomaria, fazendo colocações pertinentes ao futuro das gerações. Classificou-as como culturas pré-figurativas e filhos desconhecidos, propondo-nos uma pergunta chave: *Quais são as novas condições que fizeram surgir a revolta da juventude?*

De acordo com Mead (1970), ela aponta para alguns pontos, como:

a) a geração nova, os jovens rebeldes articulados de todo o mundo que estão escapando aos controles a que estão sujeitos. São como a primeira geração nascida num país novo;

b) como membros de uma espécie numa comunicabilidade mundial subdesenvolvida, reconhecem que as distinções odiosas baseadas em raças e castas são anacronismos;

c) vivem num mundo em que os acontecimentos lhes são apresentados em toda a sua urgência;

d) mais do que sabem estas coisas, talvez devessem dizer que as sentem;

e) tentam encontrar uma solução para eles e para o mundo à sua volta, pois de acordo com a geração anterior, a situação será pior;

f) neste ponto de ruptura entre dois grupos radicalmente diferentes (pais e filhos), mas intimamente relacionados, ambos estão inevitavelmente sozinhos.

Mead (1970) chama este novo estilo de pré-figurativo porque nesta nova cultura é o filho, e não o pai ou o avô, que representa o que está para vir. Como os jovens dizem, “o futuro é agora”. Portanto, as diferenças em relação ao passado são inúmeras, as diferenças entre indivíduos que são membros de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento (Mead, 1979).

Em que fonte, em que inspiração cultural se baseou cada cultura, para definir as bases das personalidades masculinas e femininas?

De acordo com a história da definição social das diferenças de sexo, verificamos uma série de arranjos arbitrários nos campos sociais, intelectuais, artísticos, etc..., em virtude da suposta congruência entre o sexo fisiológico e dotação emocional. Portanto, podemos interpretar que a cultura seleciona traços da extensa gama de dotes humanos (sexo, artes, etc..) e especializa-os para um ou outro sexo, ou para toda a comunidade (Mead, 1979).

CAPÍTULO III

3.1- Objeto e Objetivo da Pesquisa

O objeto da pesquisa é o estudo da *Transformação Corporal, Atividade Motora e suas Representações Sociais* em adolescentes do sexo feminino, de 15 a 17 anos, frequentadoras da Escola Estadual de Segundo Grau “Zuleika de Barros Martins Ferreira”, localizada num bairro de classe média, situada à Rua Padre Chico, 420 - Bairro Pompéia.

A adolescência é uma fase da vida com uma duração maior que a escolhida. No entanto, a intenção desta delimitação de faixa etária dos 15 aos 17 anos, procura situar bem as experiências e esclarecimentos das adolescentes, caracterizando a fase que estão vivendo. A partir dos 15 anos, evidenciam-se os rituais de passagem, assim como o aumento nos compromissos sociais; os 17 anos antecedem alguns compromissos legais, considerando-as “adultas”.

Os objetivos da pesquisa voltam-se para os seguintes itens:

- a- Compreender a representação social na tríade adolescente-corpo-atividade motora;
- b- Contribuir para uma reflexão sobre a questão da mulher, da adolescente, do corpo e da atividade motora.

3.2- Delimitação do Problema

Os conteúdos programáticos normalmente desenvolvidos nas aulas de Educação Física, em escolas públicas de segundo grau são, em sua maioria, atividades esportivas. O professor(a) de Educação Física, na sua atuação prática, modifica sua dinâmica de aula com relação às diferenças de sexo. Observa-se uma predisposição diferenciada do professor, quando considera o fato de ministrar aulas para turmas masculinas ou femininas.

Esta atuação do professor(a) de Educação Física, em geral, propicia desvantagens para o sexo feminino na aprendizagem do conteúdo nas aulas de Educação Física. Devido ao baixo desempenho nas capacidades e habilidades na participação das alunas, o pouco conhecimento e experiências motoras demonstram que as diferenças de sexo influenciam no aprendizado das práticas motoras, no comportamento dos adolescentes, nas suas capacidades, assim como em termos de interesse e motivação para sua prática.

Isto ainda se torna mais grave, quando consideramos as turmas de segundo grau, pois os programas de Educação Física relevam um aperfeiçoamento das técnicas esportivas, dando maior autonomia aos jovens, considerando-os aptos a praticar e a organizar suas próprias atividades. Dependendo do entendimento destas questões, o professor(a) poderá entusiasamá-las ou desentusiasamá-las na sua prática, podendo até gerar uma situação de desestímulo com relação à prática da atividade motora.

A vivência das alunas em aulas de Educação Física exige uma compreensão e interpretação das situações diferenciadas da turma masculina. Não quero dizer que se deva separar ou especificar turmas, mas os professores devem ter conhecimento do processo que envolve tipo de comportamento das alunas, procurando dar atenção e orientação específica para este problema. Em outras palavras, a observação e caracterização dos elementos - alunas adolescentes, atividades motoras, diferenciação sexual, comportamento social durante as aulas de Educação Física - incitará o desejo de maior conscientização profissional sobre o assunto e, por conseguinte, uma maior reflexão sobre o ato de ensinar.

Quais os motivos que levaram a perpetuar esta condição para o sexo feminino?

Os conhecimentos teóricos baseados na História das Mulheres e a prática esportiva da mulher, me possibilitaram perceber o pano de fundo que sustenta esta situação. A questão não se enquadra apenas dentro de um contexto biológico, mas é, fortemente respaldada num contexto social. Além das revisões bibliográficas, baseamo-nos nas opiniões e observações fornecidas pelas adolescentes.

As questões da representação social do corpo em movimento, foram trabalhadas para responder:

- a- o que as atividades motoras representam para as adolescentes;
- b- o que elas acham das aulas de Educação Física;
- c- quais os conteúdos apreendidos;
- d- o prazer na prática motora, seus benefícios e/ou malefícios;

- e- qual o porquê dos jovens buscarem cada vez mais atividades motoras fora da escola;
- f- preconceitos, discriminações e estimulações na prática esportiva.

A retrospectiva histórica na concepção das mulheres nos vem informar quão longínqua e profunda é a dimensão do problema relacionado com o corpo da mulher e gênero. Sob o ponto de vista patriarcal, existe a dominação da mulher, existe um reforço de comportamentos de sujeição e submissão, que define os modelos de representação social deste corpo. Por outro lado, podemos destacar no decorrer da História, mulheres brilhantes, empenhadas causas esportivas, políticas, feministas, profissionais, que intervieram no quadro comportamental feminino, delimitando outras formas de atuação social.

As categorias analisadas neste trabalho, através de questionário, procuram mostrar as influências dos meios de comunicação (televisão, jornais, revistas, família, escola, etc...), sua adequação aos modelos e aos padrões sociais, no tocante aos valores estéticos, comportamentais, pela prática da atividade motora. Verificamos como jovens mulheres estão lidando com estes tipos de informações.

3.3- Atividade Motora

Inicialmente, torna-se necessário esclarecer as concepções de esporte a que se refere este projeto. Trata-se da prática da atividade motora desenvolvida nas unidades escolares, assim como daquelas oferecidas por empresas particulares, fora do contexto educacional. Tais práticas motoras representam aplicações num amplo espectro das ações motoras. A intenção é considerar as atividades motoras em termos do que elas têm em comum, com base no movimento humano.

As atividades motoras envolvidas nesta pesquisa são abordadas como movimentos executados intencionalmente com o corpo tais como : ginástica, ballet, esportes (basquetebol, voleibol, handebol, tênis, atletismo,etc.), yoga, artes marciais (tai chi chuan, taekwondo, judô, etc.), técnicas alternativas (massagem, relaxamento,etc.).

A descrição destas atividades motoras fornecidas pelos adolescentes, dentro e fora da escola, possui como referências o tipo, a duração, a regularidade e a importância da prática motora. Portanto, os significados da prática motora refletem a variabilidade de atribuições em necessidades, que vão desde a prática motora como simples brincadeira, divertimento, exercícios com características lúdicas, até aquela prática motora definida como tendo um caráter competitivo, com regras e treinamentos específicos: a performance esportiva.

CAPÍTULO IV

Método - Os Caminhos Percorridos

4.1- Descrição

O enfoque central do projeto de dissertação de mestrado traz uma abordagem interdisciplinar, envolvendo as teorias da área da Educação Física e Ciências Sociais numa interpretação dos aspectos bioculturais. A pesquisa bibliográfica e seu aprofundamento teórico estiveram presentes durante todo o processo de trabalho.

A princípio, fizemos um levantamento bibliográfico geral e exploratório, acerca de assuntos envolvidos no projeto de mestrado: mulher, adolescência, sociedades, representação social. Foram consultadas obras de antropólogos físicos e culturais, sociólogos, psicólogos, pedagogos, psiquiatras e historiadores para que pudessemos identificar e orientar os critérios de abordagem nos assuntos definidos acima.

Após essa etapa, localizamos o tema do projeto com áreas de concentração e atuação, para proceder a uma seleção das leituras e ao estudo das obras, dissertações, teses, periódicos que adequam aos conhecimentos teóricos referentes a dissertação em questão. Para tal, selecionamos os conteúdos e abordagens das áreas de concentração por autor, assunto, ano. Analisamos também documentos que pudessem

expressar o conhecimento atual por meio de palestras, jornais, congressos, seminários, simpósios, assim como por meio de comunicação de massa, programas de televisão como Globo Repórter e Séries da BBC-Londres, programas voltados para adolescentes promovidos pela TV Cultura.

Os textos foram agrupados em torno dos seguintes temas básicos:

- a- Construção sócio-histórica da mulher
- b- Construção Biocultural da adolescência/Puberdade
- c- Atividade Motora.

A seleção dos livros, dissertações, teses e artigos foi feita junto aos catálogos bibliográficos das bibliotecas dos cursos de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade de São Paulo (USP), bibliotecas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH - UNICAMP), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH - USP), Instituto de Psicologia (IP-USP), Faculdade de Educação (FE-USP), e Fundação Carlos Chagas-SP.

O estudo foi feito através de pesquisa empírica, com trabalho de campo. As técnicas de avaliação empregadas na definição do processo de maturação (idade da menarca, caracteres sexuais secundários), assim como as representações sociais e a atividade motora das adolescentes foram caracterizadas a partir dos seguintes instrumentos :

- a- questionário;
- b- tabelas de auto-avaliação:
 - configuração corporal: auto-identificação com a figura humana, nas posições anterior, posterior e lateral do corpo;

- caracteres sexuais secundários - auto-identificação com os estágios de desenvolvimento maturacional da pelagem pubiana e mamária.

4.2- Contatos Iniciais com a Escola

Primeiramente, verificamos a possibilidade de efetuar a pesquisa de campo no estabelecimento de ensino. Foram consultadas a diretora da unidade escolar e a professora de Educação Física responsável pelo período matutino e vespertino. Para tanto, foram feitas as colocações das idéias pertinentes ao projeto de dissertação de mestrado e o porquê do interesse pela unidade escolar.

4.3- População Estudada

Os dados referentes ao diagnóstico da Escola foram coletados através de pesquisa por amostragem realizada em Dezembro de 1994 (nos períodos matutino, vespertino e noturno), de acordo com o documento - Plano Diretor/1995-Escola Padrão.

A população desta Unidade Escolar, na sua parte, encontra-se na faixa etária entre os 14 e 18 anos. Existe no período matutino e vespertino um predomínio do número de alunas em relação aos alunos.

De acordo com as informações obtidas pelo diagnóstico, grande parte dos alunos reside longe da escola, utilizando transporte

coletivo para chegar à Unidade Escolar. Menos de 50% dos alunos residem na comunidade local, próxima à escola.

A maior parte dos alunos mora com os pais e pertence ao grupo social de classe média. Apenas 10% dos alunos possuem renda familiar superior a 10 salários mínimos (dados relativos a março de 1995).

A maioria dos alunos não possui qualquer tipo de trabalho e/ou atividade remunerada, sendo que apenas 33% são registrados em carteira de trabalho, e cerca de 23% recebem salários entre R\$ 100,00 e R\$ 200,00.

A maior parte dos alunos procura a escola como meio de ascensão social, através da preparação para chegar ao ensino de nível superior. Cerca de 85% dos alunos vêm de escola pública, e entre as atividades culturais e lazer que frequentam, preferem pela ordem, assistir a filmes e novelas na televisão, ouvir música, fazer esportes e ler revistas.

Dentre outras informações sobre esta unidade escolar, seu quadro docente é composto de quarenta e quatro titulares de cargo, quatro estáveis e seletistas, trinta e quatro ocupantes de função atividade, sendo vinte e cinco PIII e nove PII, totalizando oitenta e dois professores, dos quais cinco são professores de Educação Física (p.40-Plano Diretor). Entretanto, vale ressaltar que os professorres efetivos e na ativa estão engajados no processo educacional há mais de 20 anos. Trata-se de escola bem localizada e a permanência dos titulares de cargo é de longa duração (p.40-Plano Diretor).

A escolha desta escola deu-se pelo elevado número de alunos e por representar a classe média. Optamos por estudar uma amostra desta população. Para a obtenção de uma amostra representativa da população da mesma, foram observados os critérios de formação de turmas de Educação Física, nesta unidade escolar. A seleção das turmas de Educação Física são efetuadas tal qual a formação das turmas de classe: conforme vão se efetivando as matrículas, formam-se as turmas, por ordem de chegada.

Cada professor de Educação Física ministra aulas segundo calendário escolar, junto com as outras disciplinas escolares. O professor de Educação Física ministra aulas a uma turma por vez, como outros professores de áreas distintas.

O número de alunas cadastradas na faixa etária entre 15 a 17 anos resultou num total de 597 alunas. Aplicando-se uma amostragem de 35% do total das alunas, obteve-se um número de 210 participantes selecionadas para a pesquisa, sendo assim distribuídas :

17 anos: 50 alunas;

16 anos: 69 alunas;

15 anos: 91 alunas.

Os parâmetros observados na amostragem são:

a- proporção populacional - $P'' = 0,50$;

b- Erro de amostragem - $d = 0,08$;

c- 95% = nível de confiança:

$$n = 150$$

- com erro de amostragem = $0,07$:

$$n = 210$$

Estes parâmetros foram retirados do manual "*Sample size determination in health studies - a practical manual*" - World Health Organization Geneva - 1991, Table 1 - Estimaticy a population proportion with specified absolute precision.

Foram consultados, na secretaria da escola, os arquivos de matrícula de todas as alunas dos períodos matutino e vespertino, das primeiras e terceiras séries do curso colegial. Organizou-se um cadastramento prévio e geral dos dados das alunas, constando de: nome, idade, série e classificação por número de registro da pesquisa (RG). Foram excluídas aquelas alunas que não se enquadravam na faixa etária determinada.

Houve uma fase preliminar, um primeiro contato, no qual visitamos cada sala de aula, a fim de darmos esclarecimentos à cerca do objeto da pesquisa, sua finalidade e a importância da colaboração e participação das alunas na pesquisa. Este procedimento inicial diminuiu as expectativas e criou condições para que as participantes da pesquisa expusessem suas opiniões e suas curiosidades.

A maioria das alunas demonstrou boa vontade e interesse na participação da pesquisa. Ocorreram indagações à retirada das alunas da sala de aula. Perguntas foram feitas, nos intervalos de aula, ao professor

responsável no momento, sem prejuízo dos conteúdos. Portanto, dependendo da disponibilidade, da situação e do professor responsável, foram feitas as seleções das turmas, para o preenchimento dos questionários.

4.4- Montagem dos Instrumentos de Coleta

Tabela de Auto-Avaliação

4.4.1- Determinação do Nível Maturacional Sexual

A partir das tabelas de desenvolvimento mamário e pelagem pubiana fornecidas pelo “Growth Diagrams 1965 netherlands” de Netherland Institute for preventive medicine tnoleiden wolters-noordhoff publising groningen MSD Merck Sharp e Dohme, adicionamos as descrições de Tanner (1962) para o desenvolvimento das glândulas mamárias e pelagem pubiana (ambas em V estágios), na lateral das fotos da tabela mencionada acima (ver anexo).

Apesar do número de estágios ter sido em certo grau arbitrários, a melhor descrição e estudo das características sexuais secundárias são descritos em V estágios por Tanner (1962) para ambos os sexos (Matsudo, Matsudo, 1991). A idade cronológica como referência biológica não é um índice real e fidedigno de maturação. É fundamental a avaliação de outro indicador que permita melhor qualificação da adolescente, na determinação de seu nível de amadurecimento biológico.

A escolha da mensuração da idade sexual, idade da menarca, idade cronológica consiste, respectivamente, em analisar o desenvolvimento das características sexuais secundárias femininas (glândula mamária e pelagem pubiana) em conjunto com as demais. No entanto, sabe-se que essas mudanças apresentam variações individuais tanto no seu início, como na duração que levam para se completar, e no contexto ambiental.

4.4.2- Configuração Corporal: O Modelo Da Figura Humana

A construção do modelo da figura humana foi feita através da filmagem em vídeo nas posições anterior, posterior e lateral do corpo (ver anexo).

A escolha de um corpo ideal para modelo da figura humana adolescente corresponde aos valores impostos socialmente, vinculados pela mídia: magra, bonita, medidas proporcionais à altura, musculatura exercitada, etc.

A opção na escolha de um corpo ideal como modelo da figura humana, alterando a imagem, partindo de um estágio magro para o estágio gordo, decorreu de limitações funcionais quanto à viabilidade de sua execução prática, num sentido de aumento na variabilidade de respostas, auxílio de profissionais e equipamentos especializados.

Entretanto, este instrumento tem como critério principal a comparação da descrição de corpo da adolescente, fornecida pelo questionário e a identificação da figura humana, caracterizando sua autopercepção corporal.

A idéia elaborada de modelo da figura humana utiliza as representações dos cinco somatotipos de Heath-Carter:

- a- endomorfo;
- b- endomorfo-mesomorfo;
- c- mesomorfo;
- d- mesomorfo-ectomorfo;
- e- ectomorfo.

Como material complementar à pesquisa, tornou-se necessário:

- utilização de câmera de vídeo Panasonic, mantida a uma distância de quatro metros do indivíduo, a uma altura de um metro e meio do solo, com fundo branco e luminosidade nublado, na finalidade de elaboração da tabela dividida em cinco estágios somatotípicos - endomorfa até ectomorfa, utilizando para tanto programa de computador Corel Photo Paint.

- utilização de fotografias para ilustração no texto final da dissertação - com máquina Minolta modelo X7A, lente zoom 35-105 mm e flash automático, filmes Kodak Asa 100 - 36 poses, para notificação de eventos,

tais como : Baile de Debutantes, aulas de Educação Física, etc.; (ver anexo).

- Materiais antropométricos: para elaboração das medidas antropométricas da pessoa filmada (tabelas somatotípicas): Balanças (mecânica e digital), Antropômetro, compasso, fita, paquímetro.

4.4.3- Elaboração do Questionário

O questionário envolveu perguntas de caráter quantitativo e qualitativo, por meio de questões abertas e fechadas, acerca dos assuntos selecionados. A construção do questionário foi realizada em diferentes etapas (ver anexo). A princípio, formulou-se um roteiro de questões abertas, para se conhecer a realidade. As variáveis estudadas foram:

- a- percepções de corpo;
- b- discriminações e preconceitos relacionados com comportamento individual e com atividades esportivas;
- c- experiência sexual;
- d- atividade motora.

Esta é uma maneira de interagir com grupos sociais diferentes do seu, por meio de conversas informais, entrevistas e questionário. A primeira parte do questionário foi um “rapport”, para dar informações necessárias, sensibilizando e favorecendo a autenticidade das respostas para todas as entrevistadas. A partir das entrevistas, originou-se um vasto

conteúdo de informações das adolescentes, que contribuíram para a escolha das variáveis na elaboração do instrumento.

Após cada grupo de entrevistadas, as informações eram analisadas e reorganizado o instrumento para ser aplicado no novo grupo. As entrevistas foram realizadas individualmente, evitando diferenças individuais entre pesquisadores. Cada entrevista durou em média 40 a 50 minutos.

Após este período de experimentação, utilizamos o sistema de questionário, pois tratava-se de analisar quais dos dois sistemas, a entrevista ou questionário, melhor se adequavam aos propósitos da pesquisa de campo. O questionário requer um menor tempo de execução e maior número de participantes ao mesmo tempo: mostrou-se mais eficiente que a entrevista. Esta exige um maior engajamento e disponibilidade de tempo para conversar, um maior envolvimento das partes. A forma de questionário viabilizou melhor o trabalho de campo a ser efetuado. Foram executados ao todo 7 pré-testes. O questionário final foi aplicado como pesquisa de campo. O tempo para respondê-lo foi em média, de 20 a 30 minutos, dependendo de cada participante.

As alunas selecionadas foram encaminhadas a uma sala de aula previamente organizada pela pesquisadora, que se incumbiu da distribuição dos questionários, do fornecimento de informações, do arranjo da sala, do recebimento e classificação de registros por questionários.

5. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Com a intenção de favorecer melhores condições na avaliação e compreensão dos dados obtidos na pesquisa de campo, os resultados estarão dispostos na forma de itens e agrupados por assunto, aproveitando a sequência do questionário aplicado na pesquisa.

O interesse pela diversificação das perguntas propostas no questionário, deu-se no sentido de buscar uma caracterização satisfatória desta população. No entanto, para critérios de análise e discussão dos resultados optamos por perguntas relacionadas com o corpo, atividades motoras, fatores biológicos e sociais.

Neste momento, pretendemos expôr as informações na sua íntegra, demonstrando as evidências e tendências observadas na população pesquisada, sem preocupação de uma análise interpretativa dos dados, visando um levantamento das informações obtidas.

As descrições dos itens pesquisados se ordenam da seguinte forma:

1. Dados da escola
2. Dados pessoais
3. Informações e opiniões sobre o corpo
 - 3.1. Corpo real
 - 3.2. Corpo Ideal
 - 3.2.1. Comportamento e Influências
 - 3.3.1. A identificação com a figura humana x descrição de corpo
 - 3.3.2. O teste e o reteste da tabela de identificação da figura humana
4. Informações e opiniões sobre as atividades motoras
 - 4.1. Histórico vivencial nas atividades motoras na escola e fora da escola
 - 4.2. Significados da prática da atividade motora
 - 4.3. Influências

5. Estágios maturacionais

5.1. Menarca

5.2. Estágios do desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários:

5.2.1. Desenvolvimento mamário

5.2.2. Desenvolvimento da pelagem pubiana

5.1. DADOS DA ESCOLA

Inicialmente, serão demonstradas as descrições da escola e pessoais. As descrições serão constituídas de acordo com:

- a) escola: sua infra-estrutura e disposições espaciais
- b) pessoais: informações pessoais e sócio-econômicas da família

A escola que sediou nossas pesquisas apresenta em sua infra-estrutura e disposições espaciais, as seguintes características:

. 3 portões de entrada: Portão de acesso ao estacionamento na Rua Cotoxó, entrada oficial da escola, que permite a entrada pela Rua Padre Chico e uma entrada desativada pela Avenida Pompéia.

. Exteriormente a escola possui um jardim de grande extensão, pátio coberto, duas quadras, sendo uma poliesportiva e uma mais rudimentar; um pátio adaptado aos intervalos de aulas; dois vestiários (masc. e fem.); uma cantina; duas salas destinadas aos professores de Educação Física; dois banheiros para funcionários, uma cozinha e a casa do zelador.

. No interior da escola localizam-se 18 salas de aula, um auditório com capacidade para 450 pessoas, 3 laboratórios (Química, Biologia, Física); uma biblioteca, sala de xerox; sala para a coordenação e arquivos; salas específicas para aulas de Educação Física; Educação Artística; sala de inspetor de alunos e serventes.

. Na ala administrativa, localiza-se a secretaria, sala da diretoria, sala dos assistentes de direção, sala do microcomputador e xerox; sala de reuniões (professores, alunos, parte administrativa, delegacia de ensino, pais, etc...); sala dos professores e 2 banheiros (Masc. e fem.).

5.2. DADOS PESSOAIS

Os dados apresentados a seguir são referentes ao questionário. Nas descrições pessoais, encontramos adolescentes com faixas etárias entre 15 a 17 anos, apresentando uma frequência, como destacamos abaixo:

- . 15 anos - 91 casos - 43,3%
- . 16 anos - 69 casos - 32,9%
- . 17 anos - 50 casos - 23,8%

O local de nascimento predominante é a cidade de São Paulo, com uma frequência de 91,8%. O tempo de moradia em São Paulo, na maioria das adolescentes corresponde a 15 anos e o menor tempo de moradia é 3 anos.

A maioria das entrevistadas não trabalha. Entre aquelas que trabalham, notamos que há uma incidência maior das que trabalham em consultórios dentários.

Evidenciamos que as adolescentes em sua maioria moram com os pais. Apenas uma pequena parcela mora com outras pessoas mais distantes da família.

Quanto à educação religiosa, notamos que mais da metade já recebeu ensinamento religioso, oriundo do catolicismo e são praticantes. As demais religiões possuem um pequena frequência.

Os dados relacionados com grau de escolaridade encontrado nos pais coincidem. Tanto para o pai como para a mãe; ambos possuem escolaridade com o primário completo, seguido de ginásio completo, e com menor frequência escolaridade com terceiro grau completo.

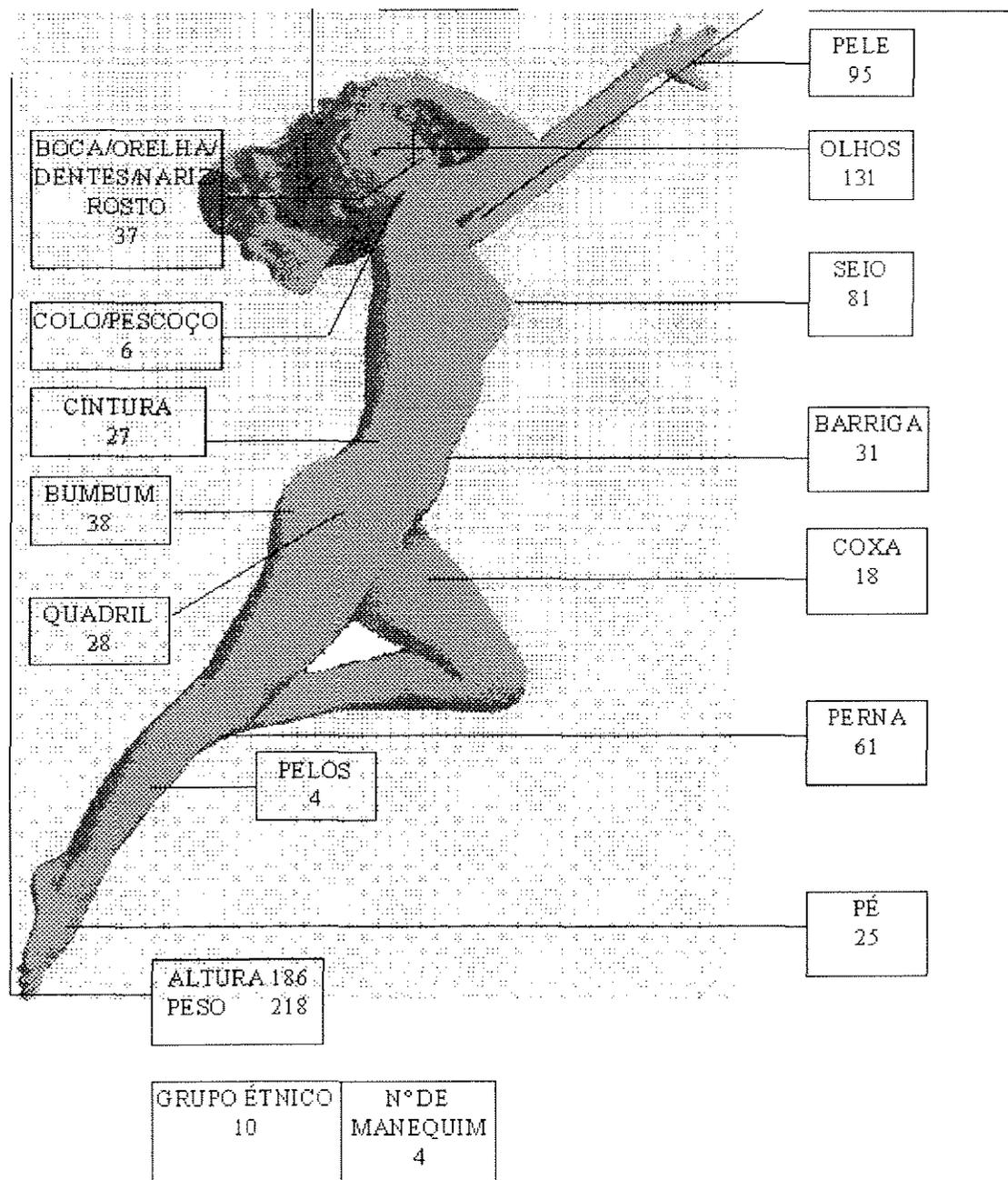
A maioria das pesquisadas possuem irmãos e ocupam o primeiro, seguido pelo segundo e terceiro lugares na ordem cronológica dos nascimentos.

5.3. INFORMAÇÕES E OPINIÕES SOBRE O CORPO

5.3.1. CORPO REAL

De acordo com a figura 1 - corpo real, podemos destacar que na descrição detalhada do corpo real, a maior parcela da população citou a altura em centímetros, a cor dos olhos, descreveu cabelos, cor da pele e peso em quilogramas, com uma incidência menor descreveram outras partes do corpo.

FIGURA 1 - DESCRIÇÃO DO CORPO REAL



Evidenciamos no gráfico 1 que a maior porcentagem das adolescentes gostam de seus corpos, mas gostariam de ser diferentes, seguido por aquelas em menor porcentagem, que gostam de seus corpos e não gostariam de ser diferentes e por uma pequena parcela daquelas que não gostam de seus corpos. Complementando o item corpo real, nas justificativas apresentadas à questão anterior, parte significativa da população respondeu que gostaria de ser mais magra ou mais gorda ou mais alta, seguida daquela que se encontra satisfeita com o corpo.

GRÁFICO 1 - VOCE GOSTA DO SEU CORPO?

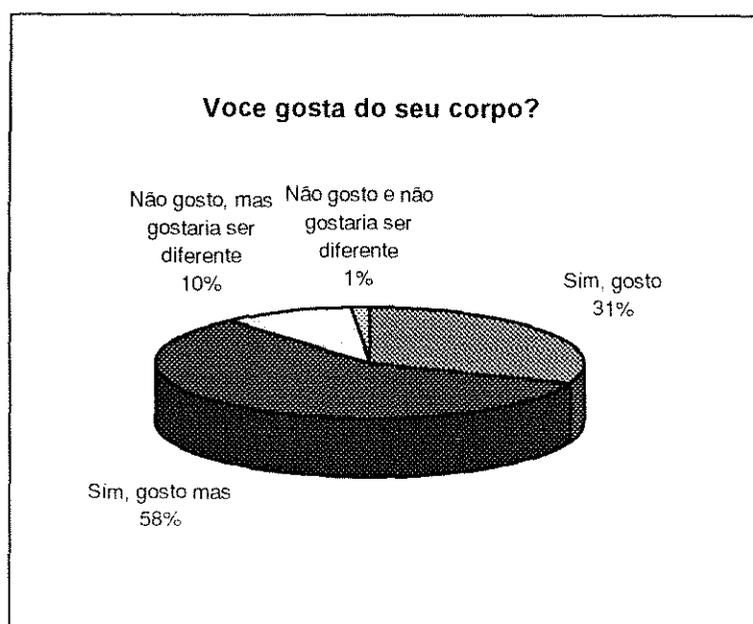
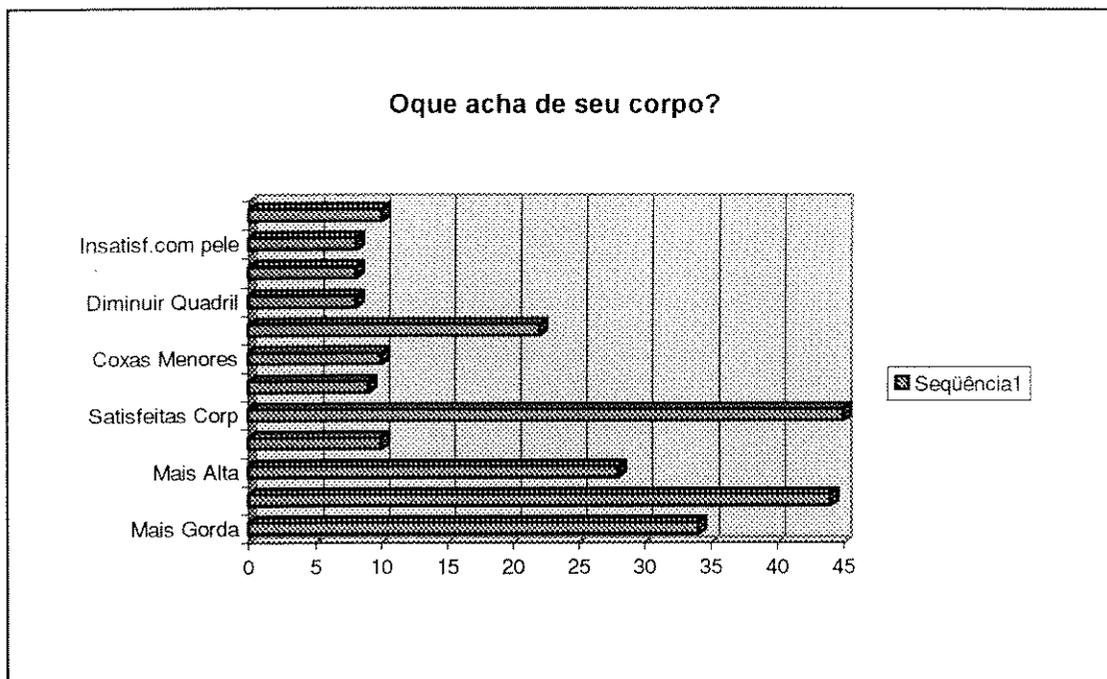


GRÁFICO 2 - O QUE ACHA DE SEU CORPO?



5.3.2. CORPO IDEAL

Com relação ao corpo ideal descrito na [figura 2](#), as adolescentes em grande número vêm a relação corpo alto e magro como fator indispensável, seguidas por aquelas que dão extrema importância à cintura, bumbum e seios. Poucas incidências foram registradas com relação à musculatura definida, sensação de bem estar, rosto bonito, agilidade. Os dados revelam que a maioria das adolescentes não gostariam de possuir este corpo ideal, demonstrando certa integração com seu corpo.

FIGURA 2 - DESCRIÇÃO DO CORPO IDEAL

Como você considera um corpo ideal ?

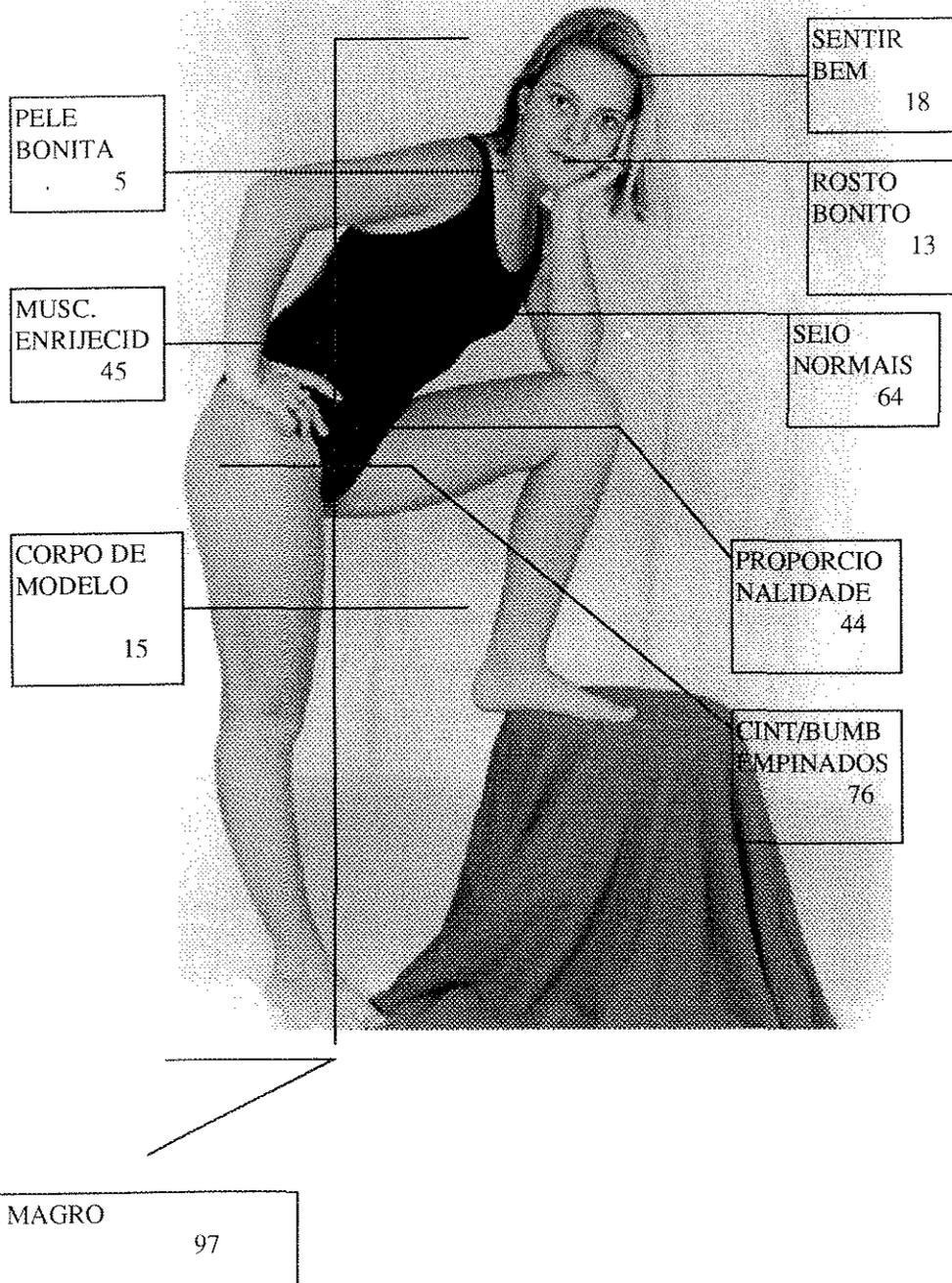
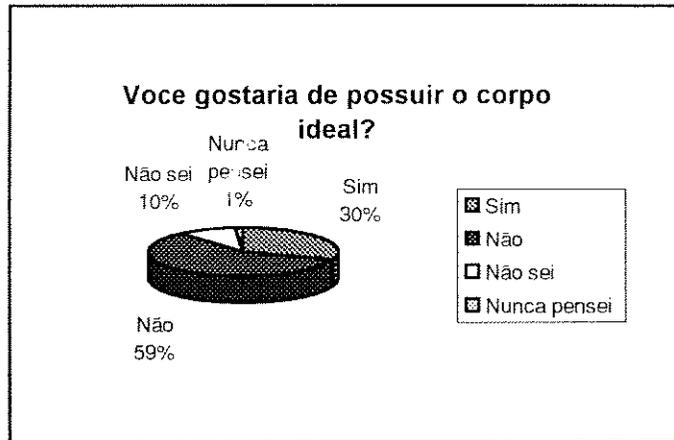


GRÁFICO 3 - VOCE GOSTARIA DE POSSUIR ESTE CORPO IDEAL?



É importante relatar que apenas metade das adolescentes, ao pensar o corpo, referiu ao corpo como um todo. As demais deixaram de mencionar algumas partes do corpo.

5.3.2.1- COMPORTAMENTO E INFLUÊNCIAS

Destacamos que 56% das adolescentes não têm sido criticadas em relação a seu corpo, a posturas, a hábitos alimentares, e ao comportamento. No entanto, aquelas (44%) que têm sido criticadas relatam que se sentem incomodadas com isto. As maiores críticas se referem ao fato de serem gordas, às posturas no andar, a partes do corpo - em sua maioria o bumbum, ao comportamento nervoso. A maior parte das críticas advém da mãe, seguidas do pai e amigos.

GRÁFICO 4 - CRÍTICAS RECEBIDAS

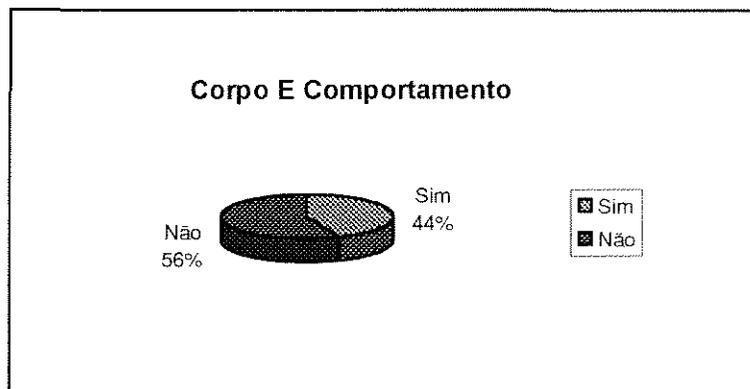


GRÁFICO 5 - O QUE TEM SIDO CRITICADO

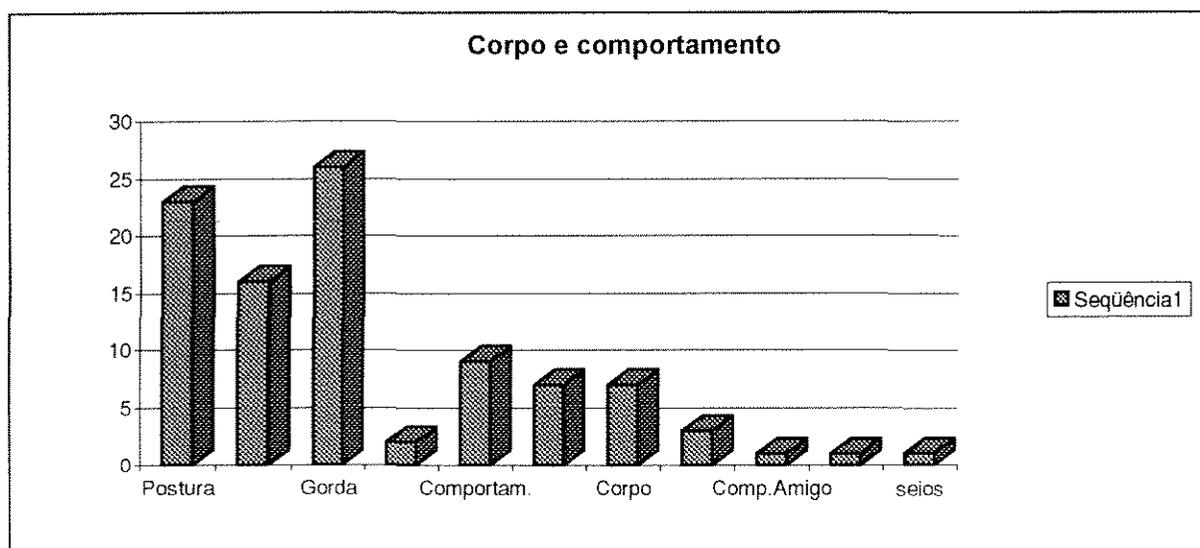
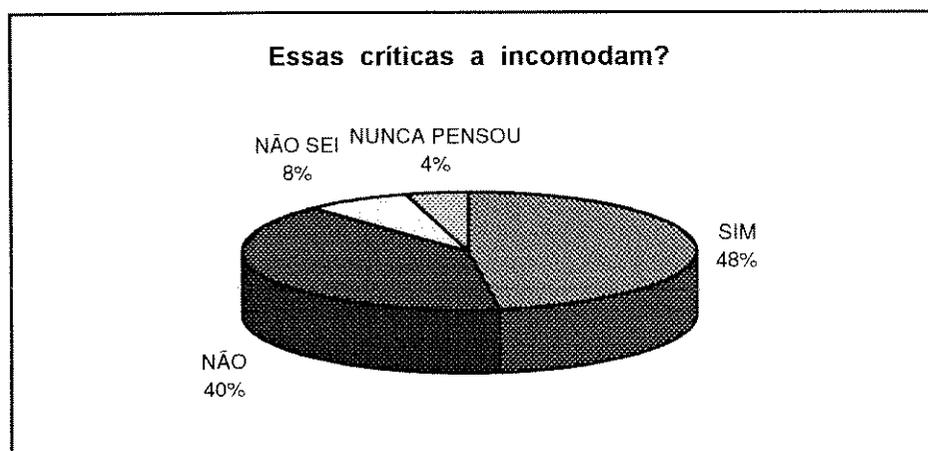
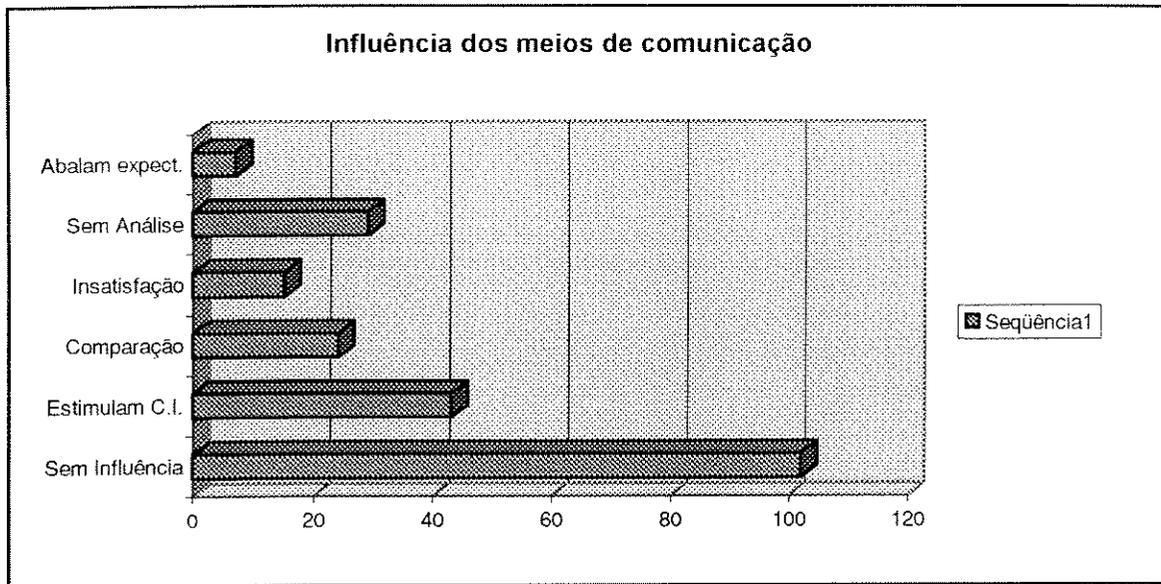


GRÁFICO 6 - POR QUEM TEM SIDO CRITICADO?



Os meios de comunicação - propagandas, novelas, revistas, filmes, etc...em sua maioria, não têm afetado as expectativas em relação ao corpo das adolescentes entrevistadas. Entretanto, aquelas para as quais estes meios repercutem com maior influência, procuram a obtenção deste corpo ideal, representado socialmente, e o utilizam como padrão de comparação.

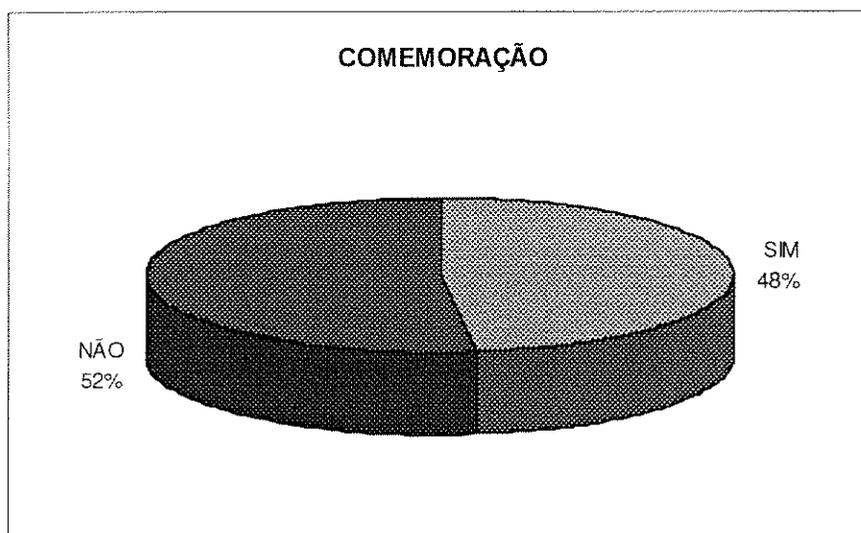
GRÁFICO 7 - INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO



* Estimulam corpo ideal

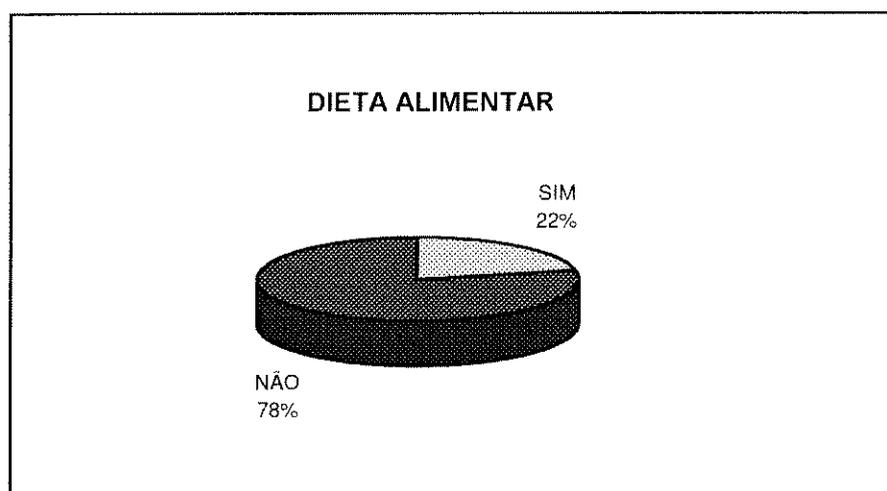
A comemoração dos 15 anos foi celebrada por quase metade da população. Foi efetuada com festa para amigos íntimos, ou com festa surpresa e baile.

GRÁFICO 8 - CELEBRANDO OS 15 ANOS



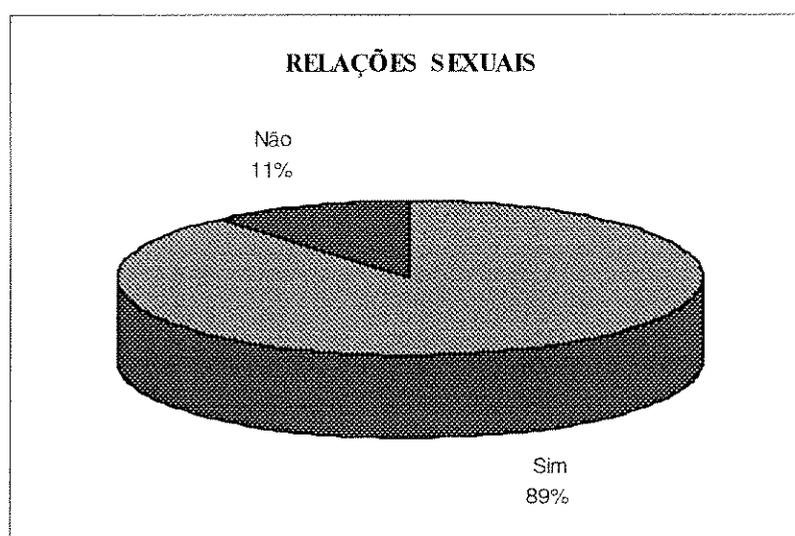
As dietas alimentares são realizadas por uma pequena parcela. Entre aquelas que se submetem à dieta alimentar, notamos maior controle de carboidratos, gorduras e glicídeos. Procuram alimentar-se de verduras, frutas e bastante água.

GRÁFICO 9 - FAZ DIETA ALIMENTAR?



A maioria das adolescentes ainda não teve relações sexuais. As que mantêm relações sexuais não utilizam anticoncepcional. Poucas o utilizam desde suas primeiras experiências.

GRÁFICO 10 - PORCENTAGEM DAS RELAÇÕES SEXUAIS



5.3.3.1. A IDENTIFICAÇÃO COM A FIGURA HUMANA E A DESCRIÇÃO DE CORPO

Para verificar se existia diferença significativa entre a descrição de corpo obtido por meio do questionário(q.14; em anexo) e a escolha da tabela da figura humana(em anexo), efetuamos a análise de variância. A descrição de corpo foi analisada por três avaliadores, os quais liam as respostas do questionário e identificavam o estágio em que a adolescente se encontrava na tabela da figura humana. Os estágios escolhidos foram comparados entre si e com o escolhido pela adolescente. Notamos que houve diferenças significativas entre as escolhas dos avaliadores, e diferença entre os avaliadores e a auto-escolha da adolescente.

Estas *análises* do instrumento (Tabela da figura humana) e descrição do corpo (questionário) permitiu mostrar o grau de subjetividade envolvido neste processo, tais como:

- Diferentes visualizações, leituras e opiniões da figura humana ocasionadas pelas percepções individuais das adolescentes apresentando distorções na identificação com o instrumento.
- Dificuldades apresentadas pelas adolescentes na forma de descrever seu próprio corpo. Há em muitos casos, um vocabulário pobre e escasso na descrição de corpo. Isto dificultou o trabalho dos avaliadores.

Discordância entre os avaliadores na identificação dos estágios da figura humana, baseados na descrição de corpo, em função:

A) da limitação das descrições

B) do grau de subjetividade na atribuição dos estágios

Segundo Sobral e Vasconcelos (Sobama, 1995): “ Na maioria dos testes que recorrem a fotografias ou silhuetas o indivíduo limita-se a escolher a figura que julga mais próxima da sua configuração corporal, ficando aquela distância definida (corpo real - corpo percebido) por um critério impressionista e expressa num nível de medida mais rudimentar (nominal, designadamente)”.

Quanto às observações acerca do *instrumento* (figura humana) podemos verificar que:

- A figura humana na posição lateral apresentou problemas quanto ao modelo de corpo utilizado, ocorrendo dificuldades na identificação das participantes com a figura humana nesta posição.
- Quanto à proporcionalidade apresentada na figura humana com relação aos graus de emagrecimento e ao ato de engordar não refletem as características individuais plenamente, nem coincidem com elas.

- Os estágios 2 e 3, assim como os estágios 3 e 4 estão muito próximos , dificultando a escolha. Quando da identificação com os estágios 2 e 3 ou com os estágios 3 e 4, não consideramos como escolha errada. Às vezes, podemos observar que uma adolescente magra se identifica tanto no estágio 3 como no estágio 2 e vice-versa.
- O estágio 3 se localiza no meio da tabela de identificação da figura humana, demonstrando que neste estágio a figura humana não é nem gorda, nem é magra, ocupando uma posição mediana. Observamos também que este estágio 3 representa as adolescentes magras e que estão bem consigo mesmas.

Tabela 1 - Frequências e porcentagens da identificação da figura humana por avaliadores, baseada na descrição do corpo do questionário e pelas adolescentes, baseada na auto escolha da figura.

Estágios *	Avaliador 1		Avaliador 2		Avaliador 3		Adolescente	
			Posição de frente					
1	0	0%	0	0%	0	0%	3	1,9%
2	44	28,2%	41	26,3%	48	30,8%	38	24,4%
3	74	47,4%	86	55,1%	75	48,1%	79	50,6%
4	38	24,4%	29	18,6%	31	19,9%	34	21,8%
5	0	0%	0	0%	2	1,3%	2	1,3%
			Posição de Costa					
1	0	0%	0	0%	0	0%	3	1,9%
2	44	28,2%	39	25%	47	30,1%	39	25%
3	75	48,1%	86	55,1%	76	48,7%	78	50%
4	37	23,7%	31	19,9%	31	19,9%	34	21,8%
5	0	0%	0	0%	2	1,3%	2	1,3%
			Posição Lateral					
1	0	0%	0	0%	0	0%	3	1,9%
2	43	27,6%	33	21,2%	39	25%	34	21,8%
3	77	49,4%	82	52,6%	79	50,6%	76	48,7%
4	36	23,1%	41	26,3%	35	22,4%	35	22,4%
5	0	0%	0	0%	3	1,9%	6	3,8%

* Estágios somatotípico da figura humana

Observamos que nas *influências sociais*, a escolha da figura humana reflete uma tendência: quanto mais bonita é a adolescente, mais exigente ela é para consigo mesma. O ideal de corpo é tão forte, que ela faz muitas exigências em relação a seu corpo, naquilo que ele poderia ser.

Quanto à adolescente “fofinha”, podemos observar que o problema relatado por elas é a gordura localizada. Quando se é gordinha por igual, não há problema. Adolescentes mestiças ou negras não se identificam com a figura humana.

5.3.3.2. O TESTE E O RETESTE DA TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DA FIGURA HUMANA

A questão do teste e reteste é fidedigna, quanto à consistência na identificação das figuras humanas pelas adolescentes, pois elas confirmam as mesmas escolhas.

Quando observada a frequência e a moda entre o teste e o reteste, existiu uma pequena variação entre o teste e o reteste na posição de frente e de costas, mas não foi estatisticamente significativo através do teste t’sudent. E a moda continuou a mesma, no estágio 3.

Com relação à figura humana na posição lateral, a moda no teste encontra-se no estágio 3, e no reteste passou a estar no estágio 4. Além do mais, houve uma variação na posição lateral, como se confirma significativamente nos testes T’Sudent(tabela 2).

Tabela 2 - Resultado do teste T' pareado do teste e reteste nas posições de frente, costa e lateral.

POSIÇÃO	VALOR T'
FRENTE	.3
COSTA	.5
LATERAL	2,8 *

*P = .0001

Existiu uma ligeira tendência de as garotas se observarem uma categoria acima, no reteste.

5.4. INFORMAÇÕES E OPINIÕES SOBRE AS ATIVIDADES MOTORAS

5.4.1. HISTÓRICO VIVENCIAL NAS ATIVIDADES MOTORAS NA ESCOLA E FORA DA ESCOLA

Com referência à atividade motora **praticada na escola**, evidenciamos uma diminuição na participação feminina na prática da atividade motora, no segundo grau. Notamos também a maciça intensificação na prática do voleibol, seguido pela prática do basquetebol e ginástica calistênica(tabela 3).

Na prática da atividade motora **fora da escola** relacionada a local, época, duração e regularidade, notamos que os locais de práticas motoras mais procurados são as academias e clubes. A época do início da prática motora é a partir de 1991. Em geral, o tempo de duração observado varia de 1 a 2 horas, com uma regularidade de 2 a 3 vezes por semana(tabela 3).

Grande parte das adolescentes praticam dança, natação, ginástica olímpica, ginástica e musculação. Encontramos casos isolados em outras atividades como: caminhada, corrida, ginástica aeróbica, step, localizada, alongamentos, hidrogenástica, massagem, expressão corporal, sapateado, futebol, ginástica rítmica desportiva, patinação artística, hoquey, ciclismo, tênis, conscientização corporal, equitação e utilização de equipamentos, tais como: bicicleta ergométrica e esteira.

Tabela 3 - Atividades motoras praticadas na escola e fora da escola por adolescentes da Escola Pública - SP

Atividades	AM fora da escola	%	AM faz na escola	%	AM fez na escola	%
Dança	48	20	2	1,1	3	0,9
Natação	37	15,4	-	-	-	-
Gin.Olimp	32	13,3	-	-	4	1,2
Musc.Gin	31	12,9	-	-	-	-
Calistenia	-	-	31	17,1	64	18,5
Volei	21	8,8	73	40,3	128	36,4
Artes marc	12	5	-	-	-	-
Basquete	9	3,8	33	18,2	70	20,2
Handebol	7	2,9	18	9,9	56	16,2
Futebol	-	-	17	9,4	10	2,9
Atletismo	-	-	7	3,9	12	3,5
Outros*	43	17,9	-	-	-	-
Total	240	99,9	181	99,9	346	99,9

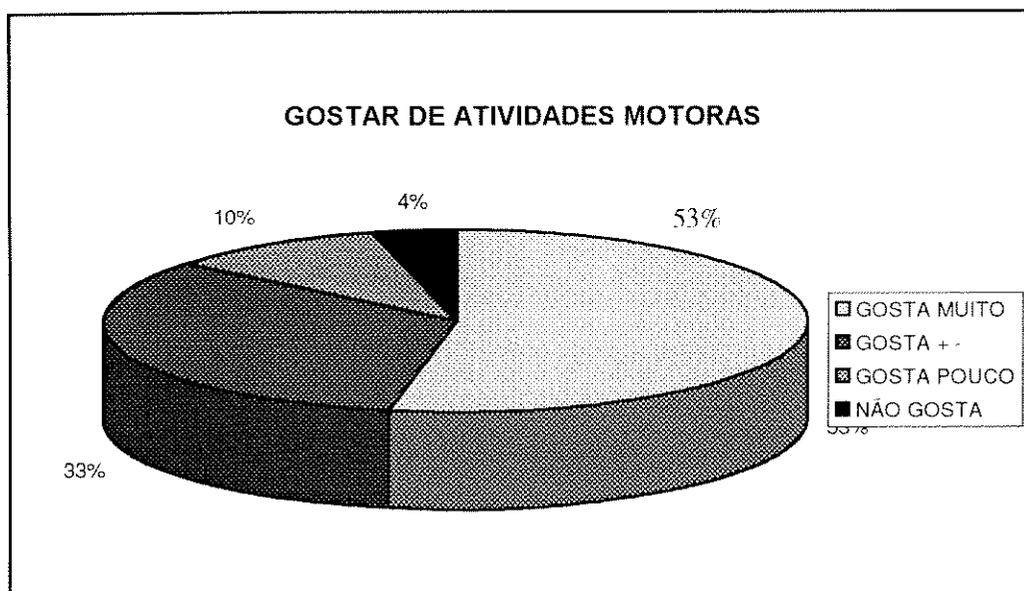
* Atividades com uma frequência, descritas no texto.

5.4.2. SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DA ATIVIDADE MOTORA

As adolescentes entrevistadas revelam gostar da prática das atividades motoras. Seu significado quando **praticado na escola** tem uma maior conotação de divertimento, distração, desenvolvimento do corpo e da mente. Entendem a necessidade de aprender algum esporte. E em menor proporção, notamos a importância da negação de sua vida sedentária, a efetivação das aulas por obrigação, por ser saudável, útil para o conhecimento de si mesmas e um meio de socialização.

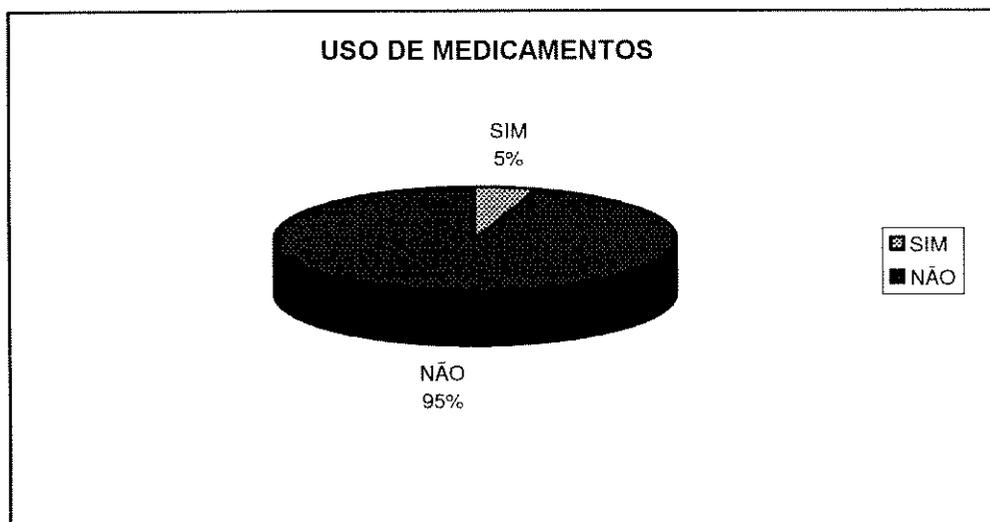
Com relação às atividades motoras **praticadas fora da escola**, aparece em maior grau o sinônimo de boa forma, relaxamento, desenvolvimento do corpo e divertimento. Em menor proporção, notamos os fatores bem estar, incentivo, aperfeiçoamento e a justificativa de ser melhor e mais organizado.

GRÁFICO 11 - GOSTA DE FAZER ATIVIDADES MOTORAS?



A utilização de algum medicamento no auxílio do crescimento físico e desenvolvimento orgânico é utilizado por uma parcela mínima da população(gráfico n...). No entanto, a pequena utilização de medicamentos apresentados referem-se à: calcium, sustagen, iofoscal, multiple, aderogil, ferro, biotônico, vitaminas, óleo de fígado de bacalhau e complexo B. Estes possuem enquanto ações gerais, o fortalecimento e crescimento dos ossos, fontes energéticas, suprimento de vitaminas.

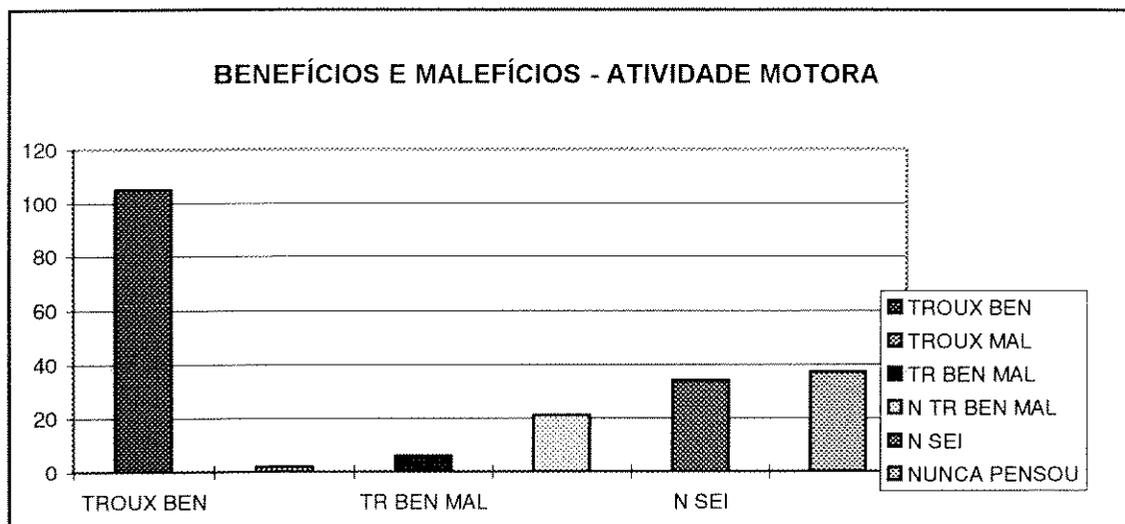
GRÁFICO 7 - USA MEDICAMENTOS?



Em sua maior parte a população considera que as atividades motoras trouxeram benefícios a sua vida.

COLUNA 3 - AS ATIVIDADES MOTORAS TROUXERAM

BENEFÍCIOS OU MALEFÍCIOS



Existem com frequências semelhantes o desejo e o não desejo de fazer atividades motoras regulares. O desejo que leva a maior parte das adolescentes a praticar atividades motoras advém do prazer. O vício, hábito ou competitividade aparece com pouca frequência.

GRÁFICO 14 - DESEJOS QUE LEVAM A PRÁTICA DA AT. MOTORA

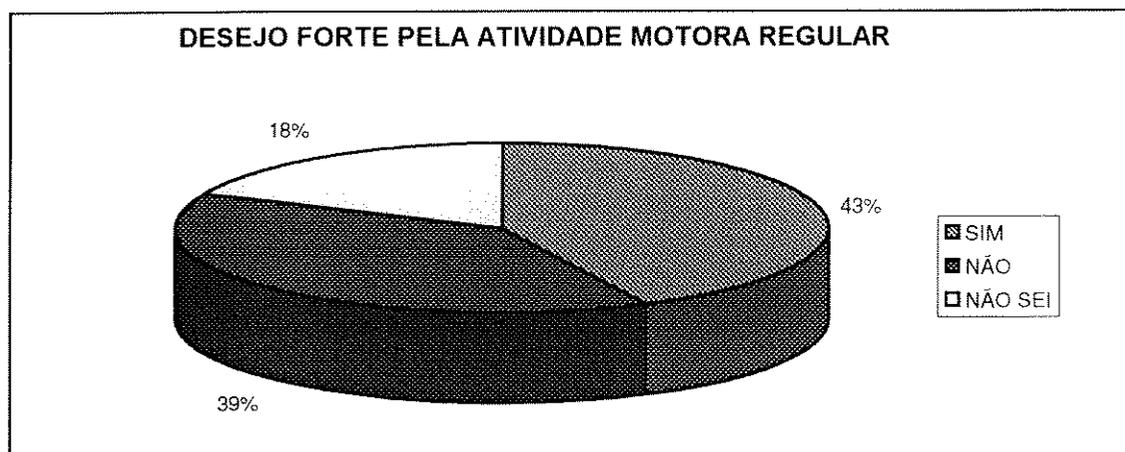
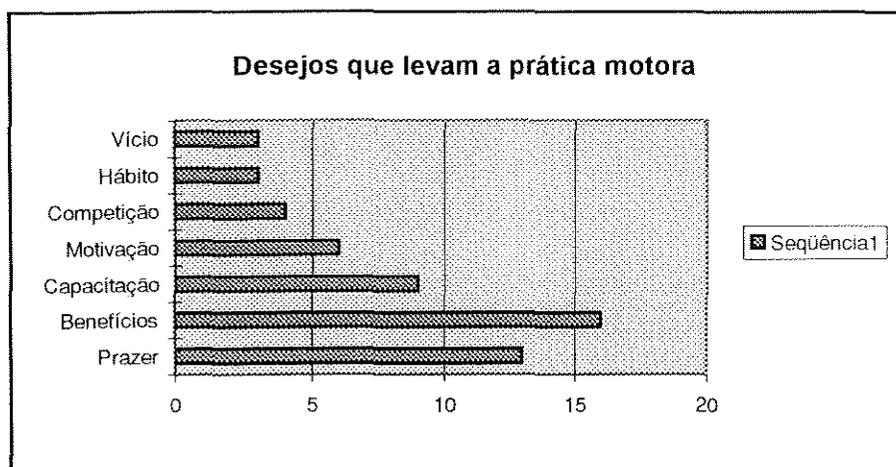
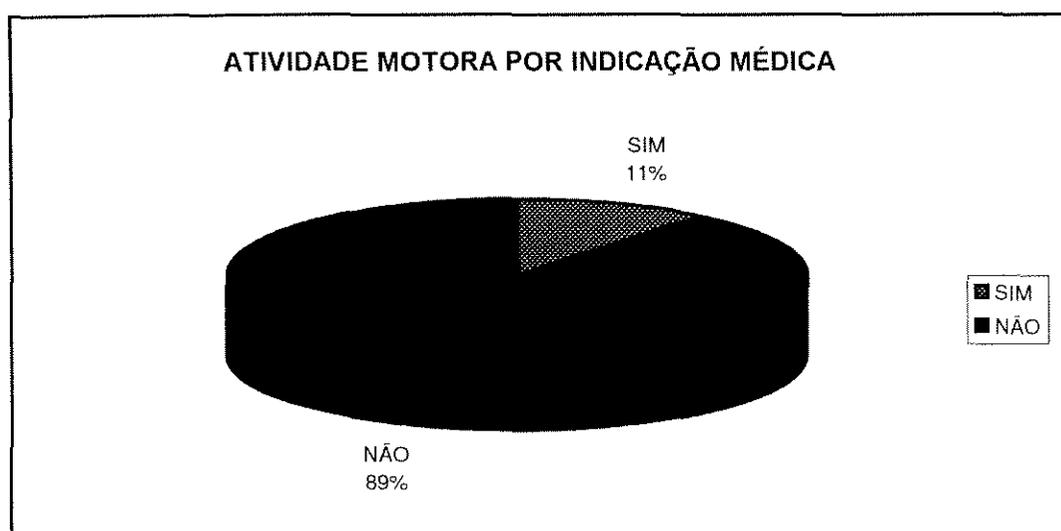


GRÁFICO 15 - DESEJOS QUE LEVAM A UMA PRÁTICA MOTORA
REGULAR



Apenas uma pequena parcela possui problemas de saúde. Esta pequena parte das adolescentes procura ou procurava a prática motora na infância por indicação médica. Começaram a realizar a prática da natação sob orientação terapêutica, ortopédica ou respiratória.

GRÁFICO 16 - FAZ OU FEZ ATIVIDADE MOTORA POR INDICAÇÃO
MÉDICA?



5.4.3. INFLUÊNCIAS

Para as adolescentes que trabalham e não fazem atividades motoras fora da escola o maior bloqueio é a falta de tempo. Para aquelas que não trabalham fora, o maior bloqueio para a não realização das atividades motoras é a falta de dinheiro.

GRÁFICO 17 - VOCE SENTE ALGUM BLOQUEIO NA PRÁTICA DA ATIVIDADE MOTORA?



A maioria da população acredita que os jovens estão cada vez mais buscando atividades motoras fora da escola (gráfico 18). A grande proporção das adolescentes entrevistadas acha que os jovens buscam atividades motoras fora da escola por causa da boa forma, de atividades saudáveis, e atividades variadas ou pela "moda" (gráfico 19).

GRÁFICO 18 - VOCE ACHA QUE CADA VEZ MAIS OS JOVENS ESTÃO BUSCANDO ATIVIDADES MOTORAS FORA DA ESCOLA?

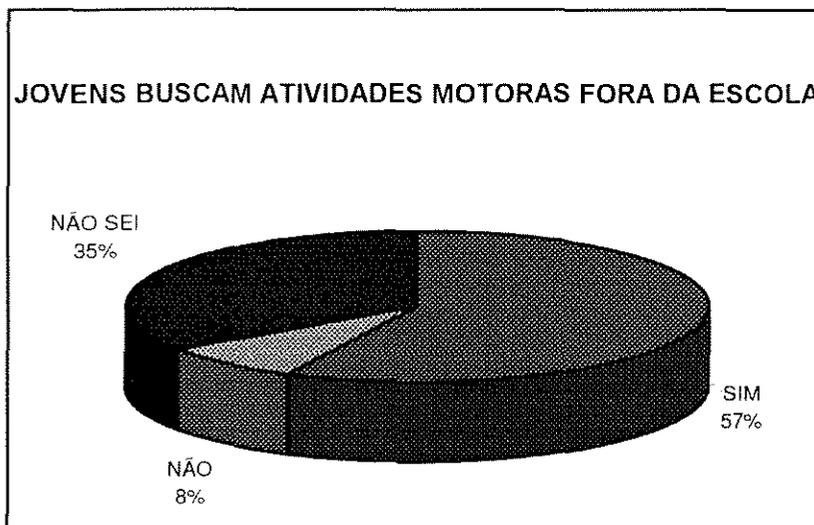
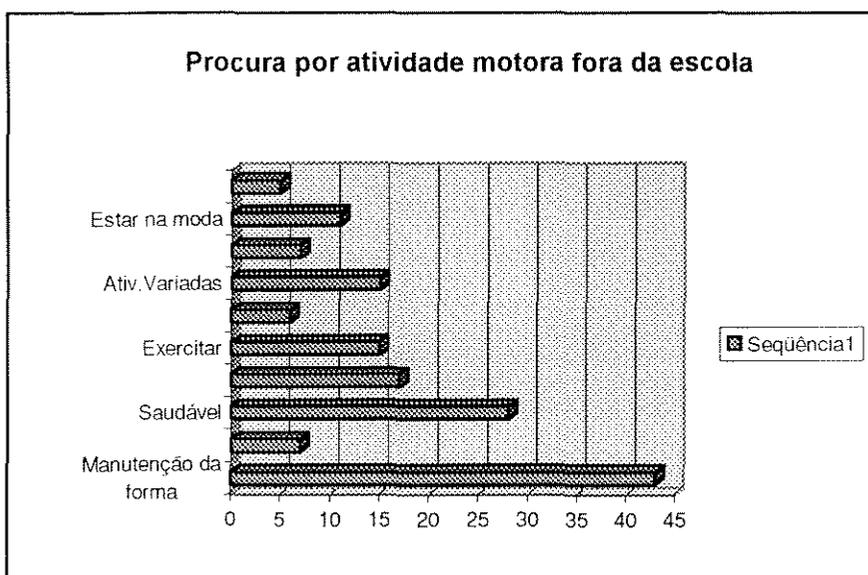
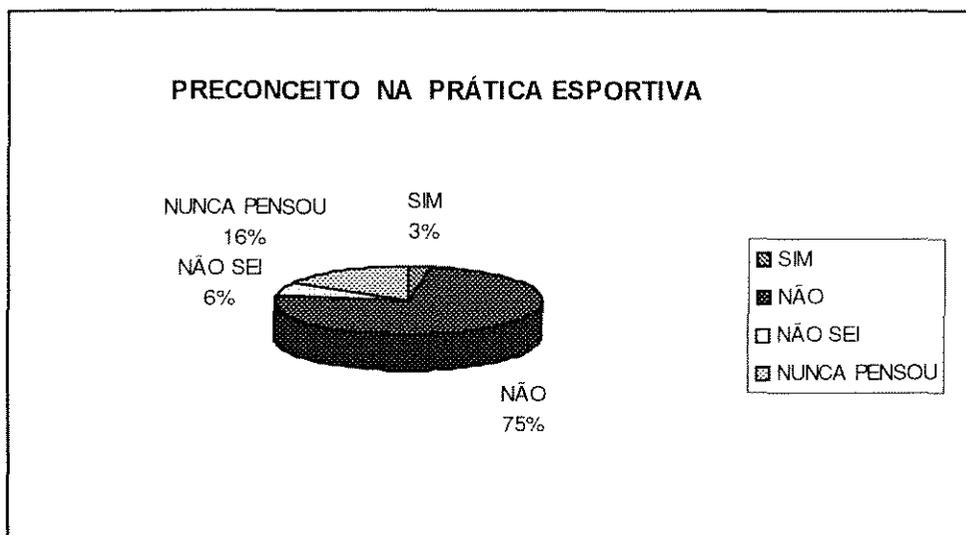


GRÁFICO 19 - POR QUE VOCE ACHA QUE OS JOVENS PROCURAM ATIVIDADES MOTORAS FORA DA ESCOLA?



A maior parte das adolescentes não possui preconceitos em participar de esportes competitivos; entretanto, a ínfima parcela que os possui, a maior parte dos preconceitos aparece na dificuldade na aprendizagem de esportes (gráfico 20).

GRÁFICO 20 - VOCÊ TEM ALGUM PRECONCEITO EM PRATICAR ALGUM ESPORTE COMPETITIVO?



Em grande parte, o estímulo apresentado pelas adolescentes nas práticas esportivas não depende de influências externas. Para aquelas que têm sido estimuladas, o incentivo maior vai para os esportes em geral, seguido pelos esportes específicos, como natação e voleibol. Existe também o incentivo a várias outras especificidades esportivas com pequena frequência, tais como: ginástica, dança, basquete, musculação, e outros casos isolados, como: atletismo, ginástica olímpica, futebol, karatê, tênis. O estímulo maior é devido ao prazer proporcionado pela prática motora, os incentivos externos recaem sobre a família (gráficos 23 e 24).

GRÁFICO 21 - VOCE TEM SIDO ESTIMULADA OU DESESTIMULADA NA PRÁTICA DO ESPORTE?



GRÁFICO 22 - EM QUAL ESPORTE VOCE TEM SIDO ESTIMULADA?

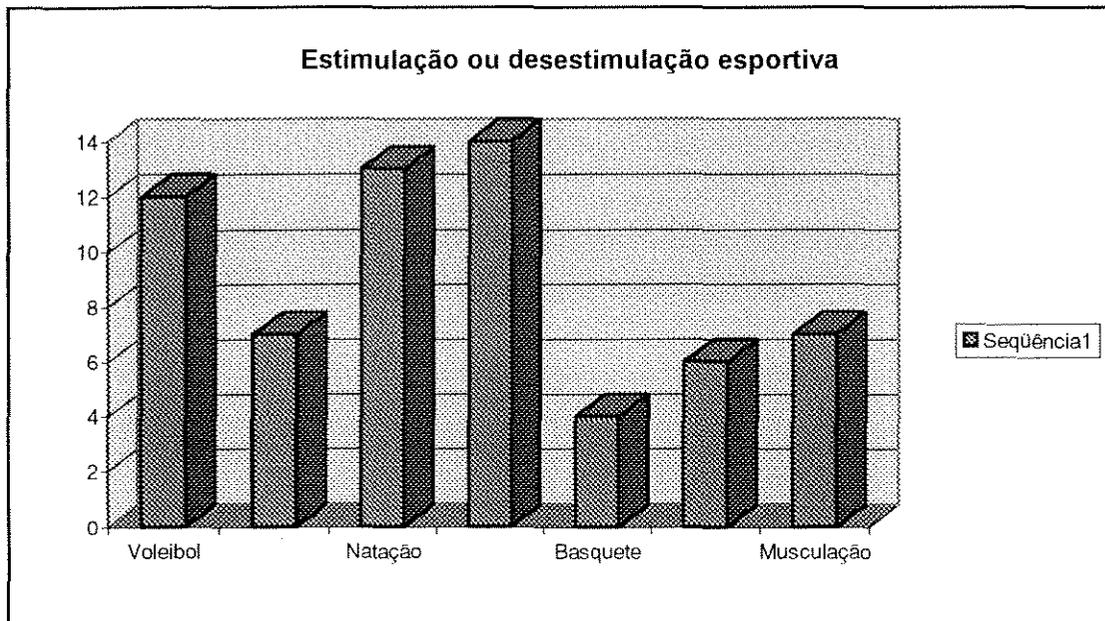


GRÁFICO 23 - POR QUEM TEM SIDO ESTIMULADA?

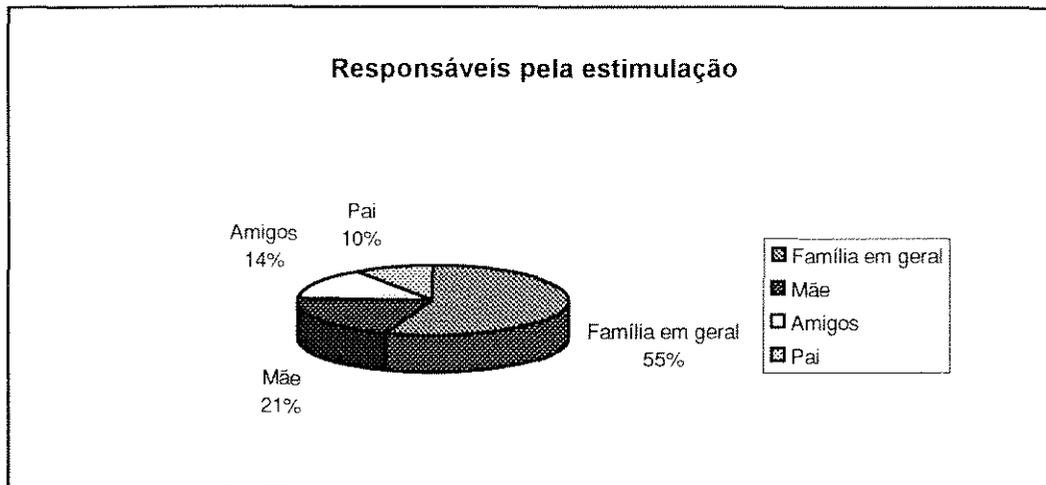
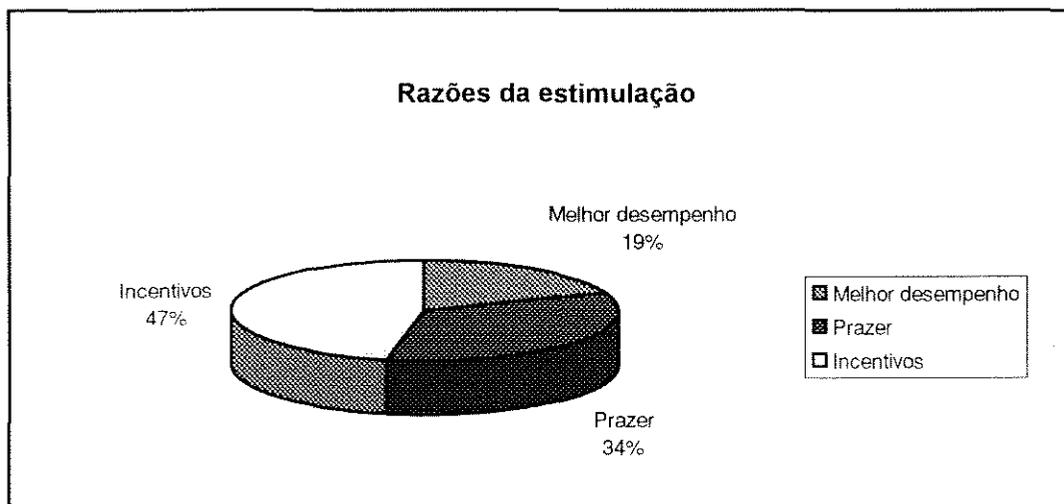


GRÁFICO 24 - POR QUE TEM SIDO ESTIMULADA?

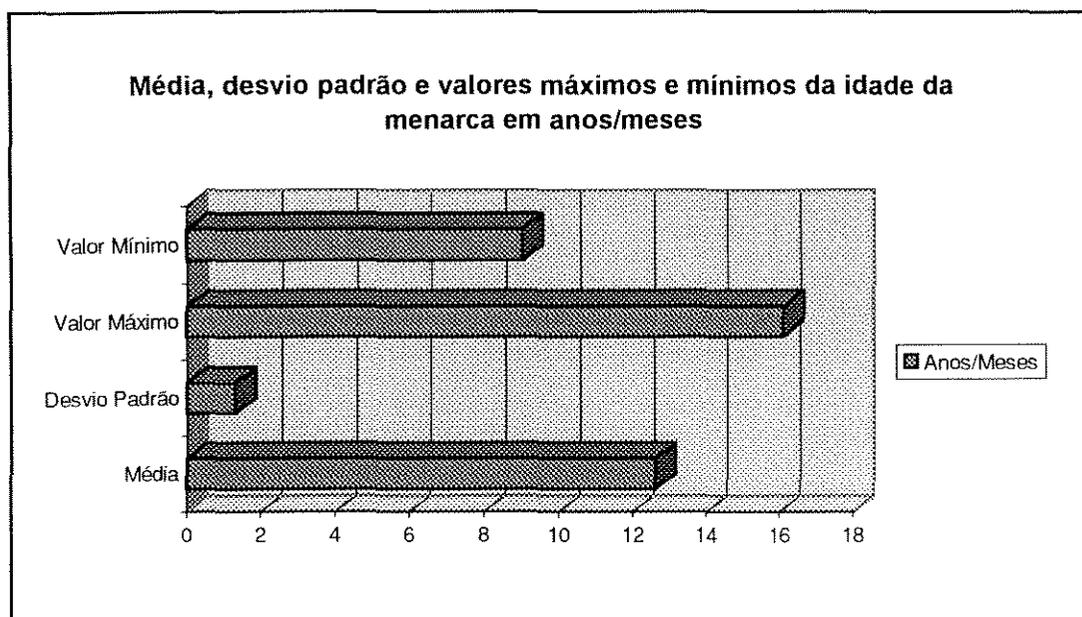


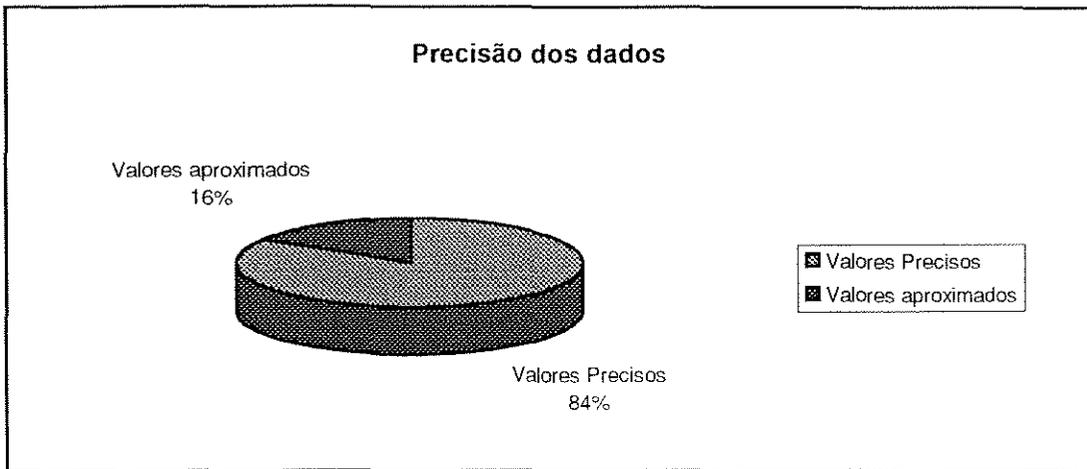
5. ESTÁGIOS MATURACIONAIS

5.5.1. MENARCA

A época do surgimento da menarca nesta população varia entre 9 a 16 anos, sendo que a média encontrada é de 12,6 anos, com uma precisão dos dados obtida de 83,6%(gráficos 25).

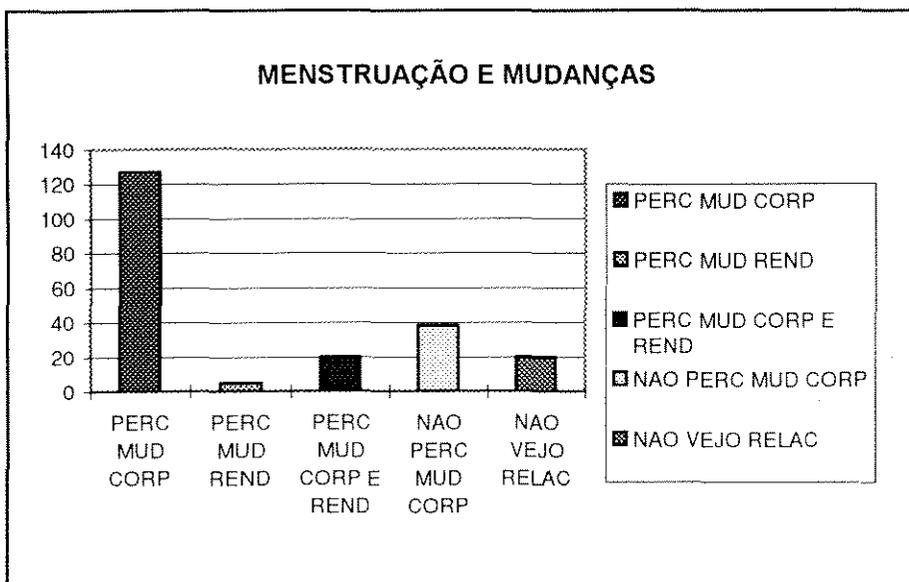
GRÁFICO 25 - MÉDIA, DESVIO PADRÃO E VALORES MÁXIMOS E MÍNIMOS DA IDADE DA MENARCA



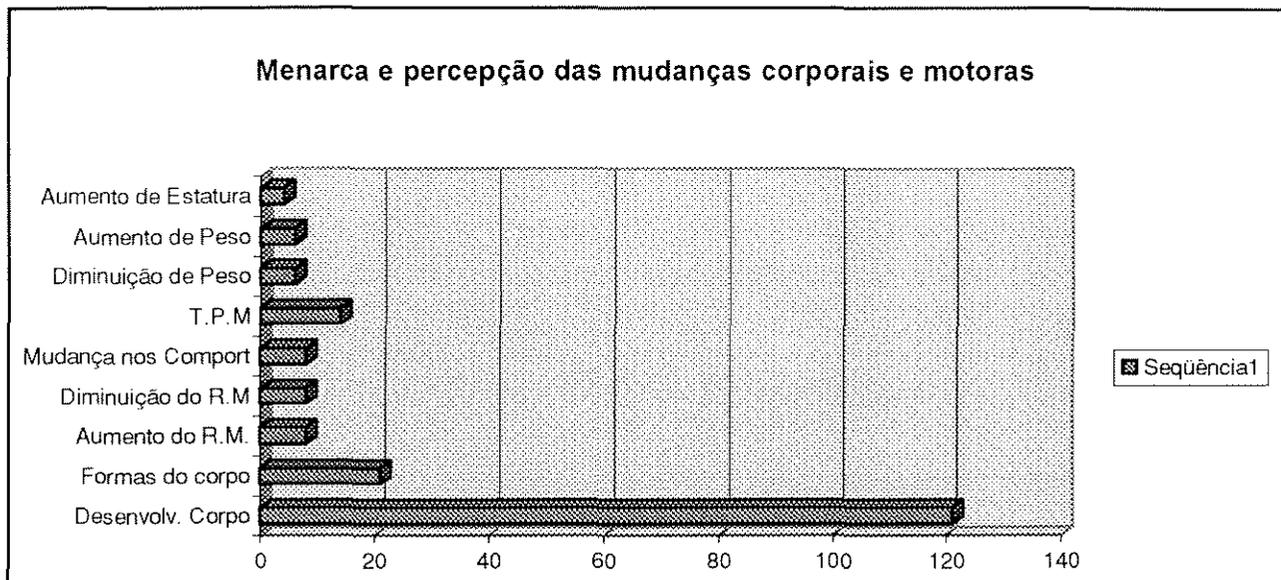


A partir da primeira menstruação, grande proporção das adolescentes relatam que perceberam mudanças no corpo e no rendimento das atividades motoras. As partes do corpo com maiores evidências de mudanças foram: nádegas, seios, pêlos, voz, seguidas de alterações nas formas corporais. Com relação ao rendimento motor, notamos uma equivalência percentual no aumento ou diminuição do mesmo (gráfico 26).

GRÁFICO 26 - PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS DO CORPO E RENDIMENTO NAS ATIVIDADES MOTORAS



**GRÁFICO 27 - QUAIS AS MUDANÇAS CORPORAIS E MOTORAS
QUE PERCEBEU APÓS A MENARCA**



* TPM - Tensão Pré-Menstrual

* Diminuição do Rendimento Motor

* Aumento do Rendimento Motor

5.5.2. ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DOS CARACTERES SEXUAIS SECUNDÁRIOS

SEXUAIS SECUNDÁRIOS

Quanto aos graus de desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários obtidos, podemos verificar que as adolescentes em sua maioria, estão no estágio V (101 casos), seguidas pelo estágio IV (93), no desenvolvimento mamário. Desta forma caracterizamos no estágio IV, projeção da aréola e do bico do seio, formando pequena saliência acima da mama; e no estágio V, mamas no aspecto adulto, com retração da aréola para o contorno da mama(gráfico 28).

Quanto ao grau de desenvolvimento da pelugem pubiana, verificamos que as adolescentes na sua maioria (115 casos), estão no estágio V, assim descrito: os pêlos estão distribuídos em um triangulo invertido, sem atingir a face medial das coxas(gráfico 29).

GRÁFICO 28 - ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO MAMÁRIO

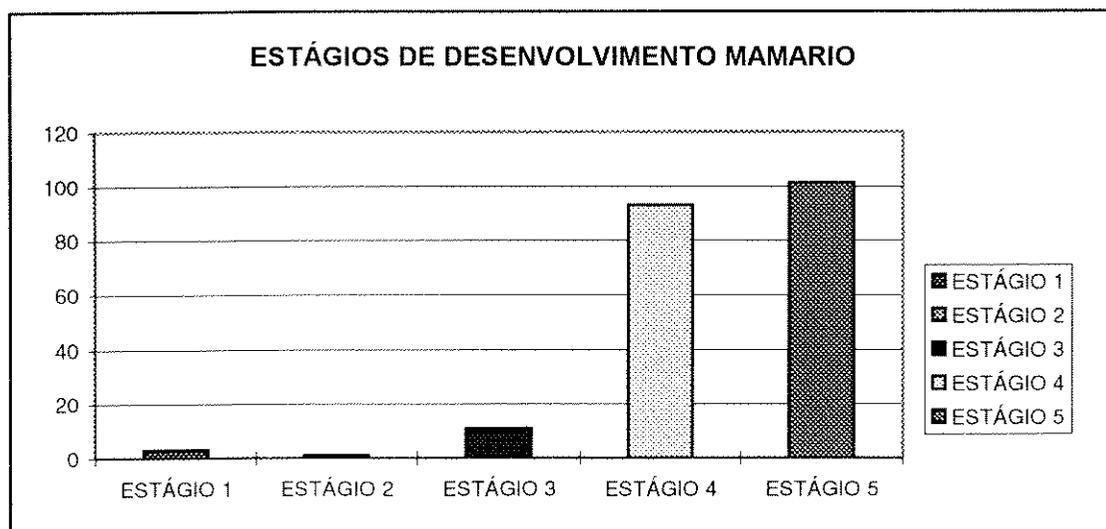
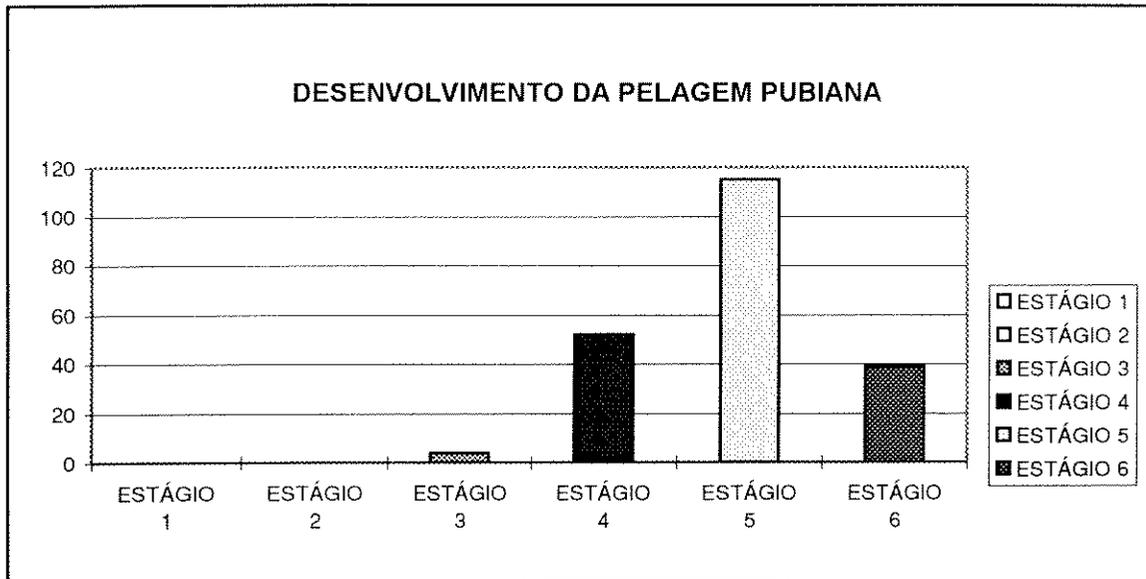


GRÁFICO 29 - ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA PELAGEM
PUBIANA



CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO

A elaboração da interpretação e síntese de longos e complexos conteúdos desta dissertação possibilitam uma abordagem integrativa e multidisciplinar.

Os conteúdos relativos à História da Mulher e sua emancipação social permitiram visualizar o caminho utilizado para a sua ascensão social, até o momento em que a encontramos atualmente. Assim, com associação dos elementos da história de nossas antepassadas e as atuais experiências vivenciadas pelas adolescentes obtidas através da pesquisa de campo, pretendemos mostrar a contribuição da Educação Física Escolar na representação social da adolescente, relacionada com a prática motora em geral.

A reflexão sobre a questão mulher-adolescente-corpo e atividade motora, na Educação Física e, em especial, na escola são aspectos fundamentais para a discussão relacionada com a sua prática, quer sob aspectos quantitativos - a dinâmica formada pela frequência e a participação atuante - quer sob aspectos qualitativos, a ação motora, a execução prática.

Até então, o que pudemos observar em nosso cotidiano, é que a atividade motora feminina de modo geral, é motivo de “chacota”, de inferioridades, e nos remete a um estudo da discriminação feminina. Portanto, valho-me destes estudos para me certificar que tais valores e significados foram apreendidos e transmitidos no decorrer dos séculos, como um comportamento feminino que aos poucos foi sendo superado.

I) CORPO REAL - CORPO IDEAL

As descrições de corpo das adolescentes, relatadas no questionário, destinaram-se a destacar o “ corpo real “, ou seja, o corpo que é percebido por elas. Na maioria das descrições existiram as citações de altura e peso, que são facilmente obtidas em balanças domésticas, em farmácias, nas escolas; são os parâmetros mais comuns de padronização de corpos utilizados por empresas, indústrias, escolas.

Em grande parte das citações, o desejo de serem mais magras, é o resultado expresso na vontade de serem diferentes com relação a seus corpos. Com auxílio da retrospectiva histórica de nossas antepassadas pudemos notar que este tipo de preocupação se origina “ No limiar do Século XX, a aparência do corpo feminino sofre uma transformação radical. O costureiro Poiret ousa abolir o espartilho em 1905 : desenha vestidos lisos e fluídos, de uma elegância sóbria, que seguem de perto formas esguias. A bailarina Isadora Duncan põe ao mesmo tempo fora de moda os tutus e os sapatos de dança. Dança descalça e veste túnicas inspiradas na antiga Grécia. O seu fulgurante sucesso, o seu imenso prestígio revelam um desejo de emancipação entre as mulheres <<A idéia de beleza varia>> vocês colocam-na na esterilidade da mulher, de formas longas e esguias, de flancos estreitos” (Knibiehler, 1996, p.357).

Entendemos que com o passar dos anos 90, esta preocupação com a magreza tornou-se excessiva, como podemos constatar os inúmeros casos de anorexia e bulimia que estão ocorrendo nos Estados Unidos e Europa.

No entanto, a magreza veio a se consagrar com a aparição de “ Twiggy “ em 1967,, possuindo um aspecto de garota adolescente, com idade por volta dos

17 anos, e aparência frágil e abandonada. Como relatamos no capítulo “Adolescência/ Puberdade - ritos e transformações”, cada época privilegiou uma certa idade (p.71). No século XX, a valorização da adolescência (por sua força física, pureza, alegria e beleza), é demonstrada através da identificação com este modelo de corpo ideal. Reflete a importância da adolescência. As mulheres que desejam ser admiradas e cortejadas, devem se submeter a um penoso regime alimentar.

Paralelamente, as respostas detalhadas das adolescentes suscitaram a identificação com este corpo ideal de “ Twiggy “, isto é, um corpo considerado esbelto. No entanto, devemos considerar as variações do contexto cultural no qual estão inseridas. Elas determinam as influências sociais de cada comunidade. Na população brasileira, em especial, as preferências relacionadas com o corpo ideal determinam mulheres com cintura delineada, ancas e seios bem formados. Também são considerados corpos ideais aqueles mais encorpados, porém com dimensões proporcionadas e bem distribuídas.

No caso do cinema americano, podemos observar outras preferências por corpos ideais femininos: aqueles que apresentam seios volumosos, pernas esguias e cabelos lisos. Portanto, estas variações e diferenças em preferências por corpos ideais são próprios de cada local e de cada época.

De forma geral, percebemos que existe uma “sobreposição de épocas” na definição de um corpo ideal, pois nos séculos anteriores (Séculos XII-XVIII), e em menor grau, do final do Século XIX até os dias de hoje, são considerados como componentes ideais do corpo feminino a gordura bem proporcionada, ancas e seios generosos, que beneficiam tanto biologicamente - a maternidade - como socialmente. A escolha e aceitação do corpo, como sendo belo. Existe

complementaridade nas considerações acerca do ideal de corpo, ao longo dos séculos.

Nos meados do Século XIX, encontramos as formas corporais descritas, “ A opulência das formas exige-se à noite em colos carnudos e leitosos. Para oferecer aos olhares masculinos um busto copioso, uma impressionante <<queda de rins>>, as mulheres curvam o tronco, dobram a espinha : a lordose torna-se uma deformidade específica do sexo fraco...” (Knibiehler, 1996, p.352).

Evidenciamos uma contradição nos dizeres das adolescentes, pois em sua maioria gostam de seus corpos mas, gostariam de ser diferentes, desejando ser mais magras. De certa maneira, este desejo vai de encontro ao corpo ideal descrito por elas. No entanto, quando alegamos a possibilidade de desejarem possuir o corpo ideal, elas reconhecem que não gostariam de possuí-lo. Isto denota uma certa incoerência na autenticidade das respostas das adolescentes, ou talvez as definições de corpo não estejam bem claras, pois, num momento refletem a insatisfação com o corpo real, e no outro, não desejam possuir este corpo ideal.

O ideal de corpo difundido pelos meios de comunicação parece não influenciar a relação positiva ou negativa que as adolescentes têm com o seu corpo. Mas serve como estímulo e parâmetro de comparação.

Normalmente, as garotas não são criticadas em relação a seus corpos, mas quando o são, em sua maioria as críticas partem de sua mãe, criticam-nas por serem gordas, pelo tamanho do bumbum, por seu comportamento nervoso.

Nota-se que as críticas da mãe vão de encontro ao ideal de corpo descrito anteriormente e que no âmbito doméstico reflete o de nossas antepassadas. Os cuidados com a família recaem sobre a mãe.

O papel da mãe, progenitora, líder no âmbito doméstico, responsável pela orientação e cuidados familiares regem um papel tradicional na família. Podemos observá-lo amplamente nos dias de hoje, porém diferenciados em contextos históricos. Consideramos atualmente uma diversidade de comportamentos na representação das mães, por ex. mães-médicas, mães-advogadas, mães do lar, mães rurais, etc...

As adolescentes que mais se aproximam do ideal de corpo (observado na tab. da figura humana x descrição de corpo), são as que possuem um alto grau de exigência em relação a seus corpos. Quanto mais bonita ela é, mais exigente ela é para consigo mesma. Seu ideal de corpo é muito forte. A influência social através dos meios de comunicação fabrica Top Models perfeitas. Sua existência é sinônimo de beleza. Se o que buscávamos há séculos, era a beleza, hoje ela está no júbilo de proporções precisamente calculáveis.

A aparência visual detalhada, produtos, técnicas e funções especializadas da indústria de cosméticos e da moda surgem no Século XIX.

“ Ser o modelo feminino para estas imagens é o mais glorificado entre os bens de consumo. Simultaneamente objeto da adulação das mulheres e de exploração comercial, os modelos reforçam e ao mesmo tempo servem os padrões de beleza. Serena, concentrada, sem marca de qualquer experiência

emocional ou intelectual, o modelo profissional veicula os ideais de moda que governam as aparências e proclamam a sua importância” (Higonnet, 1996, p.).

Importante perceber que a metade das adolescentes se referem ao corpo como um todo e a outra metade se refere apenas a algumas partes do corpo, àquelas que são valorizadas socialmente. Dificultada também por uma visão fragmentada de corpo fomentada pelos diversos campos de conhecimento. Evidenciamos as características sociais do mundo atual no comportamento das adolescentes, cujas partes são valorizadas diferentemente uma das outras, dependendo da função que representa socialmente. Com a especialização da função, o todo resulta da soma das partes.

As adolescentes que se submetem a dieta alimentar são poucas. Controlam os alimentos na dieta de carboidratos, gorduras e glicídeos e se alimentam de verduras, frutas e água. Este fato relatado anteriormente, se inicia com “Twiggy”, em 1967, representa um corpo adolescente, magro, com aspecto frágil e abandonado.

As adolescentes não se importam com as comemorações dos 15 anos. Os ritos de passagem constituem-se mais pela aparência (classe social), do que por seu significado. A fase da adolescência não possui um período de aprendizado, de construção da sua nova identidade na passagem para a vida adulta. A passagem se dá diretamente, sem preparo anterior, favorecendo problemas (gravidez precoce, drogas, irresponsabilidade, etc..).

Na elaboração de um instrumento de identificação do corpo real, encontramos dificuldades relacionadas aos graus de subjetividade envolvidos no processo. Portanto, a necessidade de construir um instrumento eficiente no qual as adolescentes possam obter uma identificação adequada.

II) AS ATIVIDADES MOTORAS

Com relação à participação social nas atividades motoras observadas no decorrer dos séculos, em alguns momentos foram considerados os benefícios que a atividade motora proporcionava à saúde, aos ideais nacionalistas, na luta pela libertação do corpo, nos ideais de representação social da mulher. Estes funcionavam como agentes estimuladores da prática da atividade motora.

A história da discriminação feminina, da participação social das mulheres em atividades motoras foi congestionada e lenta, pois orientava-se de acordo com os interesses sociais de cada época.

No final do Século XVIII, atividades ao ar livre como natação e caminhada são estimuladas. Definem comportamentos que beneficiam à saúde, por meio da robustez muscular e estimulação do funcionamento orgânico.

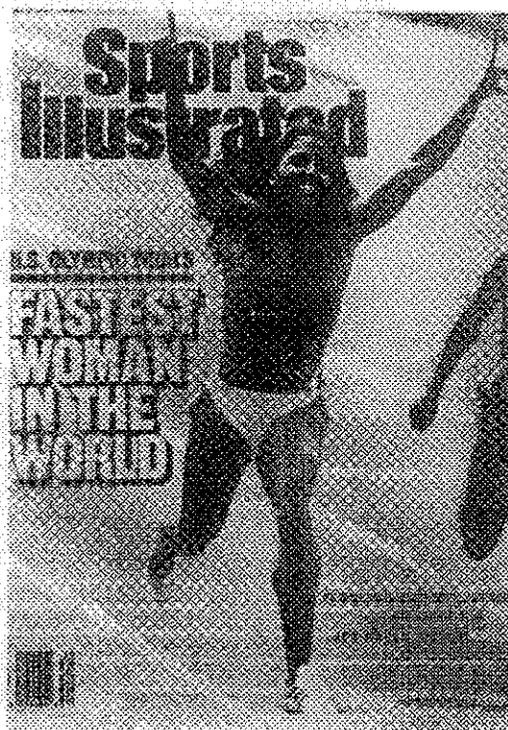
No Século XIX, ampliam-se os interesses vinculados à prática da atividade motora, dentro dos ideais nacionalistas remanescentes da Revolução Francesa - “A Musa” (p.37), os princípios da boa higiene, surgem nos pensionatos femininos e determinam exercícios ao ar livre, exercícios com auxílio de máquinas e aparelhos, os banhos de mar.

No final do Século XIX, a Alemanha e Inglaterra estimulam a prática da ginástica feminina, suscitando muitas hostilidades. Alegava-se que as mulheres eram incapazes para os movimentos, aos quais eram danosos para a futura procriadora. Grupos feministas motivam a prática do desporto, pois isso, representava a liberação do corpo da mulher.

A resistência positiva exercida pela participação de mulheres, a partir dos segundos jogos olímpicos da era moderna, registra os progressos no campo esportivo, tracejando conquistas que têm sido obtidas até os dias de hoje.

No Século XX, é crescente a participação de mulheres em esportes competitivos. Há adesão das mulheres aos esportes outrora considerados masculinos, tais como: boxe, taekwondo, judô, cultura física e musculação. Hoje são praticados por mulheres e, através de campeonatos nacionais e internacionais, são televisionados para o mundo todo.

Uma das mais poderosas imagens guardadas em nossa memória trata da recordista mundial feminina dos 100m rasos (1988), “ Florence Griffity-Joyner”, a mulher mais rápida do mundo. Obteve o reconhecimento de seu feito por parte da população mundial e da cultura de massas, através de patrocínios e divulgação.



Recentemente, em meados de 1996, organizou-se em Nova York, uma performance, “ Evolution-F - um espetáculo surreal de músculo feminino”, por “35 body builders” participantes dos Estados Unidos e do exterior, organizado pela “body builder” Laura Fierstein - “pretende exaltar a força da mulher e promover os corpos musculosos como uma das expressões possíveis do feminino, reivindicando que sua diferença seja aceita” (Folha de São Paulo, Caderno Mais, 21.01.96, p.5-4).

Guardadas as devidas proporções nos diferentes graus de emancipação obtidos pelas mulheres de países desenvolvidos, este processo normalmente se inicia a partir do âmbito educacional, e mais especificamente nas aulas de Educação Física.

A visão tradicionalista da Educação Física fomenta questões de disciplina, organização, condicionamento físico e esportes. Os ideais e valores da disciplina são difundidos em grande parte das escolas estaduais, porém, sem a reflexão aprofundada e necessária para uma abrangência do ser total, integrado, em busca de seu auto-conhecimento. Não somente fatores biológicos precisam ser desenvolvidos, mas também os aspectos do corpo relacionados com fatores políticos, sociais, psicológicos e emocionais.

É certo que os valores esperados na mulher esportista são os mesmos esperados nas mulheres em geral. A função social exercida e os valores culturais transmitidos são os definidores da identidade feminina.

“(....) a não existência de razão alguma plausível que possa excluir as mulheres na participação ativa de qualquer atividade física. Ao contrário, um estudo feito com atletas mostra que seu auto-conceito é elevadíssimo, sendo muito mais seguras, independentes,.....” (Greve, 1984, p.83).

Ainda nos dias atuais, devemos crer que características esportivas, econômicas e sociais possuem um caráter masculino, competitivo, de rendimentos. Considerando, porém, o quadro evolutivo feminino, comparando as diferenças de sexo na participação social das mulheres em atividades motoras proporcionadas pela disciplina Educação Física, torna-se extremamente desigual e inaceitável, tal preconceito.

Nos relatos do histórico vivencial nas atividades motoras das adolescentes na escola, evidenciou-se uma diminuição na participação feminina em atividades motoras no segundo grau, como foi verificado nos resultados dessa dissertação.

Malina (1988 apud Malina, Bouchard, 1991) considera que as variações motivacionais e mudanças de atitude podem interferir no gosto pela atividade motora. Este fato ocorre frequentemente com o sexo feminino.

Ambos os sexos passam por transformação corporal, pela “crise de identidade”. Interesses e expectativas sociais são diferenciados. Desejo deixar claro que a adaptação social dos jovens, seja do sexo masculino ou do sexo feminino, é diferenciada na sociedade adulta.

A condição social feminina relatada nesta dissertação visa caracterizar as circunstâncias distintas da população. Esta interpretação servirá de complementação à análise dos objetivos e valores das adolescentes, quando relacionada com a prática da atividade motora nas aulas de Educação Física.

As atividades motoras praticadas nesta escola são concentradas em atividades esportivas e mais intensamente no voleibol, basquetebol e ginástica calistênica. A Educação Física vivenciada por elas pertence a uma linha biologicista e tradicionalista, visando à manutenção física e à ordem social, pois não busca criatividade e variedade de conhecimentos.

Tal fato talvez seja percebido intuitivamente por aquelas adolescentes com melhor situação econômica. Elas podem buscar alternativas de práticas de movimento fora da escola. E relatam que preferem atividades motoras fora da escola, pelo maior número de opções de escolha e melhor qualidade das aulas

(local, horário, variedade de movimento, maior responsabilidade dos profissionais).

Estas garotas que praticam atividades motoras fora da escola, procuram locais, como: academias, clubes, centros esportivos. A prática efetuada é a dança, natação, ginástica olímpica, ginástica(aeróbica, step, localizada) e musculação.

É importante ressaltar as características das adolescentes descritas no Cap(II) - “ Adolescência/ Puberdade - ritos e transformações”, no qual se evidencia o poder dos meios de comunicação - revistas, televisão, e as influências vigorosas sobre o comportamento das adolescentes. A Educação Física precisa acompanhar as mudanças efetuadas por empresas particulares, introduzindo eventos, performances, jogos, esportes, danças variadas. São necessários também instrumentos alternativos, oriundos da criatividade do profissional de Educação Física e da participação dos adolescentes. Desta forma, objetivos, programas de ensino e planos de aula de Educação Física passarão a ir mais de encontro às expectativas de alunos e alunas, tornando mais estimulantes e adequados nossos cursos.

É importante poder organizar e planejar projetos e planos de ensino com a participação dos adolescentes, viabilizando meios de entretenimento e educação. Gostaria de deixar claro que a Educação Física no segundo grau pode e deve ser mais libertária, mas deve possuir o respaldo nos conhecimentos e experiências de um profissional da área de Educação Física.

A satisfação, o prazer e os benefícios que a prática da atividade motora proporciona à vida, são reconhecidos por toda a população feminina pesquisada

nesta escola. Portanto, os elementos cativadores para o bom andamento e os princípios fortalecedores da base para a prática motora são reconhecidos pelas adolescentes. Os significados da prática motora são: - na escola, divertimento e distração, seguido por desenvolvimento do corpo e da mente, necessidade de aprender algum esporte. E fora da escola são: - os aspectos relacionados com boa forma, relaxamento, desenvolvimento do corpo. Estes dados refletem o entendimento quanto aos benefícios proporcionados pela prática motora, aqueles estimulados pelos meios de comunicação - aparência visual, valores estéticos, prazer, etc...

Os preconceitos na prática de esportes, a maioria das adolescentes não os possui, mas no entanto, pouco praticam o atletismo, futebol, lutas; talvez interpretem parcialmente o conceito, o que é muito natural para a idade. O desejo para a sua prática não depende de influências externas, ou seja, do pai, da mãe, do namorado, etc.... Talvez, possamos perceber a fase emancipativa em que elas se encontram, quando tudo é permitido, demonstrando sua auto-suficiência e auto-afirmação.

Devemos considerar também a fragilidade e suscetibilidade de suas afirmações. Por ex. , quando perguntamos se desejavam possuir aquele corpo ideal afirmaram que não desejavam possuí-lo. O desejo demonstrado na insatisfação do corpo real, e o apelo para a prática motora, porém, direcionam na obtenção deste corpo ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tratou-se do conhecimento de forma abrangente, visando a uma reflexão acerca das questões mulher-adolescente-corpo e atividade motora, para estudar a representação social na adolescência. Ocorreram dificuldades na integração da análise dos dados obtidos e o referencial teórico; fator limitante desta dissertação.

A população estudada é uma amostra da adolescente de classe média, vivendo na capital de São Paulo. Ela pode dar idéia da representação da mulher-adolescente nestas condições.

A história da prática da atividade motora feminina constitui uma das histórias de discriminação feminina. A representação social das atividades motoras para as mulheres-adolescentes da escola pesquisada não poderia ser diferente. No entanto, a maioria das adolescentes têm compreensão da importância da Educação Física em seu desenvolvimento, e sentem-se motivadas para a prática das atividades motoras.

O enfoque biocultural utilizado na visualização deste processo de reflexão sobre a questão mulher-adolescente-corpo e atividade motora, deriva-se de uma integração, de um conjunto de conhecimentos interligados.

Ocorreram períodos históricos nos quais os aspectos biológicos tinham uma preponderância maior sobre os aspectos culturais. Em outros, os aspectos culturais encontram-se em evidência, mas sempre em mútua dependência.

As questões reveladas por esta dissertação não diferem substancialmente daquelas verificadas na literatura sobre a participação da mulher nas atividades motoras. A contribuição desta pesquisa encontra-se no sentido de “*chamar a atenção*” sobre a questão da mulher, em especial desta adolescente e sua motivação para a prática das atividades motoras. Há tentativa de sensibilizar pessoas diretamente relacionadas com a prática motora, para que atentem para os reais anseios da população feminina, deixando de lado conceitos, valores e preconceitos ultrapassados.

Segundo Myotín (1996, p.179): “*Enquanto pais e responsáveis em assegurar a saúde e o bem-estar da garota adolescente não atentarem para o problema da abandonada prática esportiva, milhões de garotas serão privadas não somente de todos os benefícios em potencial da atividade física e dos esportes durante a própria adolescência, mas também da possibilidade de carregar os valores de um estilo de vida ativo desse período para a vida adulta*”.

Diante do atual quadro esportivo, verificamos que existem mulheres mais sensíveis que outras para responder positiva ou negativamente às influências sociais relacionadas com os papéis femininos contrastantes no campo da prática motora, isto é, fragilidade-agressividade, dependência-independência, passividade-competitividade.

Estes fatores têm sido transpostos pelas mulheres com o passar dos tempos, como podemos constatar no aumento de porcentagem obtido nas Olimpíadas de Atlanta 1996.

I- A Mulher - Corpos e Representação

Na retrospectiva histórica do Século XII-XX, verificamos que o corpo belo é identificado como um corpo esteticamente ideal, assume características relativas de beleza em cada época, em cada sociedade. Como discutimos anteriormente, os padrões de beleza foram se sucedendo de séculos em séculos e segundo os valores culturais de cada sociedade.

Podemos encontrar nos dias de hoje, padrões de beleza que vão desde a origem clássico-tradicional ocidental até os padrões do “corpo adolescente” de Twiggy(1967); por ex. a atriz Brooke Shields, com rosto bonito, olhos claros, pele roseada, e a modelo Claudia Schiffer, com rosto de boneca “Barbie” e um corpo esguio e esbelto.

Estes corpos ideais exprimem aquilo que as mulheres gostariam de ver projetadas nelas, segundo as suas necessidades.

Os modelos de representação situam-se basicamente entre o tripé de um triângulo. A “mulher do lar”, ou seja, a mãe, dona de casa, representada por uma feminilidade normal, pura e virtuosa; as “mulheres sedutoras”, eróticas, sensuais, com uma sexualidade aparente, uma feminilidade desviante e marginalizadas. Afinal, a “mulher ideal”, a musa representadas por imagens estáticas que fascinam e cujas fantasias são projetadas sobre elas.

Os modelos de representação encontram-se entre limites da “mulher-mãe”, “mulher-sedução”, “mulher-musa”. Estes modelos devido a sua história na representação feminina enfrentam hábitos visuais e comportamentos profundamente arraigados e fragmentados.

A partir do Século XIX, dá-se o início de ruptura do tripé, com as causas feministas. A mulher busca novos caminhos, imita padrões masculinos(no esporte, no trabalho, etc..), desvinculados do corpo ideal e valoriza mais o corpo real. Verificamos o esforço empreendido pelas mulheres na luta pela sua valorização como seres humanos igualmente capacitados. Desde então, as mulheres estão aprendendo a cultivar novas atitudes para consigo e para com seus corpos, almejando outras vivências na sociedade, dando um novo sentido ao seu presente.

II- A mulher e a Atividade Motora

É importante lembrar que a contribuição da Educação Física e Esportes não se limita apenas a reproduzir e produzir modelos idealizados de corpos e de comportamentos femininos, determinados culturalmente através da educação de movimentos estereotipados dentro e fora das escolas. Esta rica experiência na prática educacional das atividades motoras remete-nos à reflexão quanto aos aspectos culturais e globais, envolvidos na dinâmica corpo-movimento humano durante as aulas de Educação Física.

A prática de um jogo, de uma brincadeira, da ginástica, de campeonatos esportivos, etc..., pode ser caracterizada como um símbolo em “miniatura” do jogo das relações sociais. Neste fragmento de vivência social, verificam-se os ideais, os valores, as representações, as tendências de uma sociedade. Várias possibilidades na exploração de conteúdos (culturais, políticos, biológicos, emocionais, etc...) enquadram-se dentro desta perspectiva, proporcionando uma análise crítica da sociedade. O que se vivencia diretamente, a partir do seu próprio corpo, é superior ao que é apreendido de segunda mão (pela TV, Revistas, livros, etc...). Poderá ser questionado posteriormente, fornecendo subsídios diversos relacionados com a prática motora. O resultado final será repensar a sociedade, diversificando expectativas e estilos de vida.

Ainda nos dias atuais, muitos crêm que as características das práticas motoras, econômicas e sociais possuem um caráter masculino, competitivo, de rendimentos. Considerando, porém, o quadro evolutivo feminino, nota-se que a mulher está vivenciando mais e mais a prática motora e explorando comportamentos em novos campos de atuação, fortalecendo-se e idealizando novas representações femininas.

III- Concepção de Mulher

A última conferência da mulher em Pequim(1995), elaborou uma declaração, na qual se diz: o direito das mulheres são direitos humanos(p.14), os direitos da mulher, o controle da saúde e fecundidade são básicos para o seu poder(p.17), e para promover seu desenvolvimento econômico e educacional.

Com base nestas informações, temos que tomar conhecimento do rumo dos acontecimentos significativos, para que a mulher possa fundamentar a periodização específica e atual, ou seja, a concepção das mulheres na sociedade em que vivem.

Segundo Salim(1994,p.13): *“O corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente a sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade”*.

Entretanto, o corpo também exprime diferenças culturais: aparência física, valores, costumes, características visíveis e invisíveis na sua representação.

Dentre as tecnologias de gênero observadas, verificamos a bipolaridade entre sexo e gênero. Mead(1971, p.25) coloca-nos que: “*as diferenças de gênero entre os dois sexos são uma importante condição sobre a qual se edificam as muitas variedades da cultura humana e dão ao homem porte e dignidade. Em todas as sociedades conhecidas, a humanidade elaborou uma divisão biológica original que proporcionou a primeira orientação. Baseado no contraste entre forma e função corporal, o homem construiu analogias entre o sol e a lua, noite e dia, o bem e o mal, a força e a fragilidade, a rapidez e a lentidão, a paciência e a vulnerabilidade. Às vezes, uma qualidade é consignada a um sexo, às vezes ao outro*”. Portanto, o homem e a mulher constituem-se num padrão de gênero que difunde para outras relações sociais. As relações de gênero nomeiam a dominação, caracteriza-se por uma hegemonia.

A diversidade dos trabalhos relacionados com a construção da identidade feminina(Higonnet, 1996; Haraway, 1991), demonstram as dificuldades encontradas na visibilidade conceptual da mulher. São várias as generalidades das representações femininas. Os esforços empreendidos para fugir aos estereótipos propõem novas imagens de mulheres, como aquelas sugeridas no evento “*Evolution F - Um espetáculo Surreal de Músculo Feminino*”, campeonatos esportivos, artistas plásticas femininistas, etc...

As mulheres enfrentaram configurações complexas e evolutivas de valores estéticos a políticos. Alguns destes valores eram compatíveis com os valores da feminilidade, outros não o eram. As mulheres tiveram que conciliar e recriar configurações com sentido, para criar para si próprias lugares que não existiam.

O Século XXI está próximo. Diante dos acontecimentos aguardamos a conscientização da humanidade para valores mais próximos da nossa essência. Para tanto, esperamos que *“o exterior constitua afinal o reflexo do interior; a única realidade é a vida una, e a diferença é somente uma ilusão que para sempre se dissipou”* (Besant, 1994, p.145).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVITH, Fanny. **Ritos de passagem: de nossa infância e adolescência - antologia**. São Paulo: Edit. Summus, 1985.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ed. Rio de Janeiro, Edit. Guanabara, 1981.

ASSOCIAÇÃO Paulista de Medicina. Adolescência: sexo, desejo, emoção, prazer.... e responsabilidade. **Jornal Saúde da Família**, São Paulo, 30 set. 1994. Ano III, n.34.

BARBANTI, Valdir. Desenvolvimento das capacidades físicas básicas na puberdade. **Revista paulista de educação física**, São Paulo, 3(5), pg. 31-37, jul./dez.1989.

BORIN, Françoise. Uma pausa para a imagem. In: ZUBER, Cristiane Klapich. (Coord.). **História das Mulheres**. Porto.:Edit. Afrontamento, 1994. VIII, pg.253-293.

BRUNHS, Heloisa T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: Romero, Elaine. **Corpo, Mulher e sociedade**. Campinas: Edit. Papyrus, 1995.

CALLIGARIS, Contardo. Cada época tem os adolescentes que merece. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 de novembro de 1993. C.1-3.

CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, pg. 265-270, jun/1994.

CHAGAS, Eliane. Educação Física: escola de ... formação do corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, pg. 253-262, jun/1994.

SOBRAL, F. Imagem Corporal. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA (SOBAMA); SEMINÁRIO DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA; SIMPÓSIO DE ATIVIDADE FÍSICA E ADAPTAÇÃO, I., 11/1995, UNICAMP, Campinas. **Imagem corporal e autopercepção do somatótipo: um método de avaliação baseado na somatotype attitudinal distance**. Campinas, 1995. 35pgs.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DAVIS, Natalie Z, FARGE, Arlette (Coord.). **História das mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VII, pg.29-63.

DESAIVE, Jean Paul. As ambiguidades do discurso literário. In: ZUBER, Cristiane Klapisch (Coord.). **História das mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VIII, pg.301-339.

DONEDA, Denise. Adolescência e corpo. **Revista valores humanos, corpo e prevenção: novos paradigmas para a Educação Física**, Brasília: ministério da educação, pg. 42-47, 1989.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Edit. Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Edit. Jorge Zahar, 1994.

_____. **The civilizing process: The history of manners**. New York: Pantheon Books, 1978. Vol.I.

ERIKSON, Erik. H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Edit. Jorge Zahar, 1972.

EVENTO FOLHA, São Paulo/SP, 1994. **Especialistas debatem linguagem dos jovens**. São Paulo: Folha de São Paulo - folha ilustrada, 02.11.94.

FARGE, Arlette, DAVIS, Natalie Z. Ela, de quem tanto se falou. In: ZUBER, Cristiane K (Coord). **História das Mulheres**. Porto: Edt. Afrontamento, 1994. VIII, pgs. 297-299.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Edit. Nova Fronteira, 1995.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: DAVIS, Natalie Z., FARGE, Arlette. **História das Mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VII, pgs. 461-518.

GALLATIN, Judith. **A adolescência e individualidade**. São Paulo: Edit. Harbra, 1986.

GIFFONI, Luciana. Programas para jovens são nota dez. **Shopping News**, São Paulo, 03 out. 1993. Cad. Comportamento, pg. 07.

GOLDBERG, et al. **Crescimento e desenvolvimento pubertário em crianças e adolescentes brasileiros**. São Paulo: Edit. Brasileira de Ciências, 1988.

GREGOR, Thomas. **Menináku: o drama da vida diária em uma aldeia do alto xingú**. São Paulo: Edit. Nacional, 1982.

GREVE, Margit. Mulher no esporte: uma reflexão crítica. **Revista Sprint**, São Paulo, ano III, n.1, pg. 42-44, 1984.

GRIECO, Sara F. M. O corpo, aparência e sexualidade. In: ZUBER, Cristiane Klapisch (Coord.). Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VIII, pgs. 70-119.

KUNZ, Maria do Carmo S. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**. Florianópolis, SC: Centro de Ciências da Educação da UFSC, 1993.(Dissertação, mestrado em educação).

_____. O gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, pg. 247-252, jun/1994.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex: Body and gender from the greeks to Freud**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

MALINA, Robert. **Growth, maturation and physical activity.** Illinois: Human kinetics Brooks, 1991.

_____. **Tempo, momento e sequência de mudanças de crescimento, maturação e performance durante a adolescência** (1988).

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais.** In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974. Vol.II.

MEAD, Margareth. **O conflito de gerações.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

_____. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Edit. Perspectiva, 1979.

MITCHELL, () et al. **Nutrição.** Rio de Janeiro: Edit. Interamericana, 1978.

MONEY, John, TUCKER, Patrícia. **Os papéis sexuais.** São Paulo: Edit. Brasiliense, 1981.

MONTEIRO, Tânia M. G. S. **Passagem e juventude: camadas de baixa renda.** Pernambuco, PE : Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Filosofia e ciências humanas , 1988. (Dissertação, Mestrado em Ciências Sociais).

MURARO, Rose M. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.** Petrópolis: Edit. Vozes, 1983.

MUUSS, Rolf. **Teorias da adolescência.** 5ed. Belo Horizonte: Edit. Interlivros, 1976.

- NICHOLSON, Eric. A. As mulheres e o teatro, 1500-1800 - Imagens e representações. In: ZUBER, Cristiane Klapish. **História das Mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VIII, pgs. 341-367.
- PEREIRA, Laércio E. **Mulher e esporte: um estudo sobre a influência dos agentes de sociabilização em atletas universitárias**. São Paulo, SP: Escola de Educação Física da USP, 1984. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- OLIVEIRA, Rosiska D. **Elogio à diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1992.
- PINA DE MORAIS. O futebol feminino em Portugal. A CIÊNCIA DO DESPORTO: A CULTURA E O HOMEM, 1993, Universidade do Porto - Faculdade de ciências do desporto e de educação física, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 1993.
- PIPONNIER, Françoise. O universo feminino: espaços e objetos. In: DAVIS, Natalie Z., FARGE, Arlette. **História das Mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VII, pgs. 441-459.
- ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz R. **Crescimento e performance motora: um fenômeno biocultural**. Lisboa: conferência proferida no IV congresso de educação física dos países de língua portuguesa, 1995. (Trabalho mimeografado).
- ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, n.3, pg. 226-234, jun/1994.

- SANTOS, Gildenir C., SILVA, Arlete I. P. **Normas para referências bibliográficas: conceitos básicos**. Campinas: FE/UNICAMP, 1995.
- SALVADORE, Évelyne B. O discurso da medicina e da ciência. In: ZUBER, Cristiane Klapisch. **História das Mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento, 1994. VIII, pgs. 409-455.
- SOARES, Carmem L., GOELLNER, Silvana V. O elogio à diferença: o avesso da segregação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, pg. 263- 264, jun/1994.
- SOARES, Gláucio A. D. A mulher nas olimpíadas. **Revista Ciência Hoje**, São Paulo, vol.8, n.43, 1988.
- STUDART, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. 10 ed. Petrópolis: Edit. Vozes, 1974.
- TAFFAREL, Celi N. Z, FRANÇA, Tereza L. A mulher no esporte: o espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, vol.15, n.3, pg. 235-246, jun/1994.
- TANNER, J. M. **El hombre antes del hombre**. México, 1978.
- TAVARES, Sérgio C. **A reclusão pubertária no Kamayurá de ipawú: um enfoque biocultural**. Campinas, SP: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1994. (Dissertação, mestrado em educação motora).

THOMASSET, Claude. Natureza feminina. In: DAVIS, Natalie Z.,
FARGE, Arlette. **História das Mulheres**. Porto: Edit. Afrontamento,
1994. VII, pgs. 65-97.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Edit. Vozes,
1978.

ANEXOS

Pesquisa

Atividade motora, percepção do corpo e representação social em adolescentes

I. Instruções

A E.E.S.G. Zuleika de Barros foi escolhida para fazer parte da pesquisa "Atividade motora, percepção do corpo e representação social em adolescentes". Somente alunas de 15 a 17 anos farão parte da mesma.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela Profa. Paula F.R. da Matta visando sua dissertação de mestrado, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Você está sendo convidada para participar desta pesquisa. Se aceitar o nosso convite, continue lendo as instruções. Se não aceitar o convite, favor devolver o questionário.

A sua participação consiste em responder o questionário em anexo. Ele consiste de questões abertas e fechadas, onde você emitirá opiniões e relatará experiências sobre a percepção do corpo e prática das atividades motoras.

Leia cada pergunta com muita atenção, antes de respondê-la. É importante que você responda o questionário de forma precisa e não esconda nenhuma informação sobre os assuntos perguntados. Todas as informações serão anônimas e confidenciais. Não existe resposta correta ou incorreta, mas resposta verdadeira, isto é que emita sua opinião pessoal. Agradecemos sua colaboração em participar da pesquisa.

Obs. Se faltar espaço para responder as perguntas, você poderá usar a folha no verso.

II. Informações pessoais

1. Data do nascimento: ___/___/____ 2. Idade: ___
3. Local de nascimento: _____ 4. Nacionalidade: _____
5. Morou em outra cidade? Época: _____
6. Há quanto tempo reside em São Paulo? _____
7. Você trabalha? ___ (1) sim ___ (2) não
 Se respondeu sim, onde trabalha _____ e
 há quanto tempo? _____
8. Você mora com o/a ___ (1) pai ___ (2) padrasto
 ___ (4) mãe ___ (8) madrasta ___ (16) parentes ___ (32) outros
9. Você recebeu educação religiosa?
 ___ (1) sim ___ (2) não
 Se respondeu sim, qual? _____
10. Você pratica alguma religião?
 (1) sim ___ (2) não ___
 Se respondeu sim qual? _____
11. Qual o último ano da escola que seu pai (ou padrasto) terminou, ou ele não frequentou a escola?
 Não frequentou a escola (0) ___
- | <u>Primeiro grau ou supletivo</u> | <u>Segundo grau</u> |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| Primeiro ano ___ (1) | Primeiro ano ___ (9) |
| Segundo ano ___ (2) | Segundo ano ___ (10) |
| Terceiro ano ___ (3) | Terceiro ano ___ (11) |
| Quarto ano ___ (4) | Curso normal ___ (12) |
| Quinto ano ___ (5) | |
| Sexto ano ___ (6) | <u>Universidade</u> |
| Sétimo ano ___ (7) | Incompleta ___ (13) |
| Oitavo ano ___ (8) | Completa ___ (14) |
12. Qual o último ano da escola que sua mãe (ou madrasta) terminou, ou ela não frequentou a escola?
 Não frequentou a escola (0) ___
- | <u>Primeiro grau ou supletivo</u> | <u>Segundo grau</u> |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| Primeiro ano ___ (1) | Primeiro ano ___ (9) |
| Segundo ano ___ (2) | Segundo ano ___ (10) |
| Terceiro ano ___ (3) | Terceiro ano ___ (11) |
| Quarto ano ___ (4) | Curso normal ___ (12) |
| Quinto ano ___ (5) | |
| Sexto ano ___ (6) | <u>Universidade</u> |
| Sétimo ano ___ (7) | Incompleta ___ (13) |
| Oitavo ano ___ (8) | Completa ___ (14) |

13. Você tem irmãos? ___ (1) sim ___ (2) não
Se tiver, qual lugar ocupa entre eles?
___ primeiro ___ segundo ___ terceiro ou Qual? ___

III. Informações e opiniões sobre o corpo

14. Faça uma descrição detalhada do seu corpo.

15. Você gosta do seu corpo?

- ___ (1) sim, gosto e não gostaria de ser diferente
___ (2) sim, gosto mas gostaria de ser diferente
___ (3) não, não gosto e gostaria de ser diferente
___ (4) não, não gosto mas não gostaria de ser diferente

16. (Relativo a pergunta anterior) Por que? O que você acha dele?

17. O que você considera um corpo ideal? Fale sobre ele.

18. Você gostaria de ter o corpo ideal que descreveu na questão 17?

(1) Sim (2) Não (3) Não sei
 (4) Nunca pensei sobre isso

19. O seu corpo, hábitos alimentares, postura e/ou maneira de ser têm sido criticados pela família, amigos, amigas, namorado, paquera, professores, mídia etc?

(1) sim (2) não
Se respondeu sim, o que tem sido criticado e por quem?

20. Somente para aquelas que responderam sim na pergunta anterior. Estas críticas a incomodam?"

(1) sim (2) não (3) não sei
 (4) nunca pensei sobre isso

21. Os seus quinze anos foram marcados com alguma comemoração?

(1) sim (2) não
Se respondeu sim, como foi comemorado e o que significou para você?

22. Qual a época que teve a primeira menstruação?
(mês/ano _____).

Esta informação é: (1) precisa (2) aproximada

23. Você faz algum tipo de dieta alimentar para controle do peso?

___ (1) sim ___ (2) não

Se respondeu sim, qual tipo de dieta? Houve controle médico?

24. Você já usou medicamento(s) para controle de peso?

___ (1) sim, usei frequentemente

___ (2) sim, usei algumas vezes

___ (3) sim, usei raramente

___ (4) não usei medicamento (s)

25. Você deixa de se alimentar uma ou duas refeições para controle do peso?

___ (1) sim, deixo de me alimentar, quase que diariamente ,
uma ou duas refeições para controle de peso

___ (2) sim, deixo de me alimentar, algumas vezes na semana ,
uma ou duas refeições para controle de peso

___ (3) sim, deixo de me alimentar, uma vez por semana ,
uma ou duas refeições para controle de peso

___ (4) sim, deixo de me alimentar, algumas vezes no mes ,
uma ou duas refeições para controle de peso

___ (5) não deixo de me alimentar uma ou duas refeições para
controle do peso na semana ou no mes

26. Você sente vontade de comer mais do que pode e depois vomita para se aliviar?

___ (1) sim, frequentemente , sinto vontade de comer mais
do que posso e depois vomito para me aliviar

___ (2) sim, algumas vezes , sinto vontade de comer mais
do que posso e depois vomito para me aliviar

___ (3) sim, raramente , sinto vontade de comer mais do que
posso e depois vomito para me aliviar

___ (4) não sinto vontade de comer mais
do que posso e depois vomito para me aliviar

27. Os meios de comunicações como propagandas, filmes, novelas, televisão, revistas, livros, jornais etc. têm apresentado uma imagem idealizada do corpo da mulher. Como esta imagem tem afetado suas expectativas com relação a seu corpo?

28. Você já teve relação sexual?
__ (1) sim __ (2) não

29. Somente para aquelas que responderam sim a pergunta anterior. Fale sobre sua experiência sexual e se utiliza algum método de controle anticoncepcional.

IV. Informações e opiniões sobre as atividades motoras

Atividades motoras nesta pesquisa são movimentos que se faz intencionalmente com o corpo, tais como: ginástica, ballet, esportes (basquetebol, vólibol, handebol, tennis, atletismo etc), yoga, artes marciais (tai chi, taekondo, judô, etc), técnicas alternativas (massagem, relaxamento), etc.

30. Descreva as atividades motoras que fez até o ano passado e faz atualmente na escola.

_____ que fez _____ que faz _____

31. Somente para aquelas que praticaram alguma atividade motora fora da escola. Descreva as atividades motoras que fez e faz fora da escola com regularidade. Dizer onde fez e faz, época e duração e regularidade de cada atividade motora

Atividade motora	Local	Epoca	Duração	Regularidade
------------------	-------	-------	---------	--------------

32. Você gosta de fazer atividades motoras? Sim ou Não?

- ___ (1) sim, gosto muito de fazer atividades motoras
- ___ (2) sim, gosto mais ou menos de fazer atividades motoras
- ___ (3) sim, gosto pouco de fazer atividades motoras
- ___ (4) não gosto de fazer atividades motoras

33. O que a prática das atividades motoras significam para você?
Fale sobre as praticadas na escola e fora da escola.
Praticadas na escola Fora da escola

34. Você usou ou usa medicamento (s) para auxiliar no crescimento físico e/ou desenvolvimento dos músculos e/ou corpo?

- ___ (1) sim ___ (2) não

Se respondeu sim, qual (is) medicamento (s), quando e para que usou?

35. As atividades motoras trouxeram algum benefício ou malefício para a sua vida?

- (1) trouxeram benefício
- (2) trouxeram malefício
- (3) trouxeram benefício e malefício
- (4) não trouxeram nem benefício e nem malefício
- (5) não sei
- (6) nunca pensei sobre isso

36. Somente para aquelas que fazem atividades motoras regularmente. Você sente algum desejo forte que a leva a fazer atividade motora regularmente?

- (1) sim (2) não (3) não sei
Se respondeu sim, descreva este desejo forte

37. Somente para aquelas que não fazem atividades motoras fora da escola. Você sente algum bloqueio ou barreira para praticar atividades motoras?

- (1) sim (2) não
Se respondeu sim, descreva este bloqueio ou barreira

38. Você faz ou fez alguma atividade motora por indicação médica?

- (1) sim (2) não
Se respondeu sim, qual? e quando?

39. Com a vinda da 1º (primeira) menstruação, você percebeu mudanças no seu corpo e no rendimento das atividades motoras ?

- ___ (1) Sim, percebi mudanças no corpo
- ___ (2) Sim, percebi mudanças no rendimento das atividades motoras
- ___ (3) Sim, percebi mudanças no corpo e no rendimento das atividades motoras
- ___ (4) Não percebi nenhuma mudança no corpo e, nem no rendimento das atividades motoras
- ___ (5) Não vejo nenhuma relação.

40. Somente para aquelas que responderam sim a pergunta anterior. Quais as mudanças que percebeu no seu corpo e/ou no rendimento das atividades motoras?

41. Você acha que os jovens buscam cada vez mais atividades motoras fora da escola, tais com em clínicas alternativas, spas, academias, clubes, parques etc?

- ___ (1) sim ___ (2) não ___ (3) não sei

42. Somente para aquelas que responderam sim a pergunta anterior. Porque você acha que os jovens buscam cada vez mais atividades motoras fora da escola, tais com em clínicas alternativas, spas, acadêmias, parques etc?

As perguntas 45 e 46 referem-se apenas a esporte competitivo

45. Você tem preconceito em praticar algum esporte competitivo?

- ___ (1) sim ___ (2) não ___ (3) não sei
___ (4) nunca pensei sobre isso

46. Somente para aquelas que responderam sim a pergunta anterior. Em qual(is) esporte(s) tem preconceito? Por que?

47. Na prática de esporte, você tem sido estimulada ou desestimulada pela família, amigos e/ou sociedade?

- ___ (1) tenho sido estimulada
___ (2) tenho sido desestimulada
___ (3) não tenho sido nem estimulada, nem desestimulada

48. Somente para aquelas que tem sido estimulada ou desestimulada na prática de esporte. Em qual esporte tem sido estimulada ou desestimulada? Por que e por quem?

49. Com relação a descrição detalhada que fez do seu corpo na pergunta 14, você pensou no corpo como um todo, incluindo a cabeça, tronco e membros?

- ___ (1) sim ___ (2) não

50. Com relação a descrição do seu corpo que fez na pergunta 14, você esqueceu alguma parte ou detalhe do corpo importante que poderia ter mencionado, mas não o fez?

- ___ (1) sim ___ (2) não

Se respondeu sim, o que você esqueceu e por que?

V Graus de desenvolvimento mamário
(ver tabela)

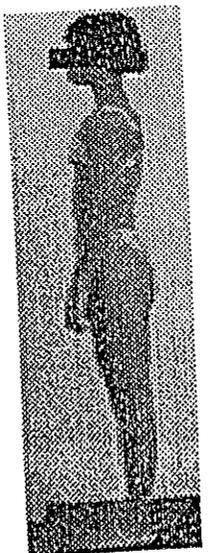
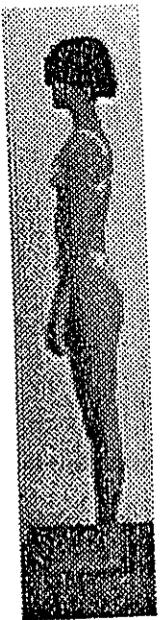
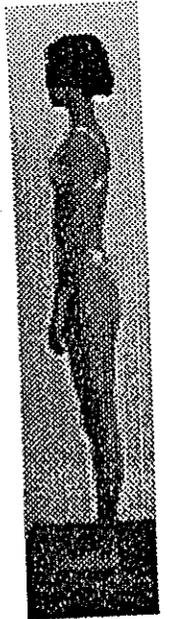
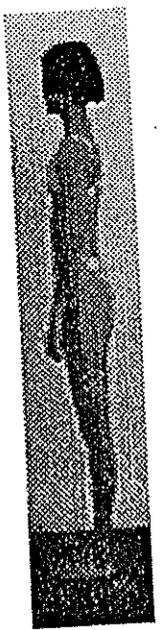
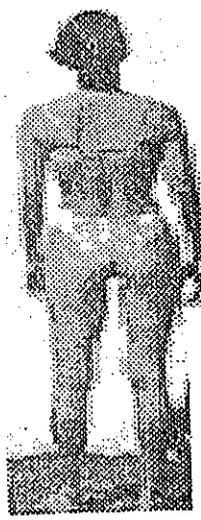
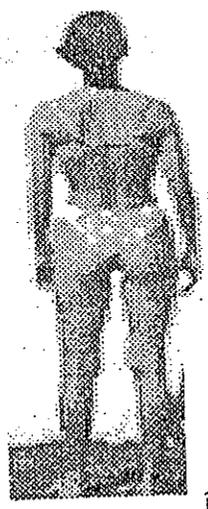
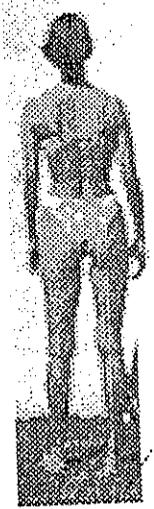
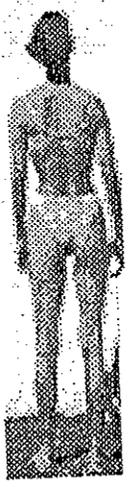
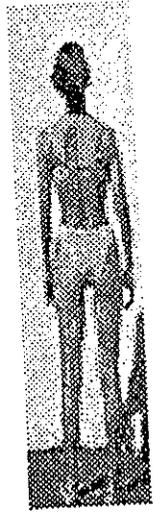
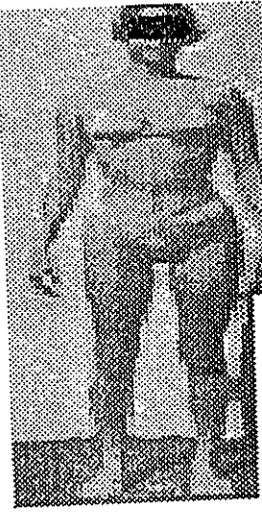
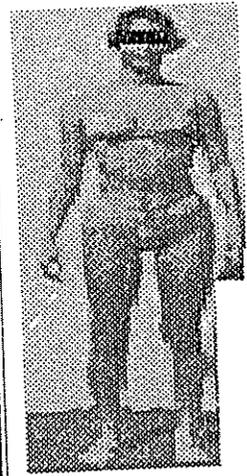
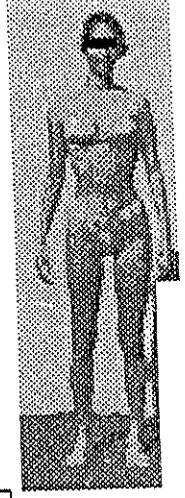
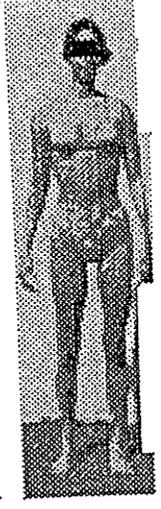
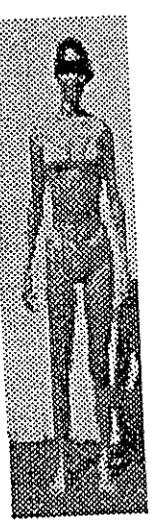
51. Assinale o estágio de desenvolvimento mamário que você se encontra baseado na tabela dos graus de desenvolvimento mamário

- (1) Estágio I (2) Estágio II (3) Estágio III
 (4) Estágio IV (5) Estágio V

52. Assinale o estágio de desenvolvimento da pelagem pubiana que você se encontra baseado na tabela dos graus de desenvolvimento da pelagem pubiana

- (1) Estágio I (2) Estágio II (3) Estágio III
 (4) Estágio IV (5) Estágio V (6) Estágio VI

Entre as figuras abaixo, escolha a que mais assemelha o seu corpo.
Você deve escolher uma na posição de frente, uma na posição de costas,
e uma na posição de lado.
Escreva as diferenças que existem entre as figuras escolhidas e seu corpo.
Se existir diferenças entre as figuras escolhidas e seu corpo, descreva-as
no espaço abaixo.

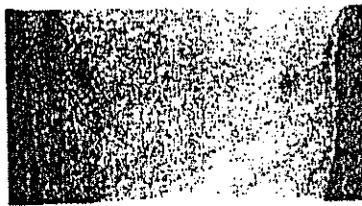


Estados de Desenvolvimento Mamário

III - 1



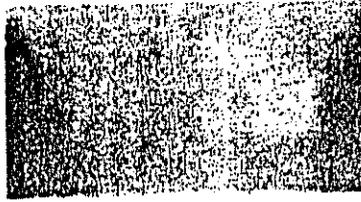
M1



Estágio I - Mamas são infantis, com elevações ao nível do buco do seio.



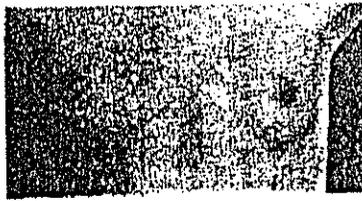
M2



Estágio II - Broto mamário na forma de pequena saliência pela elevação da mama e papila. Aumento do diâmetro.



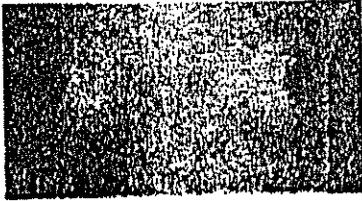
M3



Estágio III - Aumenta o tamanho da mama e areola sem separação de seus contornos.



M4



Estágio IV - Projeção da areola e do buco do seio, formando uma pequena saliência acima da mama.



M5

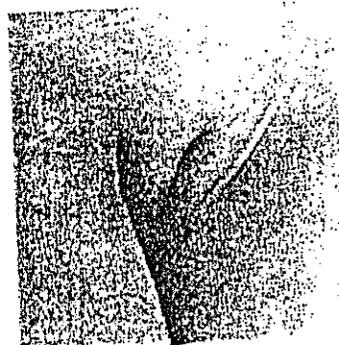
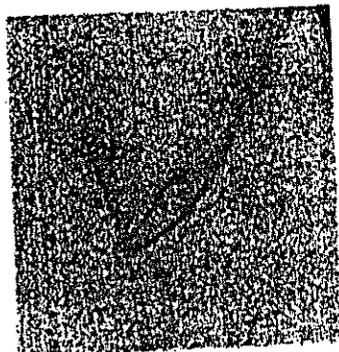


Estágio V - Mamas com aspecto adulto, com retração da areola para o contorno da mama.

Gráus de Desenvolvimento da Pelúgena Pubiana

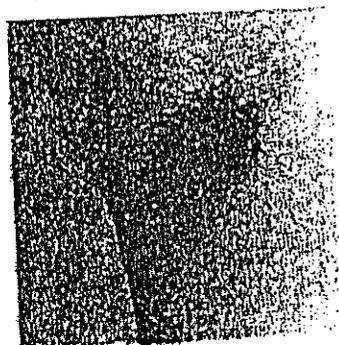
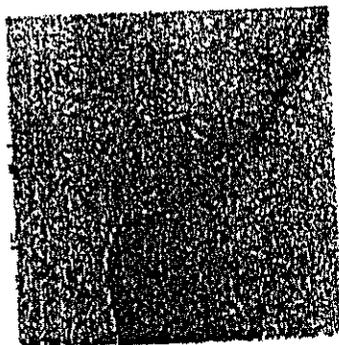
1112 4

Estágio I : Não há pêlos púbicos verdadeiros. Pode-se encontrar uma fina penugem sobre a púbis.



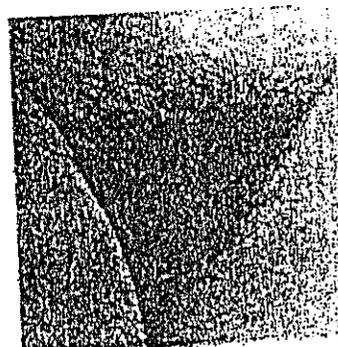
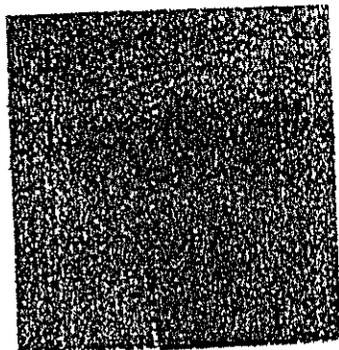
Estágio II . Crescimento espesso de pêlo levemente encaracolado, começa na maioria, internamente das lábios maiores.

Estágio III : O pêlo espalha-se pela sínfise púbica, é mais grosso e geralmente mais encaracolado.



Estágio IV - O pêlo já está com características adultas mas cobre uma área consideravelmente menor que na maioria dos adultos.

Estágio V : O pêlo está distribuído em um triângulo invertido como na mulher adulta.



Estágio VI - Os pêlos atingem a face medial das coxas mas não a linha alba ou qualquer outro local acima da base do triângulo.

